

AUGUSTUS
NICODEMUS LOPES



Apóstolos
verdade bíblica sobre o apostolado



A questão do apostolado é da maior urgência. Vemos o grande crescimento do número de líderes no meio protestante evangélico que se apresentam como apóstolos de Jesus Cristo, reivindicando autoridade e poder apostólicos.

Todavia, é minha firme convicção de que não existem mais apóstolos como os doze apóstolos de Jesus Cristo e o apóstolo Paulo!

O estudo que ofereço neste livro, tem como alvo contribuir para o surgimento de uma liderança sadia e bíblica na igreja evangélica brasileira, que seja de acordo com os moldes da Palavra de Deus, composta de homens desejosos de honrar a Deus e pregar o verdadeiro Evangelho de Cristo para a salvação de pecadores e edificação do seu povo, sem mutilar os ofícios bíblicos de liderança e, como se vê em alguns casos, torná-los meio de promoção pessoal e lucro.

Augustus Nicodemus Lopes

Em certo nível, este livro sobre apóstolos de Augustus Nicodemus cobre um assunto que já tem sido trabalhado no passado e apresenta um ensino que, infelizmente, tem sido esquecido. Temos aqui uma pesquisa competente que nos lembra o que é, o que diz e o que faz o apóstolo do Novo Testamento; por que eram doze? Onde o apostolado de Paulo se encaixa nessa equação? Em um outro nível, este livro de modo inteligente oferece uma reveladora perspectiva de movimentos contemporâneos que promovem os “apóstolos modernos” não só no Brasil, mas também em movimentos análogos em outras partes do mundo. Espero que este livro seja amplamente lido!

D. A. Carson – Professor Pesquisador de Novo Testamento
do *Trinity Evangelical Divinity School*; cofundador do Ministério
The Gospel Coalition, Deerfield, Ilinóis, EUA.

Estou grato por Dr. Augustus Nicodemus ter trabalhado este assunto tão vital e relevante da forma como ele o fez. Ele trata de algo fundamental para estabelecer a autoridade final das Escrituras.

Iain Murray – Historiador; Fundador da editora britânica
The Banner of Truth, Edimburgo, Escócia.

Depois de oferecer à igreja evangélica brasileira obras que se tornaram referências, como *O que você precisa saber sobre batalha espiritual* e *A Bíblia e seus intérpretes*, Augustus Nicodemus Lopes nos oferece mais um importante livro, no qual, firmado nas Escrituras Sagradas - a única revelação salvadora de Deus -, investiga com profundidade o significado do apostolado no Novo Testamento e na história da igreja, assim como no moderno movimento de restauração do apostolado no Brasil e no exterior. Uma obra essencial para entender e refutar biblicamente as supostas reivindicações da “nova reforma apostólica”.

Franklin Ferreira - Diretor e professor de Teologia Sistemática e História da Igreja no Seminário Martin Bucer, São José dos Campos, SP.

Nunca faltou na Igreja de Jesus Cristo aqueles que propunham introduzir, no seio da Assembleia dos fiéis, novidades, erros e heresias. Algumas das novidades, é claro, apresentaram mais perigo enquanto outras não passaram de distrações, sem, contudo, deixarem de ser problemáticas. Felizmente, nunca faltaram líderes e mestres das Escrituras para chamar a Igreja de volta às bases bíblicas da nossa fé. Suas obras se tornaram “clássicos” da literatura cristã. Quanto maior a ameaça, mais monumental a polêmica em torno dela e, conseqüentemente, o seu marco na história da Igreja.

O Reverendo Augustus é um mestre das Escrituras por excelência. Neste livro, ele assume a pasta de um polemista para ajudar a nortear a Igreja dos nossos tempos em relação a este movimento que, no mínimo equivocado, tem o potencial de ser danoso à vida da Igreja. É uma obra que chega em boa hora.

Walter McAlister - Bispo Primaz da Aliança das Igrejas Cristãs Nova Vida, Rio de Janeiro, RJ.

Não é difícil encontrar aqueles que têm zelo por controvérsia, mas sem entendimento e aqueles com conhecimento mas sem o zelo para defendê-lo. Mais difícil de achar são aqueles como Dr. Nicodemus. Ele tem um conhecimento profundo das Escrituras, da teologia e do movimento da “Nova Reforma Apostólica”. Ao mesmo tempo, ele não é apenas um teólogo de gabinete, mas um cuidadoso pastor que está debaixo da autoridade de Cristo. Como um reformador da igreja brasileira, o irmão Augustus tem sido um grande exemplo para mim ao longo dos anos. Alguns leitores podem até discordar de suas conclusões, mas ninguém que leva a sério as Escrituras poderá descartar seus alertas ou os argumentos que ele edifica a partir da Bíblia, para refutar esse sério erro do movimento apostólico moderno. Mal posso esperar para que este livro seja publicado também em inglês!

Michael Horton – Professor de Teologia Sistemática e Apologética da cadeira “J. Gresham Machen”, do Westminster Seminary, California, EUA.

O Reverendo Augustus Nicodemus soube tratar do tema deste livro com equilíbrio, firmeza e fundamentação bíblica, além da extensa bibliografia consultada. É uma obra necessária para o momento atual por trazer luz à verdade sobre o colégio apostólico e o apostolado, que alguns insistem em “ressuscitar” nos dias de hoje, criando uma espécie moderna de sucessão apostólica, parecida com o papismo, a qual não encontra qualquer respaldo na Escritura. O autor, pelas suas qualidades no campo do saber teológico, foi a pessoa certa para tratar do assunto, e nós, leitores, somos brindados com uma obra relevante. É leitura recomendável e mais que urgente!

Geremias Couto – Assembleia de Deus: Pastor,
jornalista e escritor, Teresópolis, RJ.

Uma das questões mais importantes que uma pessoa pode perguntar é: “Onde encontramos a autoridade final para direcionar nossas crenças, adoração e obediência a Deus?” Esta questão é inseparavelmente ligada aos apóstolos enviados pelo Senhor Jesus. Hoje ouvimos de pessoas que dizem falar com autoridade apostólica, como se vê no catolicismo romano e no movimento carismático. Será que deveríamos segui-los? Neste estudo claro e cuidadoso das Escrituras, o Dr. Augustus Nicodemus apresenta o significado, as marcas e a missão de um verdadeiro apóstolo – com implicações muito sérias para a igreja moderna.

Joel Beeke – Presidente e professor do *Puritan Reformed
Theological Seminary*, Grand Rapids, Michigan, EUA.

O livro “Apóstolos – a verdade bíblica sobre o apostolado” é o melhor livro sobre o tema já publicado no Brasil. Com o brilhantismo de sempre o Reverendo Augustus Nicodemus brinda a igreja brasileira com um texto rico, profícuo e extremamente edificante. Esta obra veio no momento certo, e acredito que ajudará pastores, líderes e a Igreja desta nação a entender, à luz das Escrituras, o significado e o papel dos apóstolos. Recomendo a leitura!

Renato Vargens - Escritor e pastor da Igreja Cristã da Aliança, Niterói, RJ.

O livro que o leitor tem em mãos estabelece um marco divisor na compreensão do apostolado segundo o ensino das Escrituras, trazendo implicações tanto para a estrutura de governo eclesiástico como para o papel, limites, desígnios e autoridade da liderança na igreja de Jesus Cristo. Um estudo bíblico, preciso, desafiador e profundamente relevante e atual, tendo em vista a crescente tendência, no Brasil e em outros países, do uso (impróprio, como denuncia o autor) do termo “apóstolo”. Sou profundamente grato ao meu prezado amigo, Dr. Augustus Nicodemus, por haver preparado este livro. Estou certo que seu estudo fará muito bem aos leitores e oferecerá uma direção mais segura e bíblica para o entendimento correto do ensino bíblico sobre o apostolado.

Tiago J. Santos Filho – Editor-Chefe, Editora Fiel,
São José dos Campos, SP.

AUGUSTUS
NICODEMUS LOPES



Apóstolos
verdade bíblica sobre o apostolado

 **FIEL**
Editora

L864a Lopes, Augustus Nicodemus
 Apóstolos : a verdade bíblica sobre o apostolado /
 Augustus Nicodemus Lopes – São José dos Campos, SP :
 Fiel, 2014.

360 p. ; 23cm.

Inclui índice, bibliografia e referências bibliográficas.
ISBN 978-85-8132-191-2

1. Apostolado. 2. Teologia Sistemática. 3. Apologética
cristã. I. Título.

CDD: 262

Catálogo na publicação: Mariana C. de Melo – CRB07/6477

**APÓSTOLOS – A verdade bíblica sobre
o apostolado.**

por Augustus Nicodemus Lopes

Copyright © 2014 Augustus Nicodemus Lopes



Todos os direitos em língua portuguesa reservados
por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR
QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA
DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM
INDICAÇÃO DA FONTE.

Copyright © 2014 Editora Fiel

Primeira Edição: Setembro de 2014.



Diretor: James Richard Denham III

Editor: Tiago J. Santos Filho

Revisão: Marilene L. Paschoal

Colaboração: Franklin Ferreira

Diagramação: Rubner Durais

Capa: Rubner Durais

ISBN: 978-85-8132-191-2



Caixa Postal 1601

CEP: 12230-971

São José dos Campos, SP

PABX: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

Sumário

Introdução	9
------------------	---

Parte I – O Conceito de Apóstolo no Novo Testamento

Capítulo 1 – O Significado e a Origem do Termo “Apóstolo”	23
Capítulo 2 – Os Doze	39
Capítulo 3 – Paulo.....	61
Capítulo 4 – Outros Apóstolos.....	97
Capítulo 5 – “Apóstolo” era um Dom Espiritual?.....	123
Capítulo 6 – Falsos Apóstolos e Superapóstolos	143

Parte II – Os Continuadores da Obra Apostólica

Capítulo 7 – Judas Iscariotes, Tiago e os Presbíteros da Judeia	155
Capítulo 8 – Paulo e os Presbíteros das igrejas gentílicas	165
Capítulo 9 – Timóteo e Tito: Bispos?	173
Capítulo 10 – Os Escritos Apostólicos	189
Capítulo 11 – Movimentos Precursores de Restauração Apostólica	197

Parte III – Uma Análise do Movimento de Restauração Apostólica

Introdução	225
Capítulo 12 – Os Pioneiros do Movimento de Restauração Apostólica.....	229
Capítulo 13 – C. Peter Wagner.....	237
Capítulo 14 – Os Conceitos Centrais da Nova Reforma Apostólica	255
Capítulo 15 – Rony Chaves e sua Influência no Brasil	269
Capítulo 16 – A “Nova Reforma Apostólica” no Brasil.....	285
Capítulo 17 – Análise Crítica da Nova Reforma Apostólica.....	321
Conclusão	333
Índice Completo	337
Bibliografia.....	343

Introdução

“A Igreja Primitiva foi a oferta das primícias, mas esta [a atual, ou a dos últimos dias] vai ser a colheita. Dizem que o apóstolo Paulo transtornou o mundo, mas sobre os apóstolos a serem ungidos, brevemente vão dizer que eles transtornaram o mundo para melhor.”¹

Quando morei nos Estados Unidos entre 1991 e 1993, como estudante de doutorado no *Westminster Theological Seminary*, conheci um crente firme e dedicado na igreja presbiteriana que frequentávamos com nossas famílias. Ele tinha uma pequena empresa de pintura de casas e prédios. Durante as férias de verão, trabalhei para ele, como parte de sua equipe. Além da renda adicional muito bem vinda, eu apreciava o tempo que passávamos juntos, raspando paredes, aplicando massa e depois tinta e conversando sobre a vida cristã e teologia. Meu amigo tinha uma tese que repetia todo dia: a igreja havia se perdido em teorias e doutrinas e esquecido a parte prática do cristianismo. Por ser crítico da igreja, ele nunca aceitou o cargo de presbítero que lhe era constantemente oferecido. Ele sempre me provocava perguntando qual o benefício que meus estudos iriam trazer a mim e à igreja em termos práticos. Ele preferia trabalhar como leigo, evangelizando e discipulando as pessoas e fazendo obra social. A sua dedicação maior era em Uganda, na

¹ Rick Joyner, *The Harvest Morning Star*, set/1990, pp. 128/129.

África, para onde viajava pelo menos uma vez por ano para ficar umas semanas ajudando os cristãos africanos a construir casas e instalações para assistir aos pobres. Tornamo-nos bons amigos, apesar das discussões.

Voltei para o Brasil após o doutorado e nunca mais o vi, até regressar para Westminster como pesquisador visitante, vinte anos depois, no verão de 2013. O tema da minha pesquisa foi o apostolado no Novo Testamento e seu desenvolvimento na história da igreja. O resultado é este livro que o leitor tem em mãos. Reencontrei o meu amigo e, para minha surpresa, ele me contou que havia sido consagrado como apóstolo na igreja de Uganda, por uma apóstola que tinha inclusive o dom de curar. Ali estava eu diante de um caso ao vivo e a cores do objeto da minha pesquisa. Durante a conversa tentei entender a compreensão que ele tinha do seu cargo de apóstolo. Para ele, ser apóstolo não significava ser igual aos doze e a Paulo, mas apenas um pioneiro, um missionário. Foi nesse sentido que ele recebeu o título oferecido pelos cristãos ugandenses, muito embora ele tenha admitido que a apóstola que o consagrou exercia plena autoridade sobre os pastores, obreiros e membros da igreja.

O fato de que ele havia sido criado em uma família evangélica tradicional e que sempre havia se recusado a aceitar títulos e honrarias tornou, para mim, sua consagração como apóstolo bastante reveladora de como o conceito de “apóstolos modernos” está se tornando comum. O ofício de apóstolo representa um apelo até mesmo para cristãos que tiveram uma base doutrinária mais consistente. Ao mesmo tempo, percebi como o conceito de apostolado tem sido mal entendido e empregado em nossos dias.

Estes acontecimentos me deixaram ainda mais convencido da atualidade, relevância e necessidade de uma pesquisa sobre a natureza do ofício apostólico nas Escrituras e sua continuação ou não para os nossos dias. Em anos recentes, vem surgindo em todo o mundo um crescente número de apóstolos, redes apostólicas e ministérios apostólicos como resultado do que tem sido chamado de reforma apostólica – que seria, como alegam os proponentes desse movimento, um complemento à Reforma do século XVI que teria deixado inacabado o restabelecimento dos dons espirituais na igreja.

No Brasil, o movimento neo-apostólico vem crescendo a olhos vistos. Redes apostólicas diferentes vêm sendo criadas, com centenas de apóstolos afiliados. Boa parte destas redes está associada à *Coalizão Internacional de Apóstolos*, liderada no mundo pelo “apóstolo” Peter Wagner, bem conhecido no Brasil pelos seus livros sobre batalha espiritual, e, mais recentemente sobre a restauração do ministério apostólico. Esta Coalizão é representada no Brasil pelo “apóstolo” Renê de Araújo Terra Nova. Em 2005, foi criado o *Conselho Apostólico Brasileiro*, que conta nas suas fileiras com “apóstolos” brasileiros como Neuza Itioka, Valnice Milhomens, César Augusto, Dr. J. Moura Rocha, Josimar Salum, Estevam Hernandes, Marco Antônio Peixoto, Márcio Valadão, Jeshar Cardoso, Arles Marques, Francisco Nicolau, Sinomar Fernandes, Paulo Tércio, Alexandre Nunes, Paulo de Tarso, Ebenézer Nunes, Mike Shea, Dawidh Alves, Luiz Scultori Jr., Hudson Medeiros, entre outros. O propósito do *Conselho* é comandar e dirigir os ministérios apostólicos existentes no Brasil, oferecendo “cobertura apostólica” aos mesmos.

Debaixo deste *Conselho*, estão as Redes Apostólicas estaduais. De acordo com o “apóstolo” Walter Cristie Silva Aguiar, de São Gonçalo, RJ:

As Redes Apostólicas são importantes organizações apostólicas. As Redes Apostólicas nasceram com a restauração desse importante ofício ministerial (o de apóstolo), intimamente ligado ao governo da Igreja, atuando como um organismo que propicia a necessária cobertura espiritual, a amizade, a confiança, o respeito a “alguém”, cujo caminhar com Cristo pode servir de exemplo, pode ser inspirador, pode ser sentido como paternal. Elas interligam não apenas apóstolos, mas também profetas, pastores, bispos, ministros e igrejas em geral. Por isso cremos que a Nova Reforma da Igreja Evangélica no mundo caminhará liderada pelo ministério apostólico.²

2 E-mail enviado em 18 de setembro de 2013 por Walter Cristie Silva Aguiar, membro da direção da Rede Apostólica do Rio de Janeiro, a centenas de pastores, bispos e apóstolos, com o título “Adesão a Coalizão Apostólica Internacional”, convidando os destinatários a um evento sobre o tema e a se cadastrarem como filiados da Coalizão.

É preciso, antes de iniciarmos nossa jornada, esclarecer alguns princípios fundamentais que irão nortear essa caminhada. O primeiro é nosso compromisso inabalável com a posição histórica tradicional quanto à autoria dos Evangelhos, do livro de Atos, das cartas de Paulo, das cartas gerais e do Apocalipse. Ou seja, os mesmos foram escritos pelos apóstolos de Cristo ou por pessoas a eles associadas, ainda no século I. Como veremos mais adiante, esse ponto é essencial para reconstruirmos o conceito de apostolado na igreja primitiva.³ Rejeitamos, aqui, o conceito de uma produção tardia para Lucas-Atos e os Evangelhos e a teoria *deutero-paulina*, que limita a autoria paulina somente a Romanos, Gálatas, 1 e 2 Coríntios.

O segundo pressuposto, bastante próximo do anterior, é a concordância fundamental entre Lucas-Atos e Paulo no emprego do termo apóstolo, embora isso não seja feito de modo totalmente unificado. Muitos, geralmente no campo do liberalismo teológico, colocam Lucas-Atos contra os escritos de Paulo, como se ambos contivessem duas concepções completamente diferentes de apóstolo.⁴ Argumentam que foi Paulo quem primeiro popularizou e cristalizou o conceito de apóstolo com base nos missionários cristãos primitivos e que a igreja judaico-cristã, mais tarde, diante do apelo que os gnósticos estavam fazendo aos escritos de Paulo, combateu esta tendência criando a ideia de que somente os doze discípulos de Jesus é que eram realmente apóstolos, deixando Paulo de fora. De acordo com esta teoria, Lucas-Atos foi escrito no século II para promover o apostolado dos doze e excluir Paulo. Todavia, mesmo se Lucas-Atos fôsse um produto tardio da igreja, não restaria dúvida de que Paulo é o herói de Lucas, que registra três vezes o seu chamado apostólico pelo Cristo ressurreto, além de chamá-lo de apóstolo duas vezes (At 14.4,14).

3 Francis H. Agnew traz numa nota um resumo desta tendência nos estudos acadêmicos, cf. "The Origin of the NT Apostle-Concept: A Review of the Research," em *JBL* 105/1 (1986), 78 n13.

4 Para as alegadas diferenças, veja Agnew, "The Origin of the NT Apostle-Concept," 77 n2; e John Andrew Kirk, "Apostleship since Rengstorff: towards a synthesis," em *New Testament Studies* 21/2 (1975), 252 (ele questiona os pressupostos dos que alegam estas discrepâncias). C. K. Barrett defende que as concepções de Paulo e dos apóstolos de Jerusalém são diferentes ("Shaliyah and Apostle," em *Donum Gentilicum: New Testament Studies in Honor of David Daube*, ed. E. Bammel, et alii, [Oxford: Clarendon Press, 1978]), 100-101, mas a solução dele de que Paulo foi o inventor do conceito de apóstolo não traz nenhuma evidência convincente.

Em terceiro lugar, assumimos que os conceitos de *carisma* e *ofício* coexistiam desde cedo na igreja primitiva. Essa é uma consequência natural da aceitação dos dois primeiros pontos acima, especialmente do primeiro. Aqui rejeitamos a reorganização da história da igreja primitiva, partindo do conceito de que os carismas vieram primeiro e que os ofícios são uma construção posterior do catolicismo incipiente do século II em diante.

Finalmente, assumimos a harmonia fundamental que havia entre os doze e Paulo, ao contrário de F. C. Baüer e sua escola, que usando a dialética de Hegel postulou um conflito fundamental entre o cristianismo petrino e o paulino. Este tipo de abordagem hegeliana só é possível se rejeitarmos os pontos anteriores.

A grande maioria dos estudiosos, de todas as linhas e correntes de interpretação, aceita que havia basicamente três grupos no início da igreja cristã que eram reconhecidos como apóstolos: (1) os doze (incluindo aqui Tiago e Judas, talvez), (2) Paulo, uma categoria em si mesmo, e (3) enviados de igrejas locais, quer delegados ou missionários. A grande questão é a ordem histórica em que essas pessoas receberam o *status* de apóstolo e o significado do termo em cada uma destas categorias. É aqui que as convicções acerca da datação e autoria dos Evangelhos, do livro de Atos, e das cartas atribuídas a Paulo, farão toda a diferença quanto à resposta.

De um lado, temos os que mantêm a posição histórica quanto aos livros do Novo Testamento, ou seja, que foram escritos pelos apóstolos ou por alguém associado a eles, ainda no século I, no mais tardar pouco depois da destruição de Jerusalém (ano 70 d.C.). Para estes, a ordem histórica em que estas pessoas foram nomeadas apóstolos é a seguinte: (1) Jesus foi quem primeiro chamou seus doze discípulos de apóstolos, um título com conteúdo administrativo, missionário, autoritativo, eclesiástico e escatológico; (2) Paulo veio em seguida, como um nascido fora de tempo, mas igual aos doze em todas as coisas; (3) na mesma época de Paulo, outros foram chamados de apóstolos no sentido de missionários e delegados das igrejas, sem o mesmo *status* de Paulo e dos doze. Com o passar do tempo, com as necessidades advindas dos

confrontos com heréticos, gnósticos e falsos apóstolos e profetas, os Pais da Igreja restringiram o termo aos doze e a Paulo e consideraram a época deles como a “era apostólica”, já passada e terminada. De acordo com esta posição, não há qualquer diferença fundamental no conceito de apóstolo entre Paulo e Lucas.

Do outro lado, temos os que acreditam que os Evangelhos, Atos e a maioria das cartas de Paulo, bem como o restante do Novo Testamento, foram escritos no final do século I ou início do século II, não pelos apóstolos, mas por admiradores, imitadores ou comunidades que traziam tradições relacionadas a eles. Para estes, a ordem histórica em que o título “apóstolo” foi atribuído foi esta: primeiro, os missionários cristãos foram chamados de apóstolos, designação sem qualquer conotação administrativa, autoritativa, eclesiástica ou escatológica.⁵ Depois, surge Paulo, que se apropria do título e lhe confere contornos autoritativos e escatológicos. Finalmente, numa reação a Paulo, a igreja do final do século I e início do século II passa a considerar os doze discípulos de Jesus que iniciaram a igreja cristã em Jerusalém, depois de mortos, como os únicos e legítimos apóstolos de Jesus Cristo. Esta reação também teria se dado pelo fato de que os gnósticos no século II reivindicavam ser os legítimos representantes e intérpretes do pensamento de Paulo. Para esta linha de pensamento, da qual discordamos, Lucas-Atos é uma fabricação deste período posterior com a intenção de legitimar esta visão crescente de canonização e exclusividade dos doze. De acordo com esta posição, não se percebe, nas cartas autênticas de Paulo, especialmente Gálatas, Romanos e 1 e 2 Coríntios, que foram escritas bem mais cedo, qualquer noção de que havia já um grupo exclusivo de doze apóstolos de Jesus Cristo. Ainda conforme esta linha de pensamento, as cartas de Paulo apresentam uma visão de apostolado no mínimo diferente, se não conflitante, com aquela apresentada em Lucas-Atos.

O esclarecimento acima é necessário porque uma das mais influentes abordagens ao conceito de apostolado hoje parte deste último campo,

5 Como exemplo, cito Schuyler Brown, “Apostleship in the New Testament as an historical and theological problem,” em *New Testament Studies* 30/3 (1984), 474-480.

que utiliza o método histórico-crítico, com resultados desastrosos.⁶ Um exemplo típico desta abordagem é a obra de Walter Schmithals, *The Office of Apostle in The Early Church*⁷ (O ofício de apóstolo na igreja primitiva). Nela, Schmithals se propõe a responder às questões centrais relacionadas ao conceito de apóstolo e que foram levantadas pela crítica bíblica, a saber, quando os discípulos de Jesus passaram a ser reconhecidos como apóstolos? De onde vieram o conceito e o conteúdo do apostolado? Quão extenso era o círculo de apóstolos na época de Paulo? O que levou à limitação do círculo apostólico a Paulo e aos doze somente? Onde encontramos o início da sucessão apostólica?⁸ Em linhas gerais, Schmithals conclui, após intensa investigação, que o conceito dos doze cresceu dentro dos círculos do cristianismo da Palestina, que conhecia apenas as tradições sinóticas e nada de Paulo. O conceito dos “doze discípulos” foi “muito cedo retroprojetado na vida de Jesus,”⁹ e se elevou gradualmente à medida que se sentiu, na comunidade, a necessidade de autorizar as tradições remanescentes de Jesus. E depois, e somente depois que eles passaram a ser vistos como missionários aos gentios e ao mundo, é que receberam o título de “apóstolos.”¹⁰ Ou seja, de acordo com Schmithals, Jesus nunca, realmente, escolheu doze discípulos e os nomeou apóstolos, como lemos nos Evangelhos Sinóticos. As passagens nos Evangelhos que tratam disto são produções posteriores da igreja, na sua busca de validação para suas tradições, especialmente em reação ao gnosticismo, com seu apelo a Paulo e aos doze.¹¹

Para Schmithals, Lucas-Atos foi escrito no início do século II, perto do tempo de Marcião. Portanto, tudo o que encontramos sobre os apóstolos nessas duas obras refletem já uma situação posterior, em que

6 Sobre o método histórico crítico, veja Augustus Nicodemus Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004), 183-194; “O Dilema do Método Histórico Crítico” em *Fides Reformata* 10/1 (2005), 115-138; Eta Linnemann, *A Crítica Bíblica em Julgamento* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011);

7 Walter Schmithals, *The Office of Apostle in the Early Church* (New York: Abingdon Press, 1969).

8 Ibid., 19.

9 Ibid., 262.

10 Ibid.

11 Ibid., 71ss.

se procurava refutar os hereges como Marcião e os gnósticos, fechando o número dos apóstolos em doze. Segundo Schmithals, o autor de Lucas-Atos, no século II, é um dos responsáveis pela cristalização dos doze como os únicos apóstolos, e nem mesmo Paulo preenchia os requerimentos.¹² Ele também assume que grande parte das cartas paulinas são produtos do século II, junto com as de Pedro, Hebreus e outras. Sua análise pressupõe a bifurcação entre o cristianismo petrino, sediado em Jerusalém, e o paulino, sediado em Antioquia.¹³ Por fim, para ele, o apostolado primitivo cristão teve como protótipo o apostolado plural dos gnósticos, que ele considera como um movimento que cresceu ao mesmo tempo em que cresceu o cristianismo e o influenciou muito mais do que o cristianismo a ele.¹⁴

As inferências dessa abordagem são muito amplas. Se aceitarmos a proposta de Schmithals teremos de concluir que foi Paulo quem primeiro definiu o conceito de apóstolo. E, para ele, não era um ofício limitado aos doze discípulos de Cristo, mas uma designação ampla e geral. Na época de Paulo, não havia ainda o conceito dos doze apóstolos de Jesus Cristo, que só viria mais tarde, quando os Sinóticos fossem escritos entre o final do século I e início do II. Para Schmithals, os doze discípulos só foram chamados de apóstolos no início do século II, nos escritos daquela época, como Lucas-Atos e 1 Clemente, epístola de Barnabé, Apocalipse e o Didaquê, entre outros. O resultado prático dessa ideia é que a limitação dos apóstolos de Cristo somente aos doze discípulos e a Paulo se torna uma invenção posterior da igreja do século II, que nunca fez parte dos ensinamentos de Jesus e dos próprios discípulos originais. O número de apóstolos no início da igreja cristã era ilimitado. Sua restrição aos doze e a Paulo acabou por tolher este importante ministério para a igreja. Não é sem razão que alguns defensores da nova reforma apostólica adotam esta abordagem liberal em seu afã de justificar a continuidade dos apóstolos hoje.

12 Ibid., 258.

13 Ibid., 258-260.

14 Isso se deve à sua opinião de que a maioria dos livros do Novo Testamento foram escritos no final do século I ou início do século II, quando o gnosticismo já florescia como religião organizada.

As ideias de Schmithals sobre a origem do conceito de “apóstolo” no Novo Testamento não tem encontrado muitos seguidores.¹⁵ Na verdade, ela não tem tanta relevância assim para os fins a que nos propomos. Afinal, a maioria dos defensores da “nova reforma apostólica” se apresenta como recebendo a Bíblia como a Palavra de Deus e poucos deles estão familiarizados com a discussão crítica e acadêmica sobre o assunto de apostolado. Todavia, encontramos na obra de Schmithals e de outros autores liberais alguns conceitos que servirão de base às ideias relacionadas com a restauração do ofício de apóstolo em nossos dias. Um deles, por exemplo, é a sugestão de que o termo “apóstolo” era usado por muitas pessoas além dos doze e de Paulo, e com o mesmo sentido, indicando que havia muitos outros apóstolos como eles no primeiro século da igreja cristã. A conclusão deste raciocínio é que podemos e devemos, igualmente, ter apóstolos como eles em nossa própria época.

O objetivo deste livro é considerar os argumentos que servem de base para esta reivindicação. Na Parte I, pesquisaremos o conceito de apóstolo no Novo Testamento, sua origem e significado, a escolha dos primeiros apóstolos de Jesus Cristo e a limitação deles ao número de doze, bem como o apostolado de Paulo e sua relação com eles. Veremos ainda o caso das demais pessoas que são chamadas de apóstolos nos escritos neotestamentários e examinaremos a importante questão, se ser apóstolo era um dom espiritual.

A Parte II busca entender quem os apóstolos deixaram como continuadores de sua obra inicial e como eles pretendiam que esta obra fosse levada adiante. Veremos o aparecimento dos presbíteros ao lado dos apóstolos na liderança das igrejas e o significado de Timóteo e Tito para a questão do surgimento do conceito de bispo. A noção de que os escritos dos apóstolos funcionavam como substitutos para a presença pessoal deles também receberá a nossa atenção, bem como os primeiros movimentos dentro da igreja cristã que reivindicaram autoridade apostólica e que foram, em um sentido bem real, os precursores dos modernos apóstolos neopentecostais.

15 Veja uma análise crítica dela em Agnew, “The Origin of the NT Apostle-Concept,” 88-92; Barrett, “Shalvah and Apostle”, 93.

A Parte III consiste numa análise do movimento de restauração apostólica em nossa época, o qual promove a implantação do ofício de apóstolo e do governo apostólico nas igrejas evangélicas em todo o mundo. As ideias de C. Peter Wagner, considerado o patrono do movimento, serão analisadas, juntamente com os principais conceitos da “Nova Reforma Apostólica”, movimento por ele encabeçado. Os ensinamentos de Rony Chaves, que consagrou os primeiros “apóstolos” brasileiros também merecerão nossa atenção bem como as ideias e práticas destes “apóstolos” em nossa pátria. O livro termina com uma análise crítica dos conceitos centrais envolvidos com a busca da restauração do ofício de apóstolo para os nossos dias.

Nosso alvo com tudo isto é contribuir para o surgimento de uma liderança sadia e bíblica na igreja evangélica brasileira, que seja de acordo com os moldes da Palavra de Deus, composta de homens desejosos de honrar a Deus e pregar o verdadeiro Evangelho de Cristo para a salvação de pecadores e edificação do seu povo, sem fazer dos ofícios de liderança meio de promoção pessoal e lucro.

Muitas pessoas contribuíram para a elaboração, preparação e publicação desta obra. Entre elas gostaria de mencionar o Rev. Francisco Leonardo Schalkwijk, que leu e comentou boa parte dos manuscritos. Renato Vargens, Eric Cunha, Miriane Brossard e Franklin Ferreira forneceram informações valiosas e importantes sobre os “apóstolos” brasileiros. Tiago J. Santos Filho, editor-chefe da Editora Fiel, acompanhou o processo final com sugestões preciosas e encorajamento.

A todos eles, e a vários outros não mencionados, estendo a minha gratidão.



Parte 1

O Conceito de Apóstolo no Novo Testamento

Capítulo 1

O Significado e a Origem do Termo “Apóstolo”

O termo ἀπόστολος, “apóstolo,” ocorre 81 vezes no texto grego do Novo Testamento.¹ O número maior de ocorrências é na obra de Lucas: 36 vezes, sendo 29 em Atos e 7 no Evangelho que traz o seu nome. Em seguida vem Paulo: 34 ocorrências em suas cartas. “Apóstolo” aparece ainda 3 vezes em Apocalipse, 2 em 2Pedro e uma vez em Mateus, Marcos, João, Hebreus, 1Pedro e Judas.²

Destas ocorrências, 37 se referem claramente aos doze discípulos de Jesus, cujos nomes aparecem em várias listas, e que foram pessoalmente chamados por ele.³ O termo também é usado cerca de 17 vezes para se referir a Paulo, quer por Lucas no livro de Atos, quer pelo próprio Paulo

1 Destas, 2 são incertas porque ocorrem em versículos sobre os quais há disputa quanto a leitura original (Lc 9.1; At 5.34). Adotamos em nossa pesquisa o texto grego Nestle-Aland 27ª edição. A adoção do texto crítico não significa um endosso incondicional ao mesmo. Onde mais correto, optaremos pela leitura do texto Majoritário.

2 Em sua única ocorrência em João, ἀπόστολος é traduzido como “enviado” no sentido geral do termo, sem referência aos Doze, cf. Jo 13.16. O conceito de apostolado em João, todavia, não está ausente, e é expressado no uso do verbo “enviar” e seus derivados, como veremos mais adiante.

3 As listas aparecem em Mt 10.2-4; Lc 6.13-16; Mc 3.13-19; At 1.13.

em suas cartas.⁴ Outras pessoas são referidas como apóstolos cerca de 14 vezes.⁵ Em 11 referências não é claro a quem o termo é aplicado.⁶ E há em torno de 3 referências ao dom ou ministério do apóstolo. A palavra “apostolado” ocorre 4 vezes, sendo 1 em Atos e 3 nas cartas de Paulo com o sentido do ofício ou cargo de apóstolo.⁷

O termo “apóstolo” no mundo grego

“Apóstolo” é a tradução da palavra grega ἀπόστολος, que significa “enviado”. Esse é seu sentido básico. A palavra já era conhecida antes de ser usada pelos autores do Novo Testamento, embora seu uso fosse raro.⁸ No mundo antigo, a palavra “apóstolo” tinha a ver com expedições marítimas, especialmente as de natureza militar, conforme registradas nos escritos de vários autores gregos da antiguidade.⁹ Significava simplesmente os navios que eram enviados em missões militares; uma expedição naval. Depois, veio a ser aplicado ao grupo de expedicionários que povoavam uma localidade e, posteriormente, ao comandante daquele grupo.¹⁰ Embora a ideia de enviar ou enviado esteja presente, nenhum destes usos corresponde à maneira como a palavra é usada no Novo Testamento, pois lhes falta o componente de enviados com autoridade e com poderes de representação. O sentido geral era simplesmente o de alguém que era um emissário. Em papiros datados da mesma época do Novo Testamento, a palavra aparece com outro sentido, o de uma fatura de uma remessa via marítima ou de um passaporte.¹¹ Ou seja, não será na literatura grega de

4 Cf. At 14.4; 14.14; Rm 1.1; 1.5; 11.13; 1Co 1.1; 9.1; 2Co 1.1; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Ts 2.7; 1Tm 1.1; 2.7; 2Tm 1.1; 1.11; Tt 1.1

5 Cf. Jo 13.16; At 14.4; 14.14; 2Co 8.23; 11.5; 11.13; 12.11; Fp 2.25; 1Ts 2.7; Hb 3.1; 1Pe 1.1; 2Pe 1.1; Ap 2.2; 18.20.

6 Cf. Lc 11.45; Rm 16.7; 1Co 4.9; 9.5; 12.28; 15.7; 15.9; Gl 1.19; Ef 2.20; 3.5; 2Pe 3.2.

7 Cf. At 1.25; Rm 1.5; 1Co 9.2; Gl 2.8. Nestas ocorrências “apostolado” é usado com respeito aos Doze e a Paulo somente.

8 Veja Agnew, “The Origin of the NT Apostle-Concept,” 75.

9 Cf. K. H. Rengstorff, ἀπόστολος, em TDNT - *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964) vol. 1, p. 407ss.

10 Cf. Schmithals, *The Office of Apostle*, 96-97.

11 Rengstorff, ἀπόστολος, 408ss.

antes e durante o período apostólico que encontraremos paralelos que nos ajudem a entender o surgimento do emprego do termo “apóstolos” por Jesus e seus seguidores.¹²

Tem sido apontado que entre os filósofos estoicos e cínicos, havia a consciência de que eram enviados dos deuses, especialmente de Zeus, a divindade suprema, para investigar os erros e fraquezas humanas e consertá-las mediante o discurso e o arrazoador. Assim, o cínico se considerava um κατάσκοπος, um espião de Zeus entre a humanidade.¹³ Todavia, além de faltar neste conceito outros elementos peculiares ao termo “apóstolo”, como usado no Novo Testamento, não temos como provar a presença e a influência do estoicismo na Palestina, onde provavelmente se originou este uso, como veremos em seguida.

Jesus como originador do termo

É mais provável que encontraremos o *contexto* do conceito de “apóstolo” no mundo judaico.¹⁴ Conforme o Evangelho de Lucas, foi Jesus quem primeiro usou a palavra no período do Novo Testamento, para com ela designar os doze discípulos que havia escolhido: “E, quando amanheceu, [Jesus] chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos” (Lc 6.13).¹⁵ Desde que Jesus e todos os judeus de sua época na Palestina falavam o aramaico, é provável que ele usou o termo aramaico *shaliah*, do verbo שלח, “enviar”, que foi traduzido por Lucas e demais autores como ἀπόστολος.¹⁶

12 De acordo com Rengstorff (p.408), também encontramos na LXX, Josefo e Filo o emprego desta palavra no mesmo sentido em que ela é usada no Novo Testamento.

13 Ibid., 409.

14 Barrett (“*Shaliah* and Apostle,” 100ss) rejeita uma origem inteiramente grega ou gnóstica, mas sua conclusão de que a origem está em Paulo e no ambiente helenista-judaico não traz nenhuma evidência.

15 No relato paralelo de Marcos (3.14) alguns poucos manuscritos inserem [οὓς καὶ ἀποστόλους ὠνόμασεν] “aos quais também chamou de apóstolos” após a frase “Então, designou doze...”. A NVI e a NTLH seguiram esta variante: “Escolheu doze, designando-os apóstolos...” (Mc 3.14). Esta variante é omitida na grande maioria dos manuscritos e versões antigas e talvez seja a tentativa de um escriba de harmonizar a introdução da lista de Marcos com a de Mateus e Lucas, onde os doze são chamados de apóstolos. Marcos também os designa como apóstolos ao narrar o retorno deles com o relatório da missão, Mc 6.30, a única vez em que ele usa o termo (cf. Lc 9.10).

16 Cf. Rengstorff, ἀπόστολος, p. 428-429.

Estudiosos críticos argumentam que o registro de Lucas de que foi Jesus quem chamou seus doze discípulos de “apóstolos” (Lc 6.13b) não reflete o acontecimento histórico. A expressão “a quem deu o nome de apóstolos” teria sido um acréscimo do redator do Evangelho de Lucas, no afã de dar legitimidade ao conceito de apóstolo como um ofício da igreja cristã já institucionalizada. O suposto redator, neste propósito, atribui a Jesus a origem do nome de apóstolo para os seus doze discípulos, quando na verdade o ofício de apóstolo tinha sido um desenvolvimento posterior da igreja cristã primitiva, algum tempo depois de Jesus.¹⁷ Os defensores desta hipótese argumentam que provavelmente foi Paulo quem deu os contornos da função e que devemos buscar nele a origem do conceito.¹⁸

Se algumas das cartas de Paulo foram escritas antes dos Evangelhos, como geralmente se acredita, ele foi o primeiro a empregar o termo por escrito na literatura canônica. Mas, fica claro que Paulo não criou o termo, pois ele reconhece a existência de pessoas que eram chamadas de apóstolos antes dele: “Nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim” (Gl 1.17; cf. 1Co 15.7). A não ser que duvidemos da historicidade do Evangelho de Lucas e atribuamos esta designação dos doze como “apóstolos” a uma inserção dele nas fontes recebidas, Lucas 6.13 deixa claro que foi Jesus quem primeiro designou os seus doze discípulos como “apóstolos”. A partir deste momento, Lucas se refere aos doze diversas vezes como “os apóstolos” mesmo em situações em que os mesmos demonstravam suas fraquezas (cf. Lc 17.5; 22.14; 24.10).

17 Cf. Agnew, “The NT Apostle-Concept,” 78 n13. Contudo, veja uma excelente defesa da historicidade da passagem em Kirk, “Apostleship Since Rengstorf,” 258-257. Ele argumenta, entre outras coisas, que se a origem do conceito de apóstolo é em Paulo, por que ele tanto defende seu apostolado em 1 e 2 Coríntios e Gálatas, quando a ideia de um apostolado oficial ainda não existia? (p. 260). Kevin Giles, de maneira incongruente, diz acreditar nos relatos dos Evangelhos, mas conclui que os doze só foram chamados de apóstolos depois da ressurreição, cf. Kevin Giles, “Apostles before and after Paul,” em *Churchman* 99/3 (1985), p. 241-256. Para outras defesas da historicidade da passagem, veja I. H. Marshall, *Luke: Historian and Theologian* (London: Exeter, 1970), 505; Andrew C. Clark, “Apostleship: Evidence from the New Testament and Early Christian Literature” em *Evangelical Review of Theology*, 13/4 (1989), 368-370.

18 Como, por exemplo, Theodore Kortwege, “Origin and Early History of the Apostolic Office,” em A. Hilhorst, ed., *The Apostolic Age in Patristic Thought* (Boston: Brill, 2004), 1-10.

O conceito de representação autorizada no Antigo Testamento

A questão é de onde Jesus tirou o termo "apóstolo" e em que sentido ele o usou para nomear os doze que escolheu. O mais provável é que encontremos a resposta nas Escrituras do Antigo Testamento e no mundo do judaísmo antigo.¹⁹

Há alguns episódios no Antigo Testamento que nos mostram que a *representação autorizada* era uma instituição conhecida no Antigo Oriente e entre os judeus. Os reis de Israel costumavam enviar súditos como seus representantes legais para o cumprimento de uma missão. Lemos que o rei Josafá, durante o grande avivamento espiritual em Israel em seus dias, "enviou" vários de seus príncipes para ensinarem a lei do Senhor nas cidades de Judá (2Cr 17.7-9). O verbo "enviou", que ocorre no v. 7, é ִּלְחָק , ("enviar"), que a LXX traduziu como $\alpha\pi\acute{\epsilon}\sigma\tau\epsilon\iota\lambda\epsilon\nu$, do verbo $\alpha\pi\omicron\sigma\tau\acute{\epsilon}\lambda\lambda\omega$ ("enviar") de onde vem o nome $\alpha\pi\acute{\omicron}\sigma\tau\omicron\lambda\omicron\varsigma$ ("enviado"). Esses príncipes enviados representavam Josafá e tinham autoridade para ensinar a lei de Deus, conforme designação do rei de Judá. Eles saíram de Jerusalém e foram até as cidades, em cumprimento de sua missão. A iniciativa foi totalmente do rei Josafá e era isto que dava autoridade aos enviados (cf. também 2Cr 30.1).

Outro episódio é o envio de emissários pelo rei Davi para buscar Abigail para ser a sua esposa. Abigail recebeu os enviados do rei como se fosse o próprio rei (1Sm 25.40-41). De acordo com o relato, os servos de Davi foram "mandados" (v. 40) por ele, isto é, enviados (ִּלְחָק , LXX $\alpha\pi\acute{\epsilon}\sigma\tau\epsilon\iota\lambda\epsilon\nu$, "enviar") como seus representantes para cumprir uma missão. E Abigail reconheceu neles os representantes oficiais do rei e os honrou como se fossem o próprio Davi.

"Enviados" de um rei eram considerados como o rei em pessoa, a ponto de que as ofensas feitas a eles eram consideradas como ofensas feitas ao próprio rei, como fica claro no episódio entre Davi e o rei Hanun, que desonrou os enviados de Davi para consolá-lo acerca da morte de seu pai.

19 Para uma posição similar, veja Agnew, "The NT Apostle-Concept," 82, 95.

Hanum rapou metade da barba deles e cortou suas túnicas à altura das nádegas e os mandou de volta a Davi (2Sm 10.1-6). A ofensa feita aos enviados de Davi foi tomada como ofensa contra ele. Não foi ignorada e deu origem a uma guerra violenta e implacável de Davi contra os amonitas.

Obviamente, a representação autorizada era uma instituição também conhecida em outras culturas do Antigo Oriente. O episódio da invasão de Judá pelo rei assírio Senaqueribe, que enviou como seu representante ao rei Ezequias o general Rabsaqué, com cartas e ameaças em nome do rei (Is 36.1-10), é um exemplo.

A familiaridade de Jesus com este conceito se reflete em algumas das instruções que ele passou aos doze. Ele lhes disse que aqueles que os recebessem estariam recebendo a ele próprio (Mt 10.40; Mc 9.37; Lc 9.48); quem os escutasse estariam escutando ao próprio Jesus e quem os rejeitasse rejeitariam a ele mesmo (Lc 10.16). Jesus lhes deu poderes para fazerem as mesmas coisas que ele fazia, como expelir demônios, curar doentes e pregar a chegada do Reino de Deus (Mc 3.14; 6.7; Lc 9.2). Desta forma, seria natural que o termo “apóstolo,” que traduz o aramaico *shaliah*, fosse usado pelo Senhor para designar os doze que ele havia escolhido para que levassem adiante a obra que ele havia começado, como seus representantes autorizados.

O conceito rabínico de *Shaliah*

Muitos têm apontado para o conceito rabínico do *shaliah*, encontrado na literatura rabínica datada a partir do século III, como o paralelo mais próximo ao conceito neotestamentário de apóstolo. De acordo com as fontes rabínicas, o *shaliah* era um enviado com poderes para realizar transações comerciais, celebrar casamentos, e era considerado como a própria autoridade que o enviou. Um conhecido defensor desta tese é K. H. Rengstorf, num artigo sobre apóstolo no *Theological Dictionary of the New Testament* (TDNT), que tornou-se a principal referência sobre este assunto.²⁰

20 Rengstorf, ἀπόστολος, p. 414ss.

A hipótese *shaliah*/apóstolo, apesar de toda a sua argumentação plausível e de oferecer uma boa solução para o problema, é enfraquecida pelo fato de que as fontes rabínicas usadas para documentar o conceito de *shaliah* são posteriores ao tempo do Novo Testamento.²¹ Além disto, como mostrou Schmithals, existem algumas diferenças fundamentais entre os dois conceitos.²² Como o próprio Rengstorff admite, o conceito de apóstolo "se opõe e transcende" o conceito rabínico do *shaliah*.²³ E um dos elementos que compõe o conceito de apostolado e que está ausente no *shaliah* é o escatológico. Os apóstolos são os enviados a proclamar a chegada do Reino, são os emissários que vão fundar as comunidades do novo povo de Deus. Este conceito não é encontrado na concepção do *shaliah* rabínico.²⁴

Os profetas como enviados de Deus

Há outra instituição no Antigo Testamento que pode ter influenciado o surgimento do conceito de apóstolo no Novo Testamento, a saber, os profetas de Israel, especialmente os profetas escritores. Os profetas de Israel eram considerados como enviados de Deus, autorizados para falar em nome dele. Receber a mensagem do profeta era receber a própria palavra de Deus. Podemos ver estes elementos na chamada dos profetas, como por exemplo, Isaías. No relato da visão divina, em que ele foi chamado (Is 6.1-10), Isaías é comissionado por Deus a falar ao povo de Israel, como seu enviado. Após contemplar a santidade de Deus e perceber seu próprio pecado, Isaías é purificado e então ouve o comissionamento divino, sob a forma de uma pergunta: "A quem

21 O próprio Rengstorff admite isto e fala em uma similaridade por analogia apenas. Cf. Agnew, "The NT Apostle-Concept," 81-82 e 94. Todavia, Giles parece ignorar os problemas relacionados com a datação das fontes e usa o conceito como se fosse comprovadamente contemporâneo de Jesus ("Apostles before and after Paul," 242).

22 Cf. Schmithals, *The Office of Apostle*, 106, para uma relação dos pontos diferentes.

23 Rengstorff, ἀπόστολος, p. 419.

24 Apesar das diferenças entre os conceitos de *shaliah* e apóstolo é inegável o paralelo entre ambos, que pode ser explicado por terem surgido do conceito de representação autorizada do AT, como argumenta Agnew, "The NT Apostle-Concept," 91. Mas, veja Barrett, "Shaliah and Apostle," 94, para uma posição contrária.

enviarei, e quem há de ir por nós?” (Is 6.8). “Enviarei” traduz o hebraico פָּרַשְׁתִּי , (LXX, ἀποστείλω) e é respondido nos mesmos termos pelo profeta, “envia-me”. Como enviado de Deus, Isaías é encarregado de ser a boca de Deus diante do povo e a transmitir-lhe a mensagem de que foi encarregado, a ponto de poder dizer, “assim diz o Senhor”. Rejeitar a mensagem de Isaías – que era o que haveria de acontecer – implicaria em rejeitar o próprio Deus, que o havia enviado. Isaías não foi enviado por si mesmo, mas por Deus.

A chamada de Jeremias aconteceu em termos similares (Jr 1.4-10). Deus lhe apareceu e declarou que o havia constituído profeta às nações antes mesmo de seu nascimento, e que agora o enviava para profetizar a elas. “A quem eu te enviar...” traduz מִי אֶעֱבֹרְךָ , que a LXX traduziu como ἐξαποστείλω. Como enviado autorizado de Deus, Jeremias seria poderoso para derrubar, destruir, edificar e plantar reinos e nações pela palavra de Deus que ele haveria de pronunciar, pois Deus haveria de colocar em sua boca as suas próprias palavras (Jr 1.9-10).

Da mesma forma, Ezequiel (Ez 2.1—3.10) foi comissionado diretamente por Deus e por ele “enviado” (Ez 2.3,4) às nações como seu representante, para dizer as próprias palavras de Deus, a ponto de poder introduzir suas mensagens com “assim diz o Senhor” (Ez 3.11). Ele foi avisado, como Isaías e Jeremias, que sua mensagem não seria aceita pelo próprio povo de Deus, mas que, a despeito disto, deveria falar ousadamente tudo o que Deus lhe havia mandado falar. A atitude de Israel para com o profeta seria considerada como a atitude deles para com o próprio Deus (Ez 3.7).

Não é sem razão que o apóstolo Paulo vê seu chamado ao apostolado como um chamado de Deus para continuar o ministério dos profetas do Antigo Testamento (cf. Rm 1.1-7).²⁵

E isto nos leva a investigar mais de perto esta relação entre os profetas de Israel e os apóstolos do Novo Testamento.

25 Richard Longenecker destaca que Paulo concebia seu apostolado não como o conceito judaico de *shaliah*, mas de conformidade com o profetismo de Israel (*Galatians*, em *Word Biblical Commentary*, vol. 41, eds. D. Hubbard, et al. [Dallas, TX: Word Books, 1990], 30).

Os apóstolos como sucessores dos profetas do Antigo Testamento

Em sua polêmica contra os escribas e fariseus, Jesus de certa feita se referiu a seus apóstolos como aqueles que, à semelhança dos profetas, sábios e escribas enviados por Deus ao antigo Israel, seriam igualmente enviados, rejeitados, perseguidos e mortos (Lc 11.49 com Mt 23.34). Desta forma, ele estabelece o paralelo entre os apóstolos e os profetas como enviados de Deus ao seu povo.

Tem sido observado que os sucessores dos profetas do Antigo Testamento, como Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Amós, por exemplo, não foram os profetas do Novo Testamento, que tinham ministério nas igrejas locais, mas os apóstolos de Jesus Cristo, mais especificamente os doze e Paulo.²⁶

Conforme já vimos acima, os profetas foram diretamente vocacionados e chamados por Deus (cf. Is 6.1-9; Jr 1.4-10; Ez 2.1-7; Am 7.14-15). A palavra mais usada para “profeta” no Antigo Testamento é נָבִי (nabi), que transmite o conceito de alguém que fala por outro, como “sua boca” (Êx 4.16; 7.1; cf. ainda Dt 18.14-22). O profeta era, então, primariamente, alguém que falava da parte de Deus, inspirado e orientado por ele. Os profetas falaram ousadamente da parte dele sua mensagem ao povo de Israel (Lc 1.70; Hb 1.1-2). Parte destas profecias veio a ser escrita e registrada no Antigo Testamento, que é chamado por Paulo de “escrituras proféticas” (Rm 16.26, cf. ainda 2Pe 1.21; 2Tm 3.16).²⁷ Notemos que a mensagem dos profetas não consistia apenas da predição de eventos futuros relacionados com a ação de Deus na

26 Cf. Heber Carlos de Campos, “Profecia Ontem e Hoje” em *Misticismo e Fé Cristã* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013), pp. 63-126; Christiaan J. Beker, *Paul the Apostle - The Triumph of God in Life and Thought* (Philadelphia: Fortress Press, 1980), p. 113.

27 Alguns estudiosos, como E. E. Ellis, sugerem que “escrituras proféticas” é uma alusão de Paulo a escrituras que haviam sido produzidas por profetas neotestamentários, escritos estes que haviam circulado pelas igrejas, mas nunca foram preservados (E. Earle Ellis, *The Old Testament in Early Christianity* em WUNT, 54 [Tübingen: Mohr/Siebeck, 1991], 4-5; E. Earle Ellis, *Pauline Theology: Ministry and Society* [Grand Rapids: Eerdmans; Exeter: Paternoster Press, 1989], 138 n. 79). Todavia, Cranfield corretamente considera esta interpretação de Ellis como “desesperada” (C. E. B. Cranfield, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*, 2 vols, em *International Critical Commentary* [Edinburgh: T. & T. Clark, 1979], 2:811, n.8).

história, os quais se cumpriram infalivelmente (Dt 18.20-22; cf. 1Rs 13.3,5; 2Rs 23.15-16). A mensagem deles consistia, em grande parte, na exposição desses eventos e sua aplicação aos seus dias. Os profetas introduziam suas palavras com as fórmulas “assim diz o Senhor” e “veio a mim a Palavra do Senhor dizendo,” o que identificava sua mensagem como inspirada e infalível. Como tal, deveria ser recebida pelo povo de Deus como a própria palavra do Senhor.

A literatura intertestamentária produzida pelos judeus nos séculos depois de Malaquias considerava que o ministério desses profetas encerrou-se com Malaquias.²⁸ Da mesma forma, os escritores do Novo Testamento se referem aos profetas antigos como um grupo fechado e definido (cf. Mt 23.29-31; Mc 8.28; etc.). A pergunta é: através de quem Deus continuou a se revelar? Quem foram os sucessores dos profetas do Antigo Testamento como receptores e transmissores da Palavra de Deus? Resta pouca dúvida de que foram os doze apóstolos e o apóstolo Paulo, e não os profetas cristãos das igrejas locais, como aqueles que haviam em Jerusalém, Antioquia e Corinto, por exemplo (At 11.27; 13.1; 1Co 14.29). Ao contrário do que ocorria no Antigo Testamento, profetizar, na igreja cristã nascente, era um dom que todos os cristãos poderiam exercer no culto, desde que seguindo uma determinada ordem (1Co 12.10; 14.29-32). E, diferentemente dos grandes profetas de Israel, as palavras dos profetas cristãos tinham de ser julgadas pelos demais (1Co 14.29) e eles estavam debaixo da autoridade apostólica (1Co 14.37).

Em contraste com os profetas cristãos, os apóstolos do Novo Testamento, isto é, os doze e Paulo, receberam uma chamada específica de Jesus Cristo, receberam revelações diretas da parte de Deus, como os antigos profetas (At 5.19-20; 10.9-16; 23.11; 27.23; 2Co 12.1), e assim predisseram futuros eventos relacionados com a história da salvação, entre os quais a segunda vinda do Senhor, a ressurreição dos mortos e o juízo final – isso não quer dizer que sua chamada se deu porque tinham

28 “Desde que os últimos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias morreram, o Espírito Santo cessou em Israel” (T. Sora, 13, 2). Cf. πνεῦμα no TDNT.

o "dom" de apóstolo. (1Co 15.51-52; 2Ts 2.1-12; 2Pe 3.10-13).²⁹ Lembremos que o livro de Apocalipse é uma profecia (ver Ap 1.3; 22.18-19) escrita por um apóstolo.³⁰ Ao contrário dos profetas cristãos das igrejas locais, que não deixaram nada escrito, os apóstolos foram inspirados para escrever o Novo Testamento (1Ts 2.13; 2Pe 3.16) e a palavra deles deveria ser recebida, à semelhança dos profetas antigos, como Palavra de Deus, sem questionamentos, ao contrário dos profetas das igrejas locais (Gl 1.8-9; 1Co 14.37). Os autores neotestamentários que não foram apóstolos, como Marcos, Lucas, Tiago e Judas eram, todavia, parte do círculo apostólico e associados aos apóstolos, escrevendo a partir do testemunho deles.³¹

Como sucessores dos profetas de Israel e canais da revelação, os apóstolos aparecem juntos com eles na base da igreja. Nas palavras de Jesus: "Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos, e a alguns deles matarão e a outros perseguirão" (Lc 11.49). Paulo junta os dois grupos duas vezes na carta aos Efésios como aqueles designados por Deus para lançar as bases da igreja; "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas" (Ef 2.20); "o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito" (Ef 3.5). Muitos estudiosos entendem que os "profetas" mencionados nestas duas passagens de Efésios são profetas das igrejas neotestamentárias, que vieram depois dos apóstolos. Todavia, mesmo estando numa sequência temporal invertida, "profetas" se entende melhor

29 O livro de Atos registra duas ocasiões em que Ágabo, um profeta de Jerusalém, anunciou acontecimentos futuros, relacionados com uma fome que veio a acontecer nos dias do imperador Cláudio (At 11.27-30) e com a prisão de Paulo em Jerusalém (At 21.10-11). O fato de que somente estes dois casos de profecias predictivas (e feitas por um único profeta) estão registrados pode indicar que a previsão do futuro não era comum fora do círculo apostólico, especialmente ainda se considerarmos que ambas as profecias de Ágabo estavam relacionadas com o ministério de Paulo. White tenta colocar estas profecias de Ágabo no mesmo nível daquelas revelações fundacionais que foram dadas aos apóstolos (Ef 3.5; cf. R. Fowler White, "Gaffin and Grudem on Eph 2:20: In Defense of Gaffin's Cessationist Exegesis," em *Westminster Theological Seminary*, 54 [1992], 309-310), mas é evidente que elas estavam relacionadas com a vida pessoal do apóstolo Paulo, tanto sua ida a Jerusalém levando ajuda para os crentes da Judeia, como em sua posterior prisão naquela cidade.

30 Assumimos aqui que foi o apóstolo João quem escreveu o livro de Apocalipse.

31 Marcos escreveu a partir do testemunho de Pedro. Lucas foi companheiro de Paulo. Tiago era o irmão de Jesus, líder da igreja de Jerusalém e próximo do círculo (Gl 1.19). Judas era outro irmão de Jesus e também relacionado com o círculo apostólico. Lembremos por fim que Hebreus entrou no cânon porque sua autoria era atribuída ao apóstolo Paulo, como até hoje é defendido por vários estudiosos.

como os grandes profetas de Israel, que vieram antes dos apóstolos. A sequência “apóstolos e profetas” não precisa ser entendida como uma sequência temporal. Os apóstolos são mencionados primeiro por estarem no foco do contexto.³²

Em sua segunda carta, Pedro admoesta seus leitores a se recordarem tanto das palavras que foram ditas pelos “santos profetas” como do mandamento ensinado por “vossos apóstolos” (2Pe 3.2). Alguns entendem que “vossos apóstolos” aqui é uma referência aos missionários pioneiros que haviam fundado as igrejas às quais Pedro escreve. Contudo, a carta de Pedro não foi destinada a igrejas locais específicas e sim aos cristãos em geral (cf. 2Pe 1.1). O único grupo de “apóstolos” que se encaixaria como “vossos apóstolos” seriam os doze, que eram apóstolos para todas as igrejas.³³ A carta de Judas, cuja similaridade com a segunda carta de Pedro tem levado estudiosos a acreditarem numa dependência literária entre elas,³⁴ ao se referir aos apóstolos neste mesmo contexto, designa-os como “os apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo,” numa clara referência ao grupo dos doze (Jd 17).³⁵ Estas passagens refletem a consciência de que os apóstolos de Jesus Cristo foram os

32 Que Ef 3.5 se refere aos profetas do Antigo Testamento é também defendido por F. Mussner, *Christus, das All und die Kirche: Studien zur Theologie der Epheserbriefes* (Trierer: Paulinus, 1955), 108. Deve-se admitir, contudo, que grande parte dos comentaristas pensa que Paulo está se referindo aos profetas neotestamentários, como Andrew T. Lincoln, por exemplo. (*Ephesians* em *Word Biblical Commentary*, vol. 42, eds. D. Hubbard, et al. [Dallas, TX: Word Books, 1990], 153. Tanto Gaffin (Richard B. Gaffin, Jr. *Perspectives on Pentecost: New Testament Teaching on the Gifts of the Holy Spirit* [Grand Rapids: Baker, 1979], 93) quanto Grudem (Wayne Grudem, *The Gift of Prophecy in 1 Corinthians* [Washington: University Press of America, 1982], 47) entendem que “profetas” em Efésios 2.20 se refere aos do Novo Testamento, mas eles fazem esta defesa no contexto do debate cessacionismo-continuismo. Um dos principais argumentos contra o entendimento de que Paulo aqui se refere aos profetas do Antigo Testamento é a ordem “apóstolos e profetas,” o que tornaria isto cronologicamente impossível. Entretanto, a menção que Paulo faz dos profetas do Antigo Testamento, depois de Jesus em 1 Ts 2.15, “os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram” certamente inverte a sequência histórica dos eventos e mostra que Paulo nem sempre está preocupado com a cronologia, como estudiosos modernos estão. Cf. F. F. Bruce, *1 & 2 Thessalonians*, WBC, vol. 45, eds. D. Hubbard, et al. (Dallas, TX: Word Books, 1982), 47; Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997).

33 Cf. A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville, TN: Broadman Press, 1933) *in loco*; D. A. Carson, R. T. France, J. A. Motyer, e G. J. Wenham, orgs. *New Bible commentary: 21st century edition*. 4th ed. (Leicester, England; Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1994) *in loco*.

34 Veja Augustus Lopes, *II e III de João e Judas* (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2009).

35 Cf. Jamieson, *Commentary*, *in loco*.

continuadores dos profetas do Antigo Testamento como canais pelos quais Deus revelou sua vontade.³⁶

Uma vez que a revelação de Deus quanto ao plano da salvação foi totalmente escrita e registrada de maneira final, completa e infalível pelos apóstolos, no Novo Testamento, completando assim a revelação dada através dos profetas de Israel no Antigo Testamento, encerrou-se o ministério de ambos os grupos.

Já que os apóstolos foram os sucessores dos profetas do Antigo Testamento, não há, pois, hoje, possibilidade de haver apóstolos como os doze e Paulo, pois eles foram recipientes e transmissores da revelação final de Deus para seu povo, que se encontra registrada no Novo Testamento.

A autoconsciência “Apostólica” de Jesus

Um ponto ainda a considerar em nossa busca pela origem do conceito de apóstolo no Novo Testamento é a autoconsciência messiânica de Jesus como enviado (apóstolo) do Pai. Esta autoconsciência transparece com toda clareza no episódio em que Jesus, numa sinagoga, aplica a si mesmo a profecia de Isaías acerca do Servo do Senhor, uma figura messiânica aguardada pela nação de Israel:

Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me *unuiu* para evangelizar os pobres; *enviou-me* para proclamar libertação aos cativos... então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir (Lc 4.16-21; Is 61.1-3).

36 É preciso observar que a declaração de Jesus de que “todos os Profetas e a Lei profetizaram até João” (Mt 11.13) significa o encerramento do ministério dos profetas do Antigo Testamento, mas não o término da revelação que começou a ser dada através deles. Os apóstolos do Novo Testamento – e não os profetas do Novo Testamento – foram os canais pelos quais esta revelação continuou a ser dada. É neste sentido que os consideramos como sucessores dos profetas de Israel.

De acordo com a profecia de Isaías, o Servo do Senhor seria por ele ungido (separado) e enviado (ἡγιασμένος, LXX ἀπέσταλκέν) ao seu povo com a mensagem das boas novas. O Espírito do Senhor estaria sobre ele, o que implicaria que as suas palavras seriam as palavras de Deus e que ele teria o poder do Espírito para realizar as obras que somente Deus poderia realizar. Aqui o enviado é antes ungido, ou seja, separado e designado oficialmente, por assim dizer, de maneira pública.

Jesus aplicou esta passagem a si mesmo, revelando ter consciência de que era o enviado de Deus ao mundo, o Messias prometido (cf. At 10.38). E é provavelmente aqui, nesta consciência, que encontraremos a raiz do conceito de apostolado, como estas palavras dele aos seus doze discípulos revelam: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20.21; cf. "Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio", Lc 22.29).

No Evangelho de João, encontramos com mais clareza essa auto-consciência de Jesus de que era o enviado de Deus, o seu Messias. A palavra ἀπόστολος só ocorre uma vez neste Evangelho, "o servo não é maior do que seu senhor, nem o *enviado*, maior do que aquele que o enviou" (Jo 13.16). Seu uso nesta declaração de Jesus mostra que o sentido de "apóstolo" aqui é o mesmo dos demais Evangelhos, alguém que é enviado por outro como seu representante autorizado e com um propósito. Era assim que Jesus se via em relação ao Pai. Ele se refere ao Pai como aquele que "envia" e a ele mesmo como "enviado" do Pai.³⁷ Ele atribuiu sua vinda ao mundo à exclusiva vontade de Deus (Jo 7.28-29; 8.42) e declarou que seu propósito aqui no mundo era realizar a vontade daquele que

37 Cf. Jo 4.34; 5.24, 30, 36-38; 6.29, 38, 39, 44, 57; 7.16, 28, 33; 8.16, 18, 26, 29, 42; 12.44, 45, 49; 16.5; 20.21 e ainda 3.34; 6.29; 7.29. O verbo "enviar" e seus derivados, como "enviado", "enviou", "envio", etc., é a tradução de dois verbos gregos que estão no mesmo campo semântico, πέμπω e ἀποστέλλω, e que significam "fazer com que alguém parta com um propósito definido" (Johannes P. Louw, Eugene A. Nida, eds., *Greek-English lexicon of the New Testament: based on semantic domains* [New York: United Bible Societies, 1988], 15.66). De acordo com Carlos Del Pino, há tecnicamente uma pequena diferença de significado entre ambos, que no Evangelho de João se torna imperceptível, pois o autor usa ambos os verbos como equivalente: "O envio de Cristo pelo Pai é descrito tanto por *apostello* (3.17, 34; 7.29; 11.42) como por *pempo* (4.34; 7.16; 14.24); o envio dos discípulos por Cristo também é descrito tanto por *apostello* (4.38; 17.18) como por *pempo* (13.16, 20)" (Carlos Del Pino, "O Apostolado de Cristo e a Missão da Igreja", tese de mestrado apresentada ao Centro Evangélico de Missões (CEM); Viçosa, MG: 1992).

o havia enviado (Jo 4:34). Como enviado do Pai, Jesus falava as palavras dele (Jo 3.34; 7.16; 8.26; 12.49) e demandava fé nestas palavras e na sua pessoa (Jo 6.29). Deus dava testemunho de que Jesus era seu enviado mediante as obras, os sinais e prodígios que Jesus realizava diante dos judeus (Jo 5.30-36; 8.16-18, 29). Acreditar em suas palavras e acreditar no Deus que o havia enviado era a mesma coisa, e resultaria em vida eterna aos que cressem (Jo 5.24). Como enviado de Deus, ver a Jesus e crer nele era a mesma coisa que ver a Deus e crer nele também (Jo 12.44-45). Não sem razão o autor da carta aos Hebreus se refere a Jesus como "o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão" (Hb 3.1).³⁸

De acordo com o Evangelho de João, Jesus enviou seus apóstolos ao mundo da mesma forma como foi enviado pelo Pai ao mundo (Jo 20.21). Para tal, concedeu-lhes o mesmo Espírito que recebeu por ocasião de seu batismo (Jo 20.22) e lhes deu autoridade para perdoar pecados e retê-los (Jo 20.23).³⁹ Quem os recebesse, receberia a ele, Jesus, e ao próprio Deus (Jo 13.20).⁴⁰

É aparente, portanto, que a autoconsciência de Jesus de ser o apóstolo do Pai, como o Servo do Senhor, ungido e enviado ao mundo nos termos da profecia de Isaías, contribuiu decisivamente para a maneira como ele nomeou doze de seus discípulos como apóstolos e seus enviados ao mundo.

Conclusão

O conceito de apóstolo no Novo Testamento tem origem em Jesus, que o usou para designar doze de seus discípulos, aos quais deu determinações, antes e depois de sua morte e ressurreição. Os contornos desta função foram determinados por fatores que podem ser encontrados no judaísmo do século I e nas Escrituras de Israel.

38 Para um resumo do conceito de "apóstolo" e "enviar" em João veja ainda Giles, "Apostles before and after Paul," 241-242, que sugere que João está influenciado pelo conceito de *shaliah*. Veja ainda Clark, "Apostleship," 374-375, que inclui uma análise breve do uso nas cartas de João.

39 Isto é, pela pregação da palavra e pelo exercício da disciplina, cf. Mt 18.15-20; Mc 16.15-16; etc.

40 Encontramos nos Sinóticos, ainda que em proporção muito menor, Jesus se referindo a si mesmo como o enviado de Deus ao mundo (cf. Mt 10.40; 15.24; Mc 9.37; Lc 4.43). "Enviar" também aparece nos Sinóticos descrevendo o ato de Jesus comissionando os discípulos a ir pregar o Evangelho (Mt 10.5,16; Mc 3.14; Lc 9.2; 10.1).

Primeiro, Jesus certamente estava familiarizado com a ideia de representantes autorizados, algo conhecido no mundo de sua época, bem como do conceito que aparece no Antigo Testamento de pessoas formalmente enviadas por uma autoridade para realizar uma missão em um local diferente, com poderes de representação e ação, como se fosse a própria autoridade que o havia enviado.

Segundo, ao designar os seus apóstolos, Jesus parece tê-lo feito nos moldes do chamado e da missão dos antigos profetas de Israel, que eram tidos como enviados de Deus para falar as suas palavras com autoridade. Escutá-los era escutar a Deus. Da mesma forma, recusá-los era recusar a Deus. É aqui que encontraremos o fundamento para o argumento de que os apóstolos foram os sucessores dos profetas como canais da revelação de Deus.

Terceiro, Jesus demonstrou ter consciência clara de ser enviado do Pai, nos termos do Messias, do Servo do Senhor, anunciado pelos profetas. E, em termos similares, ele também envia seus discípulos ao mundo, seus apóstolos.

A maneira como Jesus designou os seus doze discípulos como “apóstolos” e o significado do termo já nos sugerem que apenas um grupo restrito dentre os seus seguidores poderia ser considerado como tais. Este grupo, por causa do que ser apóstolo representa, teria uma missão definida e fundamental no início da igreja de Cristo, missão esta que não iria mais se repetir ao longo da história da Igreja cristã.

Examinaremos, em seguida, as características deste restrito grupo de doze discípulos, a quem Jesus deu o nome de “apóstolos”.

Capítulo 2

Os Doze

Nesta parte de nosso estudo enfocaremos o estabelecimento dos doze apóstolos de Cristo e os aspectos de sua missão, com objetivo de verificar a possibilidade de existir depois deles apóstolos do mesmo tipo.

O estabelecimento dos doze e de sua missão não aconteceu em um único evento, mas em duas etapas, separadas entre si pela ressurreição de Jesus Cristo. A determinação do número doze, a escolha dos nomes e os contornos de sua missão inicial foram dados pelo próprio Jesus já antes da sua ressurreição. Todavia, foi o Cristo ressurreto quem estabeleceu, de forma definitiva, a missão dos doze, que seria a de dar testemunho da ressurreição e anunciar esta boa notícia a toda criatura. Desta feita, a pregação apostólica deveria ser estendida ao mundo todo, e não somente aos judeus, como antes da ressurreição, e assim lançar os fundamentos da igreja de Cristo entre todas as nações.

A escolha dos doze

Não é narrado nos Evangelhos como Jesus escolheu cada um dos doze de entre os seus discípulos. Na primeira ocorrência do termo “doze” em Mateus, eles já aparecem como um grupo definido: “Tendo chamado seus doze discípulos, etc.” (Mt 10.1). Lemos que antes disto ele havia chamado Pedro, André, Tiago, filho de Zebedeu e João seu irmão (Mt 4.18-22; cf. Jo 1.35-42) e Mateus, o publicano (Mt 9.9). João nos fala da chamada de Filipe e Natanael, (Jo 1.43-51). Nada nos é dito acerca do chamado dos demais que compunham o colégio apostólico. Ao que parece, Jesus foi aos poucos chamando alguns de seus discípulos para mais perto de si até que finalmente os estabelece como “os doze”, designação que passa a indicar aqueles que seriam seus apóstolos.¹ De acordo com o relato de Lucas, a escolha, chamada e designação deles como apóstolos, aconteceu numa mesma ocasião, após Jesus ter passado a noite em oração (Lc 6.13). É provável que os doze já existissem como grupo informal, mais próximo de Jesus, faltando apenas a nomeação oficial e pública como apóstolos.

O que parece ter provocado a designação destes doze discípulos como apóstolos foi a constatação que Jesus fez, percorrendo as cidades e povoados e ensinando nas sinagogas, de que as multidões estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. De acordo com o relato de Mateus (Mt 9.35-36), Jesus observou em suas andanças pelas vilas e povoados que a nação de Israel estava sem líderes espirituais que cuidassem da alma do rebanho como pastores, uma crítica implícita aos escribas e fariseus, sacerdotes e membros do Sinédrio. “A seara na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos,” disse ele aos seus discípulos (Mt 9.37-38). Em seguida, ele chama os doze, nomeia-os “apóstolos” e envia-os a pregar, curar e expelir demônios nas vilas e cidades dos judeus, dando-lhes a autoridade espiritual necessária para tal (Mt 10.1).

1 Cf. “os doze” em Mt 20.17; 26.20; Mc 4.10; 6.7; 9.35; Lc 8.1; 9.12; Jo 6.67; At 6.2; 1Co 15.5.

Fazer parte dos doze significava ter sido chamado pessoalmente por Jesus para estar com ele diariamente em seu ministério itinerante pela Galileia e Judeia, ter recebido autoridade e poder para realizar sinais e prodígios, expulsar demônios em seu nome, pregar a proximidade do Reino dos céus e representar Jesus como enviado dele para o anúncio desta mensagem. Ao final, o critério maior para a escolha parece ter sido a decisão pessoal de Jesus, conforme Marcos nos diz, “[Jesus] subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis” (Mc 3.13; cf. At 1.2, “os apóstolos que escolhera”). Jesus conhecia a quem havia escolhido, inclusive Judas, que o haveria de trair (Jo 13.18).

Por que doze?

Ao nomear doze apóstolos e enviá-los em missão aos judeus, Jesus estava instituindo uma nova liderança espiritual em Israel. A aflição e o cansaço que ele observou entre o povo se devia aos requerimentos legalistas e impostos acrescentados hipocritamente pelos escribas e fariseus à revelação de Deus a Israel. Além disso, estes líderes haviam falhado em pastorear a nação nos caminhos de Deus.² Lucas não registra o episódio em que Jesus, antes de chamar os doze discípulos e nomeá-los como apóstolos, se refere a Israel como ovelhas sem pastor, mas relata como o legalismo dos fariseus, escribas e mestres da lei os colocou cada vez mais contra Jesus, imediatamente antes de Jesus chamar os doze (Lc 5.17—6.11).

2 Existe muita discussão hoje, provocada pelo movimento chamado de “a nova perspectiva sobre Paulo”, se o judaísmo na época de Jesus era realmente uma religião legalista ou não. Krister Stendahl lançou a famosa tese de que a interpretação tradicional de que os fariseus eram legalistas usa os óculos de Lutero para interpretar Paulo; ver Krister Stendahl, *Paul among Jews and Gentiles*. (Augsburg: Fortress Press, 1976), p. 78-96. Outros como Werner Kümmel, E.P. Sanders, James Dunn e N. T. Wright têm desenvolvido esta ideia mais recentemente. Para uma crítica penetrante das ideias da “nova perspectiva” ver John M. Spy, “Paul’s Robust Conscience’ Re-examined”. *New Testament Studies* 31:161-188; Karl T. Cooper, “Paul and Rabbinic Soteriology” em *Westminster Theological Journal* 44 (1982), 123-139; Thomas R. Schreiner, “Paul and Perfect Obedience of the Law: An Evaluation of the View of E. P. Sanders”. *Westminster Theological Journal*, 47:245-78; Moisés Silva, “The Law and Christianity: Dunn’s New Synthesis”. *Westminster Theological Journal* 53:339-53; R. H. Gundry, “Grace, Works and Staying Saved in Paul”. *Biblica* 66:1-38. D. A. Carson, Douglas Moo e Leon Morris, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1997), 329-334.

E é aqui que vamos encontrar a razão de serem doze. Eles representam o novo Israel, sendo a contraparte dos doze patriarcas da nação. Nas palavras do próprio Jesus, dirigidas aos doze: “Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19.28; Lc 22.30). Jesus antecipava a “regeneração”, a restauração espiritual e final da nação de Israel como povo de Deus. Os seus doze discípulos seriam os líderes desta nação espiritual, agora composta de judeus e gentios de todas as partes do mundo, unidos pela fé no Messias. Jesus estava falando da sua igreja, o Israel espiritual. Esta é a razão para o número doze. E este parece ter sido o entendimento de João, um dos doze, autor do livro de Apocalipse, quando ao falar da cidade santa, a nova Jerusalém, uma representação da igreja triunfante e gloriosa, ele a descreve desta forma:

Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste. A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro (Ap 21.12-14).

É evidente que para João os doze apóstolos correspondem às doze tribos de Israel, sendo os “patriarcas” do novo Israel em contrapartida aos doze filhos de Jacó, cabeças das doze tribos de Israel.³ De acordo com Gregory Beale, “a nomeação dos doze apóstolos por Jesus representou não somente a reconstituição do novo Israel em torno de si mesmo, o qual haveria de crescer exponencialmente, mas também a criação de um novo povo para viver em uma nova criação.”⁴

3 É neste sentido que Tiago, o irmão de Jesus, se dirige às igrejas cristãs às quais escreve como “as doze tribos que se encontram na dispersão” (Tg 1.1).

4 Gregory K. Beale, *A New Testament Biblical Theology: the unfolding of the Old Testament in the New* (Grand Rapids: Baker, 2011), p. 425, 693.

No relato que Lucas nos dá da última Ceia, Jesus se pôs à mesa com “os apóstolos” (Lc 22.14).⁵ Parece que a razão pela qual somente eles foram se evidencia pelo que se seguiu. O Senhor diante deles estabelece a nova aliança, em contraste com a antiga feita com Israel (Lc 22.20), estabelece o sacramento da Ceia em substituição à Páscoa (Lc 22.19-20), confia a eles o Reino de Deus (Lc 22.29) e lhes promete o assentar-se em tronos para julgar as doze tribos de Israel no seu reino vindouro (Lc 22.30). O papel dos doze apóstolos fica claro aqui. A eles o Senhor Jesus encarregou a tarefa de transição da antiga aliança para a nova, do antigo Israel para a igreja de Cristo, o Israel espiritual, onde eles haveriam de figurar como os doze patriarcas em relação ao Israel terreno.⁶

Esta é a razão pela qual os apóstolos se sentiram na obrigação de completar o número de doze, após a traição e morte de Judas Iscariotes. O argumento de Pedro, enquanto reunido com os demais no cenáculo em Jerusalém, foi que “era necessário” escolher alguém para o lugar de Judas (At 1.21), de entre aqueles que acompanharam Jesus durante o seu ministério terreno, desde o batismo de João até a sua ascensão, e que tinha sido uma testemunha da sua ressurreição de entre os mortos (At 1.21-22). Havia mais de um que preenchia aquelas condições: José Barsabás, o Justo, e Matias. Talvez houvesse outros. Todavia, apenas um era necessário para completar o número doze, e procedeu-se à escolha de Matias. Isto mostra que o número doze era simbólico e representativo. Embora houvesse outros homens que preenchessem as condições para o apostolado, conforme as orientações de Pedro, nem todos eles poderiam fazer parte dos doze. A escolha de Matias através de sortes preenchia o requisito de ter sido chamado diretamente pelo Senhor. A oração de Pedro, antes de lançar sortes, foi, “revela-nos qual destes dois tens escolhido” (At 1.24). O chamado do Senhor ressurreto se daria através daquele processo e uma vez realizado, foi considerado como legítimo e final.⁷

5 Mateus diz “com os doze discípulos” (Mt 26.20) e Marcos “com os doze” (Mc 14.17).

6 Clark corretamente adverte para não pensarmos que Lucas está dizendo que os doze são os fundadores da nova nação de Israel. A ideia não é de *fundação*, mas de *restauração*, cf. Clark, “Apostleship,” 371-372.

7 Alguns contestam a escolha de Matias por meio de sortes, argumentando que foi precipitação de Pedro e demais apóstolos, pois o escolhido de Jesus era Paulo. Todavia, não há nada no livro de Atos e nas cartas

Convinha que os doze estivessem completos por causa do significado de seu número face à missão que receberam, e por causa da iminência da descida do Espírito Santo em Pentecostes.⁸

Os nomes dos doze Apóstolos

Encontramos quatro relações com os nomes dos doze e nem sempre elas concordam quanto aos nomes e a sequência deles. Cada uma delas traz observações dos autores que prefaciam sua lista de maneira distinta. Mateus descreve a lista como sendo “os nomes dos doze apóstolos” e começa dizendo que Simão Pedro é o primeiro (Mt 10.2). Marcos descreve sua lista como sendo a relação dos “doze que Jesus designou” (Mc 3.16) e faz a interessante observação de que os irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu, receberam de Jesus o nome de Boanerges, que significa “filhos do trovão” – nenhuma informação adicional nos é dada nos Evangelhos sobre a razão disto (Mc 3.17).⁹ Já Lucas prefacia sua lista nos Evangelhos dizendo que é a relação dos doze discípulos que Jesus escolheu e “a quem também deu o nome de apóstolos” (Lc 6.13). Na lista em Atos, Lucas apenas enumera os nomes dos que estavam no cenáculo à espera do cumprimento da promessa da vinda do Espírito (At 1.13). O contexto deixa claro, todavia, que Lucas está se referindo aos apóstolos (At 1.2-5), que no momento eram onze, mas que teriam o número completo em seguida, com a eleição de Matias para o lugar de Judas (At 1.15-26). Todas as três listas dos Evangelhos terminam com Judas e a observação que ele foi quem traiu Jesus. A lista de

de Paulo que ao menos sugira que ele deveria ter sido contado entre os doze. Ao contrário, Paulo sempre reconhece a diferença entre ele e os doze, cf. 1Co 15.1-9. Sobre o processo de escolha com base em lançar sortes, poucas informações temos a respeito de como funcionava. Lucas parece considerar que a escolha de Matias foi legítima, pois após dizer que ele foi votado para tomar lugar com os onze apóstolos, em seguida se refere aos apóstolos como os doze, isto é, Pedro e os onze, cf. At 2.14. Para a opinião de que Paulo, e não Matias, é o décimo segundo apóstolo, veja Abraham Kuyper, *The Work of the Holy Spirit* (New York: Funk & Wagnalls, 1900), 162-163. Esta obra está publicada em português, *A Obra do Espírito Santo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).

8 Giles corretamente destaca este ponto, cf. “Apostles before and after Paul,” 244.

9 É possível que este apelido tenha a ver com o temperamento impulsivo e irascível dos dois irmãos, conforme se percebe do episódio em que queriam mandar fogo descer do céu para consumir os samaritanos que não os queriam receber, cf. Lc 9.54, inspirados no episódio em que Elias faz descer fogo do céu para consumir os enviados do rei, cf. 2Rs 1.9-16.

Atos omite Judas, pois se refere ao período entre sua morte e sua substituição, quando os doze eram, na verdade, onze.

Os nomes dos Doze e a sequência em que são apresentados trazem ligeiras divergências entre si, como se pode notar pela tabela abaixo.

<i>Mateus 10.2-4</i>	<i>Marcos 3.16-19</i>	<i>Lucas 6.13-16</i>	<i>Atos 1.13,26</i>
Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro	Pedro
André, seu irmão	Tiago de Zebedeu	André, seu irmão	João
Tiago de Zebedeu	João de Zebedeu	Tiago	Tiago
João de Zebedeu	André	João	André
Filipe	Filipe	Filipe	Filipe
Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu	Tomé
Tomé	Mateus	Mateus	Bartolomeu
Mateus	Tomé	Tomé	Mateus
Tiago de Alfeu	Tiago de Alfeu	Tiago de Alfeu	Tiago de Alfeu
Tadeu	Tadeu	Simão o Zelote	Simão o Zelote
Simão o Zelote	Simão o Zelote	Judas de Tiago	Judas de Tiago
Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	[Matias]

Simão Pedro aparece em todas elas como o primeiro nome, refletindo sua liderança entre os doze, claramente atestada nos Evangelhos e em Atos. Embora em sequência diferente, João, Tiago e André aparecem em seguida, o que também reflete o que encontramos nos Evangelhos, que eles eram, entre os doze, os mais chegados a Jesus (cf. Mc 1.29; 5.37; 9.2; 13.3; 14.33; Mt 17.1; etc.). A sequência dos demais segue relativamente inalterada. O que chama a atenção é a menção de Tadeu por Mateus e Marcos, que não aparece nas duas listas de Lucas, que por sua vez insere Judas, filho de Tiago (não o Iscariotes) em seu lugar. No Evangelho de João encontramos referência a este Judas, que estava entre os apóstolos, “disse-lhe Judas, não o Iscariotes” (Jo 14.22). É provável que Tadeu seja o mesmo Judas, o filho de Tiago. Talvez Mateus e Marcos tenham preferido chamá-lo assim para evitar a confusão com o outro Judas, o Iscariotes.

Portanto, apesar das diferenças em ordem e nomes, as listas nos dão os nomes dos doze apóstolos de Jesus Cristo, que são Simão Pedro, André, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Tomé, Mateus, Tiago de Alfeu, Tadeu (Judas de Tiago), Simão o Zelote e Judas Iscariotes, substituído por Matias.

A missão dos doze antes da ressurreição

Os doze eram um grupo definido de discípulos e, por ocasião da escrita dos Evangelhos e de Atos, seu número e seus nomes já estavam bem estabelecidos como um grupo distinto, diferente e separado dos demais discípulos de Jesus (cf. “os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro”, Ap 21.14). De acordo com Kuyper, “o significado único do apostolado [dos doze] está tão profundamente arraigado no coração do Reino, que quando recebemos, no Apocalipse de João, uma visão da Nova Jerusalém, vemos que a cidade tem doze *fundamentos*, e que *neles*, estão escritos os *nomes* dos doze apóstolos do Cordeiro.”¹⁰

É aqui que os doze se destacam dos demais discípulos. Os doze recebem diretamente de Jesus a autoridade e o poder espirituais que ele próprio havia recebido por ocasião de seu batismo, da parte de Deus Pai (Mt 3.13-17; cf. Lc 4.1,14). Da mesma forma que ele havia sido ungido e enviado pelo Pai, conforme a profecia de Isaías (Lc 4.16-21), agora ele unge (concede autoridade) e envia os doze após uma noite em oração. Como vimos no capítulo 1, Jesus concebia o envio dos apóstolos em termos do seu próprio envio da parte do Pai.

Jesus os escolheu em doze e os designou para estarem com ele, para pregar e para exercer autoridade sobre os demônios e curar os doentes (Mt 10.1; Mc 3.13-15; Lc 6.12-13). Estas eram as responsabilidades gerais dos doze nesta primeira fase do seu apostolado. Estar com Jesus (Mc 3.14) era a primeira e mais importante delas, pois seria no convívio diário com o Senhor que eles seriam discipulados e preparados para a

10 Kuyper, *The Work of the Holy Spirit*, 144.

grande comissão que o Senhor mais tarde haveria de lhes dar. Estar com Jesus significava abandonar as demais ocupações, como pescar, cobrar impostos e outras, e dedicar-se inteiramente ao discipulado, ao contrário do restante dos discípulos. Eles deveriam ir aos povoados e vilas pregar, como enviados de Jesus, como seus representantes (Mc 3.14). A realização dos mesmos sinais e prodígios que Jesus vinha realizando no meio do povo, e que havia atraído as multidões, serviria para mostrar a identificação deles com Jesus, que eles haviam sido enviados por ele e que eram seus apóstolos (Mt 10.1,8; Mc 3.15).

Os detalhes da primeira missão dos doze e as instruções que Jesus lhes deu se encontram registrados nos três Sinóticos (Mt 10.5-42; Mc 6.7-11; Lc 9.1-6). De acordo com Mateus, esta missão foi dada logo em seguida à designação dos doze como apóstolos. Todavia, Marcos e Lucas colocam-na como algo posterior.

Em linhas gerais, a missão consistia em jornadas de pregação nas vilas e povoados de judeus na Galileia. Esta missão em muito se assemelha ao papel dos antigos profetas de Israel, que eram enviados por Deus para falar ao povo das cidades dos reinos do Norte e do Sul. Uma diferença é que Jesus os enviou de dois em dois, talvez para suporte mútuo e para caracterizar a veracidade do testemunho deles, conforme era exigido pela lei (Dt 17.6; Jo 8.17; Mt 18.16). Eles deveriam evitar as regiões habitadas por gentios e samaritanos (Mt 10.5-6; Mc 6.7; Lc 9.2). A mensagem a ser pregada era a proximidade do reino dos céus, e a chamada para que todos se arrependessem de seus pecados (Mt 10.7; Mc 6.12). Ao mesmo tempo, os apóstolos receberam autoridade para ressuscitar mortos, purificar leprosos, expelir demônios e curar os doentes, ungindo-os com óleo (Mt 10.8; Mc 6.12; Lc 9.2). Era preciso cuidado para não dar a aparência de que estavam fazendo aquelas coisas por dinheiro ou salário, o que poderia comprometer a missão. Assim, não deveriam cobrar nada das pessoas que fossem beneficiadas pela mensagem e pelos poderes extraordinários. Eles deveriam depender totalmente da boa vontade e da caridade dos que desejassem abrigá-los (Mt 10.8-10; Mc 6.8-10; Lc 9.3-4). Os que rejeitassem a mensagem deles iriam incorrer em juízo mais severo do que

as cidades de Sodoma e Gomorra, no dia do juízo, aspecto que identifica os doze como enviados autorizados de Jesus Cristo, o Filho de Deus (Mt 10.14-15; Mc 6.11; Lc 9.5). Eles são advertidos das perseguições que certamente haveriam de sobrevir-lhes por causa daquele que eles representam e são aconselhados a fugir de uma cidade para a outra. Quando presos, deveriam confiar que o Espírito Santo lhes haveria de prover palavras de testemunho diante dos governantes e reis (Mt 10.16-23). Jesus os estimula e encoraja a enfrentar as adversidades enfatizando a sua relação com eles. Como enviados de Jesus, eles vão experimentar a rejeição dos homens da mesma forma que Jesus experimentou (Mt 10.24-31). Os que ficarem firmes e confessarem o nome de Jesus diante dos homens, receberão como recompensa a aceitação de Deus Pai na glória, diante dos anjos (Mt 10.32-33). Quem os receber, recebe a Jesus e, por extensão, a Deus, que enviou a Jesus (Mt 10.40-42).

Marcos e Lucas nos dizem que os “apóstolos” voltaram à presença de Jesus e deram um relato da missão após o seu término (Mc 6.30; Lc 9.10). A missão dos doze na Galileia estabeleceu, desta forma, os contornos da futura função de apóstolo na igreja nascente.

Os setenta

Aqui precisamos entender o envio dos setenta discípulos. Apenas Lucas registra o ocorrido (Lc 10.1-20). De acordo com o relato de Lucas, algum tempo após haver enviado os doze, Jesus designou “outros setenta” discípulos a quem enviou diante de si às cidades onde ele haveria de passar a caminho de Jerusalém (Lc 9.51).¹¹ À semelhança da escolha do número doze, setenta parece aludir à escolha e designação dos setenta anciãos no deserto, por Moisés, a mando do Senhor Deus de Israel (Êx 24.1,9; Nm 11.16-17) e está em sintonia com a determinação de Jesus de estabelecer o

11 A tradução “outros setenta” (ARA, NVI) pode causar confusão, pois dá a impressão que seria a segunda vez que Jesus enviava setenta de seus discípulos em missão. Uma tradução correta e mais clara seria “setenta outros” (veja NTLH). E, neste caso, Lucas provavelmente tem em mente os mensageiros que Jesus havia enviado antes para preparar seu caminho a Jerusalém, cf. Lc 9:52.

novo Israel.¹² Os termos da missão dos setenta, os cuidados e advertências, são similares às instruções dada por Jesus aos doze, muito embora a missão dos doze tenha sido na Galileia e a dos setenta na Judeia. Jesus também os considera como seus representantes, pois rejeitar a mensagem deles ou recebê-los equivalia a rejeitar ou aceitar o próprio Jesus (Lc 10.16). Ao que parece, a missão dos setenta foi causada por dois fatores, que podem ser percebidos do relato. Primeiro, a necessidade de Jesus preparar sua passagem em vilas e povoados na Judeia a caminho de Jerusalém (Lc 9.51). Eles foram designados “para que o precedessem em cada cidade e lugar” onde Jesus estava para ir (Lc 10.1b). Segundo, a constatação que Jesus fez, mais uma vez, de que a seara era grande e os obreiros, poucos (Lc 10.2).

Nada mais sabemos destes setenta discípulos que receberam esta missão. Ao que tudo indica, eles haviam sido designados provisoriamente, para atender a necessidade do momento crítico que Jesus estava para enfrentar, em seu caminho para a cruz em Jerusalém (Lc 9.51). Uma vez encerrada a missão, o grupo se dissolveu e nada mais é dito sobre ele.¹³ O episódio nos mostra que, embora os doze fossem um grupo definido, ainda assim Jesus designava e enviava outros discípulos para a seara, que ele entendia que era grande e carente. Todavia, é preciso observar que ele não os designava de apóstolos (Lc 10.2).

A missão dos doze após a ressurreição

Após a sua ressurreição, Jesus ampliou o escopo da missão dos doze. Eles agora deveriam ir ao mundo todo, começando de Jerusalém até os confins da terra, como testemunhas de sua ressurreição, para fazer discípulos, pregando o arrependimento de pecados a todas as nações, batizando os que cressem e ensinando-os a guardar tudo o que Jesus lhes havia dito. Como havia feito antes, o Senhor lhes confere autoridade e poder espirituais para

12 ARA e ARC trazem “setenta” e NVI e NTLH trazem “setenta e dois” discípulos. O testemunho manuscrito está dividido. Ainda que fosse “setenta e dois” permanece o simbolismo do número. Os anciãos de Israel também eram contados, às vezes, como setenta ou setenta e dois, cf. Robertson, *Word Pictures*, Lc 10.1.

13 Cf. Jamieson, *Commentary*, Lc 10.1; Robertson, *Word Pictures*, Lc 10.1.

a realização da tarefa e declara que receber ou recusar a mensagem deles determinaria o destino final dos ouvintes, e que aqueles que fossem perdoados de seus pecados por eles, seriam perdoados, e isto também servia para os que fossem condenados (cf. Mt 28.18-20; Mc 16.14-18; Lc 24.44-49). O livro de Atos registra que estas instruções foram dadas pelo Cristo ressurreto como mandamentos aos apóstolos por intermédio do Espírito Santo, antes de sua ascensão (At 1.2-3).¹⁴

Ainda antes de sua ressurreição, Jesus havia anunciado aos doze estes aspectos da futura missão. Ele havia dito que sua igreja seria edificada sobre a verdade confessada por Pedro, que ele, Jesus, era o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16.13-18). As chaves do Reino dos céus seriam entregues a Pedro (Mt 16.19-20) e por extensão aos demais apóstolos e à igreja (Mt 18.15-20). O poder de perdoar pecados e retê-los também seria dado a eles (Jo 20.19-23). O Espírito Santo haveria de vir e guiá-los a toda verdade (Jo 14.16-17; 14.26; 15.26-27). Eles haveriam de dar testemunho da ressurreição de Jesus (Jo 15.26-27). De fato, de acordo com Atos, em Jerusalém, após Pentecostes, “com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” (At. 4.33). Examinemos, então, estes componentes da missão apostólica pós-páscoa.

Testemunhas da ressurreição

Outro importante aspecto do ministério apostólico era o de dar testemunho da ressurreição de Cristo. Ter visto Jesus depois de ele ter ressuscitado, tornou-se uma das mais distintas marcas dos doze e posteriormente de Paulo.

Quando Pedro e os demais se viram na necessidade de encontrar um substituto para Judas, enquanto aguardavam no cenáculo a chegada do Espírito, determinaram dois critérios para a escolha, a saber, que fosse um homem de entre os que acompanharam os doze desde o batismo de João até a ascensão, e que tivesse visto o Cristo ressurreto, para poder ser teste-

14 Esta é a única passagem em que se diz que o Cristo ressurreto comunicou-se com os discípulos mediante o Espírito Santo, antes da ascensão, “para indicar a nova relação que ele passaria a ter com a igreja” (Jamieson, *Commentary*, in loco).

munha da ressurreição como os demais (At 1.21-22). Este requerimento, de ter visto Jesus após a ressurreição, estava implícito na determinação de Jesus aos doze, “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas...” (At 1.8) e tornou-se uma das marcas principais do apostolado dos doze. Lucas se refere a eles como “os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da Palavra”, os quais haviam transmitido os fatos acerca da ressurreição de Jesus (Lc 1.1-2). O apóstolo João, mais tarde, ao escrever sua primeira carta, principia enfatizando que ele estava entre os que viram, ouviram e tocaram aquele que era desde o princípio, o que lhe conferia autoridade para testemunhar que a vida havia sido manifesta na pessoa de Jesus (1Jo 1.1-4). Pedro, em seu sermão no dia de Pentecostes, se refere a si mesmo e aos onze como sendo “testemunhas” da ressurreição de Jesus (At 2.32; cf. 4.33).

Isto não quer dizer que todos os que viram o Cristo ressurreto naquela época se tornaram apóstolos, pois Paulo menciona uma lista de várias testemunhas da ressurreição que não estão incluídos entre os doze e nem são chamados de apóstolos, como os quinhentos irmãos a quem Jesus apareceu (1Co 15.6). Mas, para ser parte dos doze, esta era uma das condições. O ponto a considerar é que, segundo o apóstolo Paulo, ele foi o último a quem o Cristo ressurreto apareceu: “E, afinal, *depois de todos*, foi visto também por mim” (1Co 15.8). Não encontramos nos registros canônicos que depois de Paulo mais alguém tenha reivindicado ter visto Jesus depois da ressurreição, nem mesmo pessoas como Timóteo, Tito, Lucas, Marcos ou outros dos colaboradores dos apóstolos, que inclusive escreveram alguns dos livros do Novo Testamento.

Assim, com o término das aparições pessoais do Cristo ressurreto, fica faltando a mais conspícua das marcas de um apóstolo do calibre dos doze e de Paulo aos demais apóstolos mencionados no Novo Testamento e, certamente, a todos os demais que têm reivindicado este título ao longo dos séculos, até nossos dias. O que queremos dizer é que não existe mais hoje testemunhas oculares da ressurreição de Cristo. A última foi Saulo de Tarso. Logo, não existem mais apóstolos hoje como ele e os doze. O ofício de apóstolo cessou com a morte do último deles.

Os fundamentos da Igreja

Vejamos mais um componente da missão dos doze após a ressurreição. Jesus havia designado os doze apóstolos como seus representantes autorizados para, após a sua ressurreição e a vinda do Espírito, dar testemunho desta ressurreição ao mundo e lançar as bases da igreja de Cristo, o novo Israel, sobre o fundamento que é o próprio Jesus. O ensino deles depois de Pentecostes é denominado de “doutrina dos apóstolos”, na qual a igreja perseverava (At 2.42). Pedro se refere a este ensino como “o mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos” (2Pe 3.2). É com este significado que Paulo fala dos apóstolos como os primeiros estabelecidos por Deus na igreja (1Co 12.28; cf. Ef 4.11), os quais, junto com os profetas do Antigo Testamento, lançaram o fundamento da Igreja, que é a pessoa e a obra de Cristo, particularmente a verdade de que ele é o Filho de Deus (Ef 2.20; 3.5). Nesta mesma linha vai João, ao descrever os fundamentos da cidade santa, figura da Igreja de Cristo: “A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro” (Ap 21.14).

O fundamento citado em Efésios 2.20 se refere ao estabelecimento comprovado, pela autoridade apostólica, das verdades centrais da Igreja cristã, sendo as mais cruciais delas a morte de Jesus Cristo pelos nossos pecados e a sua ressurreição ao terceiro dia, conforme as Escrituras do Antigo Testamento (1Co 15.1-3). Estas verdades sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo representam o alicerce sobre o qual se ergue o edifício da igreja cristã. Coube aos apóstolos lançar estes fundamentos pela pregação, estabelecimento de igrejas e ordenação de presbíteros para edificarem sobre o fundamento por eles estabelecido. É assim que Paulo descreve seu ministério na primeira carta aos Coríntios: “... lancei o fundamento ... e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica. Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que *foi posto*, o qual é Jesus Cristo” (1Co 3.10-11). Neste sentido, resta evidente que o trabalho dos doze e de Paulo já cessou, uma vez que os fundamentos da igreja já foram “postos” desde o século I. Não precisamos mais de apóstolos para lançar os fundamentos da igreja cristã, mas de pastores e mestres que edifiquem sobre eles.

Os escritos apostólicos

Outro componente da missão dos doze relacionado com o lançamento do fundamento da Igreja, foi o registro por escrito do testemunho deles acerca de Jesus e a interpretação do significado de sua morte e ressurreição. Os Evangelhos foram escritos pelos apóstolos ou por alguém associado a eles, a partir do testemunho deles, como é o caso de Marcos – considerado o Evangelho de Pedro – e o de Lucas, baseado no testemunho apostólico, entre outros. No prólogo de seu Evangelho, Lucas menciona a transmissão dos fatos ocorridos entre eles por parte daqueles que “desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra” (Lc 1.1-2), uma referência clara aos doze, que seriam os únicos a se encaixar na descrição dos que testemunharam tudo “desde o princípio”.

Os apóstolos Pedro e João, além disso, nos deram cinco cartas e o livro de Apocalipse. A inspiração e infalibilidade de seus escritos foram garantidas pelo próprio Jesus, quando lhes prometeu enviar o Espírito da verdade que os guiaria a toda verdade (Jo 14.16-17; 14.26; 15.26-27).¹⁵ Com o encerramento do cânon do Novo Testamento, encerrou-se também a missão dos doze apóstolos de Cristo e, com isto, o ofício de apóstolo.

Sinais e prodígios

A realização de sinais e prodígios era também um componente da missão dos doze. Embora o dom de curar e realizar milagres apareça na lista dos dons mencionados por Paulo em 1Coríntios 12.9, e embora outros além dos apóstolos realizaram coisas prodigiosas (cf. Ananias, At 9.17; Filipe, At 8.6; Estêvão, At 6.8),¹⁶ parece que sinais e prodígios estavam mais associados ao ministério dos apóstolos. Embora a promessa dos sinais e prodígios possa ter uma aplicação mais ampla, ela foi dada por Jesus primariamente aos apóstolos (Mc 16.14-18). Marcos diz no

15 Veja o desenvolvimento desta ideia na obra de Herman N. Ridderbos, *Redemptive History and the New Testament Scriptures* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1963).

16 É importante notar que Ananias curou um apóstolo e que Estêvão e Filipe tinham recebido a imposição de mãos dos doze (At 6.5-6).

final de seu Evangelho que “tendo partido, [os apóstolos] pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam” (Mc 16.20), o que mostra o entendimento de Marcos de que a promessa dos sinais foi feita primordialmente aos apóstolos.¹⁷ O autor de Hebreus parece ter tido o mesmo entendimento ao fazer referência aos sinais e prodígios que acompanharam a pregação dos apóstolos.

A qual [mensagem], tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade (Hb 2.1-3).

De acordo com Atos, os sinais eram operados pelos apóstolos: “Muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos” (At 2.43); “muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos” (At 5.12). Estes sinais eram a comprovação de Deus quanto à veracidade do testemunho apostólico da ressurreição. Na defesa de seu próprio apostolado, Paulo cita pelo menos duas vezes os sinais e prodígios que foram feitos por seu intermédio entre os gentios, referindo-se a eles como “as credenciais do apostolado” (2Co 12.12; cf. Rm 15.19).

Não estamos com isto querendo dizer que Deus não faça milagres, sinais e prodígios nos dias de hoje. cremos que ele os faz, quando e como deseja em resposta às orações de seu povo. O que estamos dizendo é que não temos mais homens como os apóstolos com dons de curar e de fazer milagres, sinais e prodígios, os quais, aliás, nunca foram superados pelos que hoje reivindicam o mesmo título e ofício.¹⁸

17 Este ponto continua válido, mesmo que o final maior de Marcos não seja autêntico. Quem quer que o tenha composto, entendeu que a promessa foi feita aos apóstolos em primeiro lugar. Para uma síntese das questões relacionadas com o final de Marcos veja Carson, *Introdução*, 116-118.

18 Trato deste assunto com mais extensão nos meus livros *O Culto Espiritual* (São Paulo: Cultura Cristã, 1999) e *O que você precisa saber sobre batalha espiritual* (São Paulo: Cultura Cristã, 4ª ed. 2006).

Concessão do Espírito Santo

Outro componente fundacional do ministério dos doze após a ressurreição de Cristo foi incluir samaritanos, gentios e seguidores de João Batista na igreja cristã, a qual, em seu início, era totalmente judaica. Esta inclusão era representada externamente pela concessão a estes grupos da mesma experiência que os apóstolos tiveram em Jerusalém no dia de Pentecostes, quando receberam o Espírito Santo enviado pelo Cristo ressurreto. A concessão do Espírito, acompanhada de sinais como falar em línguas e profetizar, era dada pela imposição de suas mãos.¹⁹

Filipe, um dos sete, mesmo tendo evangelizado Samaria e realizado sinais e prodígios, não tomou para si a prerrogativa de impor as mãos sobre os samaritanos que haviam crido. Ele solicitou a presença dos apóstolos para tal (At 8.14-16), pois este ato representava a entrada oficial dos samaritanos na igreja. Simão, o Mago, percebeu este poder dos apóstolos e desejou comprá-lo, o que deu origem à expressão simonia, na história da igreja cristã (At 8.18-21).²⁰

A descida do Espírito sobre os gentios da casa de Cornélio, durante a pregação do apóstolo Pedro, de forma similar ao acontecido em Samaria, representou a aceitação oficial dos gentios na igreja de Cristo (At 10.44-47; 11.15-18). Não houve ali imposição de mãos, desnecessária pelo fato de que o evento ocorreu em meio a um sermão pregado pelo apóstolo Pedro.

Semelhantemente, o Espírito Santo desceu sobre os discípulos de João Batista quando o apóstolo Paulo lhes impôs as mãos, desta forma completando a entrada na igreja de todos os grupos que havia naquela época (At 19.1-7). Estes três episódios da descida do Espírito, similares

19 A única exceção ao papel exclusivo dos apóstolos de conceder o Espírito pela imposição de mãos parece ter sido o episódio em que Ananias impôs as mãos sobre Saulo de Tarso, para que ele ficasse cheio do Espírito Santo (At 9.17). Notemos, todavia, o caráter excepcional do evento, o fato de que se tratava de um único indivíduo, Paulo, e que Ananias havia sido designado diretamente por Jesus Cristo, numa visão, para a realização deste feito. Isto nos deveria fazer hesitar antes de tomar o episódio como paradigmático.

20 "Simonia" é o nome que se dá à compra de cargos eclesiásticos com dinheiro ou em troca de favores políticos, fato comum na igreja católica medieval. O nome vem exatamente deste episódio em que Simão tentou comprar o poder de Deus com dinheiro. Cf. "Simony" em F. L. Cross e Elizabeth A. Livingstone, *The Oxford dictionary of the Christian Church* (Oxford; New York: Oxford University Press, 2005).

ao ocorrido em Pentecostes – Cornélio, samaritanos e discípulos de João Batista – parecem representar o cumprimento das etapas geográficas que o Senhor havia estabelecido na comissão aos doze, “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). Coube a Paulo, como apóstolo nascido fora de tempo, completar a missão dos doze, concedendo o Espírito Santo aos discípulos de João Batista em Éfeso (At 19.1-7). Uma vez consumada a entrada de todas as nações na igreja, processo este supervisionado pelos apóstolos de Jesus Cristo, encerrou-se mais esta função deles, tornando desnecessário o aparecimento de novos apóstolos à semelhança dos doze e de Paulo.

A liderança da igreja de Jerusalém

Fazia parte da missão dos doze, após a ressurreição de Jesus, liderar a igreja em Jerusalém em sua fase inicial. Ela se tornou o centro geográfico do movimento incipiente da igreja cristã. Os doze tinham sede lá e de lá saíam para o trabalho missionário, como Pedro (cf. At 9.32, “passando Pedro por toda parte”). Eles, a princípio, haviam se dedicado também ao cuidado dos pobres e necessitados (At 4.35-37). A crise com as viúvas dos judeus gregos, devido ao aumento fenomenal do número de crentes, os obrigou a delegar este aspecto do ministério ao grupo dos sete (Atos 6.1-6), que é considerado por muitos estudiosos como sendo o primeiro grupo de diáconos. Os apóstolos fizeram isto para que pudessem se dedicar à oração e à pregação da Palavra (At 6.4). Eles eram vistos pelas autoridades judaicas como os líderes da nova “seita” que estava surgindo e causando comoção na cidade e foram presos e castigados por isto (At 5.17-42). Contudo, eles ficaram em Jerusalém quando a primeira grande perseguição dispersou grande parte da igreja pela região da Judeia e Samaria (At 8.1). Jerusalém parece ter sido a sede deles durante bom tempo. De lá enviaram Pedro e João para conhecer o trabalho em Samaria (At 8.14-15). Foi para lá que Barnabé levou Saulo de Tarso, três anos após sua conversão, para apresentá-lo ao doze (At 9.27-28), episódio que Paulo mais tarde citaria em sua carta aos Gálatas (Gl 1.18-19).

Os doze, todavia, não exerciam a liderança sozinhos. Eles elegeram e constituíram presbíteros como líderes da igreja de Jerusalém. Mais tarde, estes presbíteros deram continuidade ao trabalho iniciado pelos apóstolos, sem que, com isto, assumissem *status* apostólico. É interessante que quem parece ter assumido a liderança da igreja de Jerusalém, com a morte do apóstolo Tiago, irmão de João (At 12.1-2), foi outro Tiago, o que era irmão de Jesus (At 12.17; 15.13; 21.18). Paulo o trata como parte do círculo apostólico (Gl 1.18). É interessante notar que o próprio Tiago não se apresenta como apóstolo na carta que escreveu às igrejas (cf. Tg 1.1).²¹

Com os presbíteros, os doze discutiram e decidiram a entrada dos gentios na Igreja e mandaram para todas as igrejas, especialmente as gentílicas, as decisões sobre este assunto, que deveriam ser recebidas e acatadas (At 11.1; 15.1-6; 15.22-23). O próprio Paulo recebeu e acatou estas decisões (At 15.22,30). Numa determinada ocasião, apenas os presbíteros são mencionados na liderança de Jerusalém (At 11.30). A não ser que esta expressão inclua os apóstolos (cf. 1Pe 5.1), pode significar que eles estavam fora da cidade com muita frequência, pregando em toda parte, como Pedro. Quando Paulo retornou a Jerusalém, muitos anos depois do seu primeiro encontro, avistou-se apenas com Tiago, o irmão de Jesus, e os presbíteros de Jerusalém. Nenhuma menção é feita dos doze, a Pedro ou qualquer outro apóstolo (At 21.17-18), o que pode refletir que, a esta altura, os doze (menos Tiago que havia sido martirizado por Herodes e nunca substituído, At 12.1-2) estavam espalhados pelo mundo, pregando.²²

21 Veja no capítulo "Outros Apóstolos" a discussão acerca de Tiago como apóstolo.

22 Paulo se refere ao fato que Cefas costumava levar uma "mulher irmã" – certamente a esposa – em suas viagens, o que pode apontar para o empenho missionário e itinerante de Pedro, cf. 1Co 9.5. A literatura apócrifa e patristica nos dá informações nem sempre confiáveis sobre as atividades missionárias e o destino de alguns apóstolos. Pedro provavelmente morreu na Itália, em Roma, onde pregou durante seus últimos anos, antes de ser morto por Nero, de acordo com a tradição. Tomé teria ido pregar na Índia onde foi martirizado. Filipe teria ido pregar nas regiões da Ásia, onde morreu de causas naturais, ou martirizado. Bartolomeu foi companheiro de Tomé e Filipe em viagens evangelísticas e morreu martirizado na Armênia. João teria morrido em Éfeso, de causas naturais. André foi missionário na Cítia, região que corresponde mais ou menos ao Cazaquistão. Dos outros, pouco ou nada se sabe. Veja a história da vida e morte de cada um dos apóstolos, de acordo com a tradição em E. Hennecke, *New Testament Apocrypha*, vol. 2, ed. W. Schneemelcher (Philadelphia: Westminster, 1965), 23–578, esp. 45–66.

Todas estas prerrogativas – liderar a igreja, lançar seu fundamento doutrinário, receber os gentios, samaritanos e crentes da antiga aliança mediante a concessão do Espírito, testemunhar da ressurreição de Jesus Cristo, realizar sinais e prodígios como prova e escrever Escritura, tornam os doze e Paulo, como veremos, um grupo único e impossível de ser repetido em nossos dias. Eles foram aqueles levantados por Deus para liderar a igreja na transição da antiga aliança para a nova, e lançar os fundamentos da igreja de Cristo para sempre. Uma vez que esta tarefa foi realizada, não temos mais a necessidade e nem a possibilidade de que se levantem em nossos dias apóstolos como os doze e Paulo, como veremos em seguida, ao analisarmos o caso de Pedro em particular.

Pedro

O papel de Simão Pedro entre os doze também merece nossa atenção, especialmente diante da reivindicação da igreja católica romana de que os papas romanos representam a sua legítima sucessão.

É verdade que Cefas, também chamado de Simão Pedro, foi destacado pelo Senhor Jesus em várias ocasiões de entre os demais discípulos. Ele esteve entre os primeiros a serem chamados (Mt 4.18) e seu nome sempre aparece primeiro em todas as listas dos doze (Mt 10.2; Mc 3.16). Jesus o inclui entre os seus discípulos mais chegados (Mt 17.1), embora o “discípulo amado” fosse João (Jo 19.26). Pedro sempre está à frente dos colegas em várias ocasiões: é o primeiro a tentar andar sobre as águas, indo ao encontro de Jesus (Mt 14.28), é o primeiro a responder à pergunta de Jesus “quem vocês acham que eu sou” (Mt 16.16), mas também foi o primeiro a repreender Jesus afoitamente, após o anúncio da cruz (Mt 16.22) e o primeiro a negá-lo (Mt 26.69-75). Foi a Pedro que Jesus disse, “apascenta minhas ovelhas” (Jo 21.17). Foi também para ele que o Senhor disse, “quando te converteres, fortalece teus irmãos” (Lc 22.32). E foi para Pedro que Jesus dirigiu as famosas palavras, “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares

na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus” (Mt 16.18-19). Os doze são várias vezes designados como “Pedro e os demais” (At 2.14; 2.37; 5.29). Foi Pedro quem propôs que se substituísse Judas (At 1.15-17), que pregou às multidões no dia de Pentecostes (2.14ss) e quem defendeu o Evangelho diante do Sinédrio (At 4.8-12; 4.19-20; 5.29-32).

Apesar de tudo isso, não se percebe da parte do próprio Pedro, dos seus colegas apóstolos e das igrejas da época de Pedro, que ele havia sido designado por Jesus como o cabeça da Igreja aqui neste mundo, para exercer a primazia sobre seus colegas e sobre os cristãos, e para ser o canal pelo qual Deus falaria, de maneira infalível, ao seu povo. Ao contrário, ele foi visto e acolhido como um líder da Igreja cristã juntamente com os demais apóstolos, mas jamais como o supremo cabeça da Igreja, sobresaindo-se dos demais.

Nem mesmo Pedro se via como um *primus inter pares*, alguém acima dos demais apóstolos. Quando entrou na casa de Cornélio para pregar o Evangelho, o centurião romano se ajoelhou diante dele em devoção. Pedro o ergue com estas palavras, “Ergue-te, que eu também sou homem” (At 10.26). Pedro reconhece humildemente que os escritos de Paulo são Escritura inspirada por Deus, esvaziando assim qualquer pretensão de que ele seria o único canal inspirado e infalível pelo qual Deus falava ao seu povo (2Pe 3.15-16). E claramente explica que a pedra sobre a qual Jesus Cristo haveria de edificar a sua igreja era o próprio Cristo (1Pe 2.4-8), dando assim a interpretação final e definitiva da famosa expressão “tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”. Em resumo, é aparente que ninguém no século I, nem mesmo o próprio Pedro, entendeu que Jesus tinha dito a ele que ele era a pedra sobre a qual a Igreja cristã seria edificada. E nunca esta Igreja tomou medidas para achar um substituto para Pedro após a sua morte.

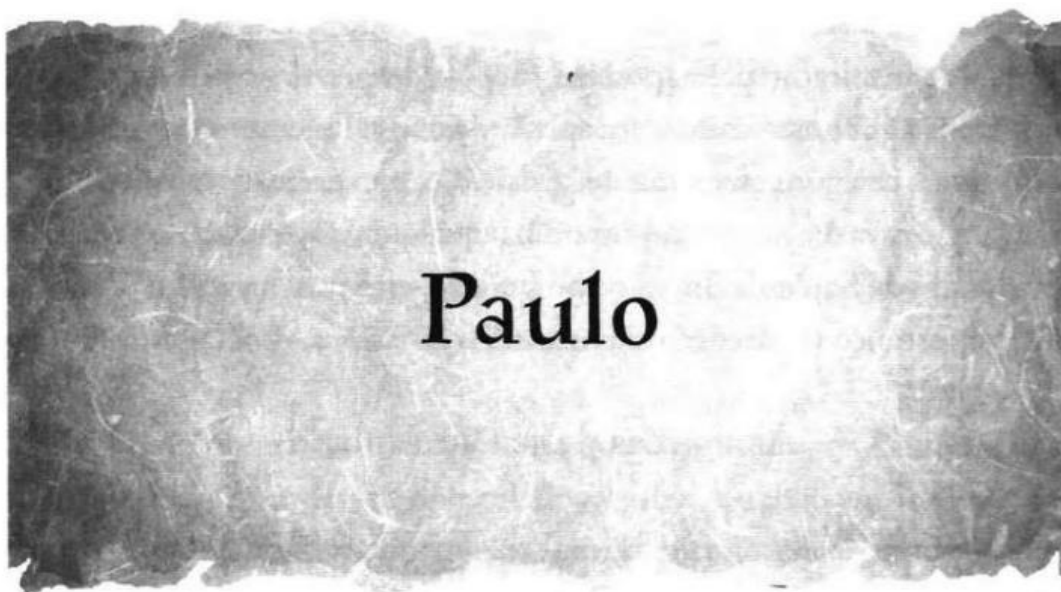
O que veremos mais adiante é que os apóstolos designaram presbíteros para que dessem continuidade ao trabalho por eles iniciado, não como seus substitutos, mas como aqueles que deveriam interpretar e aplicar o legado apostólico preservado em seus escritos às gerações subsequentes.

Conclusão

Nosso estudo acima revela que os doze apóstolos formaram um grupo único e que não deixaram substitutos. Eles foram testemunhas autorizadas por Jesus Cristo de sua vida e obra, especialmente de sua morte e ressurreição, designados para lançar o fundamento da igreja cristã nascente. Como sucessores dos profetas escritores de Israel, foram guiados pelo Espírito da verdade naquilo que escreveram, de forma que seus escritos são inspirados por Deus e fonte autoritativa para nosso conhecimento de Cristo e sua obra.

Os sinais e prodígios inigualáveis que realizaram, bem como seu papel na transição da antiga aliança para a nova, o estabelecimento do novo Israel, o povo espiritual de Deus, assinalam que seu ofício era exclusivo e temporário, apropriado para aquele momento específico da história da redenção. Nesse sentido, é impossível cogitar que através da história da Igreja, Jesus Cristo tenha levantado outros como os doze, considerando o papel pioneiro, fundamental e exclusivo dos mesmos. Nem mesmo o apóstolo Paulo se considerava como um deles, muito embora não se visse como inferior, como veremos em seguida.

Capítulo 3



Paulo é certamente o apóstolo que mais influenciou a igreja cristã. Suas cartas representam quase a metade dos livros canônicos do Novo Testamento.¹ O testemunho que o livro de Atos nos dá de sua conversão, sua chamada, seus labores e sofrimentos pelo Evangelho de Cristo o estabelece como o maior missionário cristão da Igreja nascente.

A primeira e mais importante das questões que envolvem o ministério de Paulo é o que o seu apostolado representa diante do grupo original dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Relacionada a esta questão vem outra, que é a maneira como ele emprega o termo ἀπόστολος em suas cartas. Nosso alvo neste capítulo é tentar responder estas questões, pois as respostas serão da mais alta importância para o tema deste livro.

¹ Assumimos aqui a autoria das 13 cartas que trazem o nome de Paulo. Se Hebreus foi escrita por ele, conforme defendido ao longo da história da Igreja por alguns estudiosos, então ele teria escrito a maior parte do Novo Testamento.

Alguns defensores do ofício apostólico para hoje argumentam que os doze eram um grupo inicial e único de apóstolos. Paulo, por sua vez, representava a segunda geração de apóstolos, sucessores dos doze e que servem de inspiração para apóstolos depois dele e até nossos dias. Já antecipamos aqui nossa convicção: apesar de não estar entre os doze, Paulo está numa categoria semelhante a deles, como pretendemos demonstrar, o que esvazia, segundo propomos, qualquer pretensão de se usar o apostolado de Saulo de Tarso como fundamento para a continuidade do ofício apostólico no decorrer da história eclesiástica.

As marcas de seu apostolado

No livro de Atos, encontramos três relatos sobre o episódio determinativo da vida de Saulo de Tarso, que foi o encontro inesperado no caminho de Damasco com o Cristo ressurreto. O primeiro é o próprio relato de Lucas (At 9.1-25), e os outros dois são relatos das defesas de Paulo, uma diante da multidão em Jerusalém (At 22.1-21) e outra, perante o rei Agripa (At 26.1-23). Os três relatos contêm basicamente as mesmas informações, com algumas variações de conteúdo, seguindo a mesma sequência:

- ✦ As perseguições de Saulo de Tarso, o fariseu zeloso, contra os cristãos (At 9.1; 9.13-14; 22.4; 22.19; 26.9-11; cf. ainda 8.3).
- ✦ A aprovação que ele dava quando eram mortos (At 22.20; cf. ainda 7.58; 8.1).
- ✦ A obtenção de cartas de autorização das autoridades judaicas para procurar nas sinagogas de todas as cidades, prender e trazer a Jerusalém os judeus que houvessem aderido ao “Caminho”, para serem punidos (At 9.1-2; 22.5).
- ✦ A viagem a Damasco com este propósito (At 9.2; 22.5-6; 26.12).
- ✦ O aparecimento súbito (ao meio dia, perto de Damasco) da luz intensa que o cegou e o derrubou com seus companheiros (At 9.3-4; 22.6-7; 26.13-14).

- A voz do céu e o diálogo que se seguiu em que Jesus se apresenta e o instrui a entrar em Damasco em busca de Ananias (At 9.4-9; 22.7-11; 26.13-18).
- Jesus instruiu Ananias sobre Saulo (At 9.10).
- O encontro de Saulo com Ananias (At 9.17-19; 22.12-16).
- O seu comissionamento para levar o nome de Jesus aos gentios (At 9.15-16; 22.14-15; 22.21; 26.16-18).
- O relato de como ele, em seguida, obedeceu ao que Jesus lhe havia ordenado (At 9.20-25; 22.17; 26.19-23).

Há três pontos dos relatos acima que são usados por Paulo em suas cartas como prova de seu apostolado, a saber, que ele viu Jesus Cristo ressurreto, que este o comissionou como apóstolo para levar seu nome aos gentios e que seu ministério era marcado pelo sofrimento. Estes três pontos correspondem às marcas do apostolado dos doze. Examinemos cada um deles em seguida, com o alvo de estabelecer o apostolado de Paulo no mesmo nível dos doze apóstolos de Jesus Cristo.

Testemunha da ressurreição de Cristo

O primeiro ponto é que Paulo viu o Cristo ressurreto e tornou-se, assim, testemunha de sua ressurreição. Nos relatos de Atos, a aparição de Jesus no caminho de Damasco é descrita como uma luz do céu mais brilhante do que o próprio sol. O detalhe de que isto ocorreu cerca do meio-dia acentua a intensidade do brilho (At 22.6; 26.13). Nenhum dos relatos diz que Paulo viu Jesus em seu corpo ressurreto, como os doze o viram durante os dias em que estiveram com ele após a ressurreição e antes da ascensão, em que ele comeu e bebeu com eles e lhes mostrou as marcas da crucificação em suas mãos, pés e lado. Estas aparições aos doze, após a ressurreição e o testemunho deles acerca dela, era um dos fundamentos do apostolado deles. Saulo, todavia, aparentemente não chegou a ver Jesus desta forma, tendo visto apenas a luz intensa que emanava do corpo glorioso de Jesus.

A razão provável para o brilho intenso é que, depois de sua ascensão, o corpo de Jesus foi glorificado e sua aparência não poderia ser percebida

pelos mortais senão desta forma, tal a glória com que foi revestido: uma luz mais intensa do que a fonte de luz mais conhecida dos humanos, mesmo quando brilha em sua maior intensidade. Talvez o que mais se assemelhe a esta aparição no caminho de Damasco seja a visão que o apóstolo João teve mais tarde do Cristo glorificado, na ilha de Patmos: “O seu rosto brilhava como o sol na sua força” (Ap 1.16).² Os doze viram Jesus depois da ressurreição e antes de sua ascensão (At 1.1-5). Paulo aparentemente foi o único que o viu depois da ascensão, embora ele coloque este avistamento no mesmo nível dos demais antes dele (cf. 1Co 15.1-8).

Aqui é importante fazer uma importante distinção entre uma aparição do Cristo ressurreto e uma visão em que Jesus aparece. O que aconteceu no caminho de Damasco, com Paulo, foi uma aparição do Cristo ressurreto em todo o esplendor do seu corpo glorificado. Depois disso, Paulo teve diversas visões em que Jesus lhe apareceu, como por exemplo, uma logo em seguida ao episódio do caminho de Damasco, em que ele “viu” um homem que o haveria de curar da cegueira (At 9.12). Ou ainda quando ele estava em Corinto e o Senhor lhe apareceu para confortá-lo e animá-lo (At 18.9) e, mais tarde, em Jerusalém, durante um êxtase (At 22.17-18). Ele se refere ainda às “visões e revelações do Senhor” (2Co 12.1). O próprio Ananias, lá mesmo em Damasco, teve uma visão em que Jesus lhe apareceu (At 9.10), mas isso não é a mesma coisa que a aparição do Jesus ressurreto a Saulo de Tarso. A diferença principal, nos parece, é que, enquanto uma visão é subjetiva e ocorre inteiramente na mente do indivíduo, a aparição é objetiva, ela está lá diante do indivíduo e poderia ser vista inclusive por outras pessoas, ao contrário da visão. O que aconteceu em Damasco foi uma aparição do Cristo ressurreto. Logo após o acontecimento, Ananias disse a Saulo que ele havia sido escolhido para “ver o Justo e ouvir uma voz de sua própria boca” (At 22.14) e se refere a Jesus como aquele que “te *apareceu* no caminho por onde vinhas” (At 9.17). No relato de Paulo, ele declara que Jesus lhe disse no

2. Tratou-se de uma visão e não de uma aparição de Cristo, pois João nos informa que ele “se achou em espírito” (Ap 1.10), designação comum nos profetas para indicar o estado de êxtase em que o profeta entrava para ter as visões, cf. Ez 2.2; 3.12; etc.

caminho: “Para isto te *apareci*” (At 26.16). Pouca dúvida podemos ter de que, segundo os relatos, tratou-se de uma aparição pessoal de Jesus com seu corpo ressurreto e glorificado. Se fosse apenas uma visão, como um sonho, isso não qualificaria Paulo como apóstolo.³ A maioria dos “apóstolos” modernos reivindica uma chamada feita por Cristo mediante uma visão. Mas, como Samuel Waldron nos explica:

Visões e sonhos – mesmo se reais e genuínos – não qualificam alguém a ser um Apóstolo de Cristo. A Bíblia enfatiza claramente a distinção entre o olho interno e o olho externo e conecta revelação ao olho externo, como uma marca de distinção superior. As reivindicações modernas de terem visto Jesus em sonhos e visões não qualificam ninguém a reivindicar esta característica indispensável de um Apóstolo de Cristo.⁴

Nos relatos da aparição no caminho de Damasco, encontramos uma aparente contradição. Lucas nos diz que os companheiros de Paulo ouviram a voz, mas não viram ninguém (At 9.7), enquanto que Paulo, ao apresentar o seu próprio relato, diz que seus companheiros viram a luz e que todos caíram por terra embora não entendessem o sentido da voz (At 22.9; 26.14). Uma harmonização das histórias sugere que todos viram a luz, que todos caíram por terra, que todos ouviram a voz embora não vissem quem falava (provavelmente estavam olhando ao redor procurando distinguir alguma pessoa) e que somente Paulo entendeu o que a voz dizia. Pode ser significativo que Paulo, num de seus relatos, acrescenta o detalhe que a voz falou em hebraico (At 26.14).⁵ Se seus acompanhantes fossem judeus comuns, servos do sumo sacerdote, isso poderia explicar porque somente Paulo en-

3 Paulo se refere uma vez à aparição como “a visão celestial” (At 26.19), mas aqui o sentido não é de uma experiência subjetiva, como um êxtase. Paulo quer dizer apenas que ele viu a manifestação de Jesus vindo dos céus.

4 Samuel Waldron, *To Be Continued?* (Amityville, NY: Calvary, 2007), 27. Cf. ainda posição idêntica de Wayne Grudem, “já que ninguém hoje pode preencher esta qualificação de ter visto o Cristo ressurreto com seus próprios olhos, não há mais apóstolos hoje” (*Systematic Theology* [Grand Rapids: Zondervan, 1994], 911).

5 “Discrepâncias aparentes como estas, nas diferentes narrativas da mesma cena no mesmo livro de Atos, nos dão forte confirmação tanto dos fatos em si como do livro que os registra” (Jamieson, *Commentary*, At 9.7).

tendeu. Hebraico era a língua dos rabinos, do templo, das sinagogas, das Escrituras. Os judeus comuns de Jerusalém provavelmente falavam apenas o aramaico e tinham um conhecimento mínimo do hebraico.⁶

De qualquer forma, os detalhes dos relatos revelam que o ocorrido perto de Damasco foi uma manifestação pública de Jesus Cristo após a sua ressurreição, em toda a sua glória, manifestação esta testemunhada por Saulo de Tarso. Paulo considera o ter visto esta aparição como equivalente ao requisito apostólico de ser testemunha da ressurreição de Cristo: “Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?” pergunta ele aos coríntios, uma pergunta retórica (1Co 9.1). Nesta mesma carta, mais adiante, ao confrontar o grupo em Corinto que não cria na ressurreição dos mortos, ele relata uma série de aparições de Jesus a várias pessoas depois da ressurreição:

Ele apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, *foi visto* por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem. Depois, *foi visto* por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, *foi visto* também por mim, como por um nascido fora de tempo (1Co 15.5-8).

É importante notar que ele coloca a aparição de Jesus a ele em pé de igualdade com as aparições a Pedro, aos doze, aos quinhentos irmãos, Tiago e “todos os apóstolos” e que isto o faz apóstolo tanto como os doze.⁷

Comissionado diretamente pelo Senhor

A segunda marca do apostolado de Paulo é o comissionamento direto que ele recebeu do Cristo ressurreto. Este comissionamento parece ter sido

6 A situação linguística da Palestina no século I tem sido motivo de debate entre os estudiosos, especialmente sobre a prevalência do aramaico ou hebraico como língua comum dos judeus naquela época. Entendemos que as evidências favorecem o aramaico. Cf. “Aramaic” em Allen C. Myers, *The Eerdmans Bible Dictionary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987). Veja mais detalhes do debate em Robert H. Gundry, “The language milieu of first century palestine” em *Journal of Biblical Literature*, 83/4 (1964), 404ss.

7 Tem sido argumentado que os quinhentos irmãos que viram Jesus depois na ressurreição teriam sido considerados apóstolos. Jamieson, por exemplo, sugere que Andrônico e Júnias (Rm 16.7) estavam entre estes 500 irmãos e por isto eram apóstolos (*Commentary*, in loco). Todavia, ter testemunhado uma aparição do Cristo ressurreto não os constituía, por si só, apóstolos. Faltava-lhes outros requisitos que aparecem nos Evangelhos e nos relatos de Atos, além do comissionamento direto do Senhor aos doze e Paulo.

dado através de Ananias, um judeu cristão, de bom testemunho de toda a comunidade judaica. Ele havia sido mandado por Jesus, numa visão, ao encontro de Saulo, que estava cego, em oração e jejum, já por três dias, na casa de Judas, na rua Direita em Damasco. Ao encontrar-se com ele, impôs-lhe as mãos e declarou-lhe o que Jesus lhe havia mandado. Saulo foi cheio do Espírito Santo e recobrou a vista (At 9.8-19; 22.12-16). Paulo, todavia, omite o encontro com Ananias no relato que faz do evento em sua defesa diante de Agripa. Ele diz que seu chamado para o ministério entre os gentios foi feito pelo próprio Jesus quando lhe apareceu ainda no caminho, antes dele ter entrado em Damasco (At 26.14-18).

Há duas explicações plausíveis para a aparente contradição entre os relatos. A primeira, que a chamada de Saulo se deu em duas etapas, a primeira por Jesus no caminho e a segunda através de Ananias, na casa de Judas em Damasco. Os dois primeiros relatos de Atos omitem a chamada direta de Cristo e o último omite o comissionamento através de Ananias. A segunda possibilidade é que o comissionamento foi feito realmente através de Ananias, na casa de Judas em Damasco. Como, para Paulo, se tratou de uma chamada do próprio Cristo, mesmo que mediante Ananias, ele não teve dificuldades em atribuir sua chamada diretamente ao Cristo ressurreto, ao apresentar um relato condensado dos fatos em sua defesa, perante Agripa. Cremos que esta última explicação é a mais plausível. "Aqui o apóstolo parece condensar numa única declaração, diversas outras declarações de seu Senhor em outras visões em tempos diferentes, com o objetivo de apresentar em um quadro único a grandeza da sua comissão com a qual o seu Mestre o havia revestido."⁸

Em dois dos relatos em Atos é dito que Paulo havia sido escolhido pelo Cristo exaltado para ser sua testemunha. Ao aparecer a Ananias, que ainda estava relutando em se aproximar do perseguidor Saulo, Jesus lhe diz: "Vai, porque este é para mim um instrumento *escolhido* para levar o meu nome..." (At 9.15). Ananias, por sua vez, ao encontrar-se com Saulo

8 Jamieson, *Commentary*, in loco. Paulo menciona ainda uma outra vez em que Jesus lhe aparece para comissioná-lo a pregar entre os gentios, numa visão em Jerusalém, algum tempo depois do episódio de Damasco, cf. At 22.17-21.

lhe diz: “O Deus de nossos pais, de antemão, te escolheu para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires uma voz da sua própria boca...” (At 22.14). Este fato é refletido pelo próprio Paulo em diversas passagens de suas cartas, quando ele diz que foi feito apóstolo “pela vontade de Deus” (1Co 1.1; 2Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 2Tm 1.1).

Na carta aos Gálatas, ele declara que seu apostolado não tem origem humana, mas divina: “Apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos” (Gl 1.1; cf. 1.11-12). De acordo com Clark, quando Paulo diz que é apóstolo “não da parte de homens” ele se desassocia dos falsos apóstolos, e quando diz que não é apóstolo “por intermédio de homem algum” ele se coloca em igualdade com os doze e se desassocia dos apóstolos que eram enviados, delegados e missionários das igrejas locais.⁹

Ao referir-se implicitamente ao episódio em Damasco na carta aos Gálatas, Paulo diz: “Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consulte carne e sangue” (Gl 1.15-16). A linguagem de Paulo aqui se assemelha ao chamado de Jeremias: “A mim me veio, pois, a palavra do Senhor, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações” (Jr 1.4-5). Como os profetas, Paulo se vê como soberanamente escolhido e separado por Deus, antes de nascer, para ser seu mensageiro, seu representante autorizado diante de todas as nações. Ter sido escolhido soberanamente e de antemão pelo Senhor exaltado, coloca Paulo em pé de igualdade com os doze que foram escolhidos soberanamente pelo Jesus terreno, que chamou “aqueles que ele mesmo quis” (Mc 3.13).¹⁰

Em síntese, Saulo de Tarso havia sido escolhido por Deus, antes de seu nascimento, para ser testemunha da ressurreição de Jesus Cristo aos

9 Cf. Clark, “Apostleship,” 356.

10 Veja no Evangelho de João as passagens em que Jesus declara aos doze que os havia escolhido: Jo 6.70; 13.8; 15.16 e 19.

gentios, entre todas as nações, embora isso não excluísse seu testemunho aos próprios judeus. Seu objetivo seria anunciar aos gentios o que ele viu e ouviu da parte do Cristo exaltado, a fim de que eles fossem recebidos, perdoados e integrados no povo de Deus, do qual os judeus foram os primeiros a fazer parte. E nesta missão, ele haveria de sofrer, embora o Senhor tenha prometido livrá-lo.

À semelhança dos doze, Paulo viu a Cristo depois da ressurreição e foi comissionado diretamente por ele para ser testemunha deste fato. O evento de Damasco foi, ao mesmo tempo, a conversão e a chamada apostólica de Paulo. Ele é apóstolo tanto quanto os doze o foram e tem as mesmas credenciais que eles. Seu chamado tardio e posterior aos doze se deveu às demandas crescentes da missão gentílica, como veremos mais adiante.

Sofrimentos pelo Evangelho

A terceira marca do apostolado que está presente no relato da conversão e chamada de Paulo no livro de Atos, bem como nas suas cartas, é a necessidade dele sofrer pelo nome de Jesus. A importância desse assunto para nosso estudo é autoevidente: existe um contraste marcante entre a vida de sofrimentos pessoais de Paulo, que ele considera como sinal indisputável da genuinidade de seu apostolado, e a teologia da prosperidade pregada por grande parte dos que hoje se chamam de “apóstolos”.

No relato que Lucas faz da conversão de Saulo há o registro do que o Senhor disse a Ananias com respeito a ele, “pois eu lhe mostrarei quanto *lhe importa sofrer pelo meu nome*” (At 9.16). “Importa” (δεῖ) aponta para uma necessidade imperiosa. Associado ao chamado apostólico vinha o sofrimento. Os apóstolos eram representantes autorizados do Cristo crucificado, eram seus mensageiros autorizados para anunciar a sua morte na cruz a todas as nações. A cruz era o centro da vida e da mensagem de Paulo: “Estou crucificado com Cristo”, disse ele aos gálatas (Gl 2.19; 1Co 2.2). Paulo considerava os seus sofrimentos como uma extensão daqueles de Cristo, em favor de sua igreja: “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24; cf. ainda 2Co 1.5; Fp 3.10).

O livro de Atos registra os sofrimentos de Paulo no desempenho de seu apostolado, mas é nas cartas que ele escreveu à igreja de Corinto, consideradas as de maior cunho pessoal, que encontraremos o que ele mesmo nos diz sobre estes sofrimentos.

Primeiro, notemos como Paulo se impôs uma vida de humilhação e modéstia, para não roubar, de alguma forma, a glória do Crucificado. Ele evitava batizar muita gente, para que não se formassem seguidores em torno do seu nome (1Co 1.14-17). Evitava a ostentação de linguagem na pregação pelo mesmo motivo e pregava somente a Cristo e este crucificado (1Co 2.1-5), para evitar que pessoas se agregassem à igreja impressionadas por seus talentos e carismas, e não pela fé em Jesus Cristo (1Co 2.5). Constantemente lembrava seu rebanho de que ele era um mero servo, junto dos outros, e que seu sucesso em levar pessoas a Cristo se devia tão somente à graça de Deus e não a méritos próprios (1Co 3.5-9). Paulo insistia que Deus requeria dos apóstolos somente que fossem fiéis, e não que fossem bem sucedidos, diante da tentação de muitos de compararem os ministérios dele, de Apolo e de Pedro (1Co 4.1-3). O auto-esvaziamento de Paulo era parte da vida de sofrimento que ele abraçou naquele dia em que foi chamado por Jesus no caminho de Damasco.

Segundo, havia o sofrimento causado pelos inimigos do Evangelho e pelos próprios cristãos. Paulo era constantemente considerado – inclusive por pessoas que faziam parte das próprias igrejas que havia fundado – como condenado à morte, espetáculo ao mundo e aos anjos, louco, fraco e desprezível (1Co 4.9-10). Em diversas ocasiões passou fome, sede e nudez; foi esbofeteado e não tinha moradia certa ou casa própria (1Co 4.11). Trabalhava até à exaustão com as próprias mãos para garantir o seu sustento (1Co 4.12). Era perseguido, injuriado, caluniado e considerado a escória do mundo, mas não respondia nem revidava a nenhuma destas provocações (1Co 4.13). Muitos achavam que ele não tinha o direito de receber sustento das igrejas e nem de se fazer acompanhar de uma esposa nos trabalhos missionários intensos e cansativos. Por isso, ele trabalhava para se sustentar e se recusava a receber salário, ofertas e contribuições das igrejas, quando tal coisa pudesse lançar dúvida sobre suas intenções (1Co 9.1-12).

Ele pregava e evangelizava nas igrejas sem nada pedir e nada receber, para não colocar empecilho ao Evangelho de Cristo (1Co 9.15.18), pois seu alvo era ganhar o maior número possível de pessoas. Preocupava-se em ser irrepreensível, em controlar-se e manter suas paixões e desejos debaixo de controle, para ter autoridade para pregar (1Co 9.25-27). Enfrentou a morte várias vezes no trabalho missionário, e em algumas delas considerou que sua hora de partir tinha finalmente chegado (2Co 1.8-9). Ele passava por constantes sofrimentos e angústias de coração por causa das igrejas e dos crentes a quem amava e por quem se preocupava individualmente (2Co 2.4). Paulo perdoava e pedia o perdão dos outros para aqueles que o haviam ofendido e prejudicado o seu trabalho (2Co 2.7-8).

Ele tomava todo cuidado para não adulterar a mensagem do Evangelho, não andava com astúcia e nem procurava enganar seus ouvintes para tirar proveito financeiro deles (2Co 4.1-2). Vivia como um condenado à morte, levando em seu corpo o morrer de Jesus na forma de privações, perseguições, sofrimentos, calúnias e injúrias, como meio da vida de Cristo se manifestar através dele (2Co 4.7-15). Sua esperança e expectativa não estavam aqui, nas riquezas, propriedades e bens, mas o tempo todo ele faz menção da glória celestial, das coisas invisíveis e eternas que ele aguardava como recompensa de seus sofrimentos e ministério (2Co 4.16-18). Quando precisava se recomendar aos ouvintes como ministro de Cristo, incluía em seu currículo as muitas aflições, angústias, privações, açoites, prisões, tumultos, vigílias e jejuns no trabalho do Senhor (2Co 6.4-10). Neste currículo constavam trinta e nove açoites recebidos dos judeus pelo menos cinco vezes, ser fustigado com varas três vezes, três naufrágios, apedrejamentos, perigos de salteadores e assassinos, além do peso constante da responsabilidade das igrejas que pesava sobre seus ombros (2Co 11.28). Apresentava como motivo de glória o fato de que uma vez teve de fugir de uma cidade escondido em um cesto e descido pelos irmãos pela muralha, para escapar com vida (2Co 11.30-33). Ele lutava diariamente com um doloroso espinho na carne, que o abatia e fazia sofrer e clamar a Deus, mas sem resposta, a não ser a provisão da graça para poder suportá-lo (2Co 12.7-10).

A relação inseparável entre apostolado e sofrimento reforça o que já temos dito. Os apóstolos de Jesus Cristo foram levantados por ele para lançar os fundamentos da igreja cristã em meio a uma vida de sofrimentos que eram compatíveis com os sofrimentos daquele que é o fundamento desta igreja. Segundo a tradição da igreja, não somente Paulo, como também os doze, foram martirizados, em locais e tempos diferentes, por causa do Evangelho. No livro de Apocalipse, o último do Novo Testamento a ser escrito, quando provavelmente a maioria dos apóstolos já havia padecido, os santos, apóstolos e profetas são convocados a se regozijar com a perspectiva do juízo de Deus sobre Babilônia, representante dos reinos deste mundo (Ap 18.20). O motivo "Deus contra ela julgou a vossa causa", é uma indicação clara de que os apóstolos já eram associados aos profetas do Antigo Testamento como mártires em prol do Reino de Deus.¹¹

Muitos, hoje, que se consideram apóstolos como aqueles do Novo Testamento, não parecem apreciar o sofrimento como parte de seu apostolado. Apóstolos modernos pregam a teologia da prosperidade e não a teologia da cruz e do sofrimento por Cristo.

Paulo e os doze

Vimos acima as marcas do apostolado de Paulo, que o colocam no mesmo nível dos doze, fechando assim o grupo dos apóstolos de Jesus Cristo. Veremos em seguida a relação de Paulo para com os doze, destacando aquela característica do seu apostolado que o fazia distinto, que era seu ministério focado nos gentios.

Apóstolo aos gentios

Paulo foi constituído apóstolo aos gentios alguns anos após os doze terem iniciado seu ministério e de Pedro já ter introduzido os gentios na igreja cristã nascente, na casa de Cornélio (At 10.1-48; 11.1-18). Essa vo-

11 A ARC traduziu *καὶ οἱ ἅγιοι καὶ οἱ ἀπόστολοι καὶ οἱ προφῆται* (Ap 18.20) como "santos apóstolos e profetas" mas a repetição do *καὶ οἱ* estabelece uma distinção entre santos e apóstolos, "santos" sendo uma referência aos mártires cristãos.

cação gentílica nos chama a atenção nos relatos da conversão de Paulo. O Senhor exaltado disse ao relutante Ananias que Saulo haveria de levar seu nome "... perante os *gentios* e reis, bem como perante os filhos de Israel" (At 9.15-16). E Ananias disse a Saulo que Deus o havia chamado para "... ser sua testemunha diante de *todos os homens*" (At 22.14-15). E o Senhor disse a Saulo que o enviava como testemunha "... ao povo [Israel] e aos *gentios*" (At 26.16-18). Muito embora o testemunho aos judeus apareça nos relatos, era primariamente aos gentios que Paulo haveria de testemunhar.

É preciso que lembremos aqui o abismo étnico que existia na época de Paulo entre judeus e gentios. A lei de Moisés continha algumas normas que coíbiavam o relacionamento dos judeus com os gentios. Entre as mais importantes estão as chamadas leis dietárias, referentes à alimentação. Os judeus eram proibidos de comer determinados animais, aves, peixes e insetos. Sangue era terminantemente proibido. Até mesmo os animais permitidos tinham de ser mortos de uma forma a esvair-lhes totalmente o sangue (Lv 7.22-27; 11.1-47; Dt 12.15-31; 14.3-21; etc.). Embora as leis de Israel não proibissem todo e qualquer contato com gentios, aquelas referentes à alimentação tornavam praticamente impossível um judeu sentar-se à mesa na casa de um gentio ou ter com ele uma refeição num lugar público, onde essas normas certamente não seriam respeitadas (At 10.28; 11.3).

As leis de Moisés contra a idolatria igualmente afastavam os judeus do convívio dos gentios (Êx 20.3-4, 23; Dt 4.15-19), que adoravam inúmeros deuses e veneravam imagens incontáveis de divindades (1Re 11.5,7,33; 2Re 5.18; 17.29-31; 19.37; At 14.12; 19.35; etc.), além da prática da magia e feitiçaria, consideradas abominações (Êx 22.18; Dt 18.10; Mq 5.12; At 8.9-11; 13.6; 19.19). O próprio Paulo ficou impressionado com a quantidade de ídolos que encontrou na cidade de Atenas, capital intelectual da cultura grega (At 17.16). As religiões gregas com frequência incluíam a prostituição cúltica que envolvia relações sexuais entre sacerdotisas, sacerdotes (homossexuais) e devotos (Dt 23.17; 1Re 14.24; 2Re 23.7; Os 4.14). De entre os próprios gentios que se haviam tornado cristãos havia aqueles que tinham escrúpulos em comer carne ou

ir à casa de seus amigos pagãos para uma refeição, com receio da contaminação da idolatria, visto que a carne poderia ter vindo de um templo pagão (cf. 1Co 8—10). Similarmente, eram proibidos os casamentos de judeus com gentios, por causa da idolatria destes (Êx 34.15-16; Dt 7.1-5), pecado este que havia, no passado, trazido o juízo de Deus sobre a nação, com o desterro babilônico (Ed 9.1—10.3).

As leis sobre sexualidade proibiam o adultério, o homossexualismo, o bestialismo, a prostituição e toda forma de promiscuidade, coisas estas que eram praticadas nas culturas pagãs ao redor de Israel (Lv 18.1-30; 20.10-21; Dt 27.20-23). Paulo, por exemplo, nos dá em suas cartas diversas descrições da vida imoral da sociedade pagã de sua época (Rm 1.24-32; 1Co 6.9-11; Ef 4.17-19; 1Tm 1.8-11).

Nas guerras da conquista, Deus havia ordenado a Moisés e posteriormente a Josué que não fizessem aliança com os gentios, pois isto acabaria trazendo a idolatria para dentro de Israel. Os povos pagãos de Canaã, por causa da sua idolatria e imoralidade, haviam contaminado a terra e completado a sua iniquidade diante de Deus (Gn 15.16; Êx 23.23-24; 34.11-16). Era para serem exterminados, não somente como castigo divino merecido, mas também para que, se porventura deixados vivos, não viessem a contaminar os judeus com sua religião e modo de vida, o que eventualmente veio a acontecer (Êx 23.23-33; 34.10-17; Js 23.1-16).

No período entre Malaquias e João Batista, geralmente chamado de período do Segundo Templo, Alexandre o Grande e seus sucessores haviam tentado, vez após vez, helenizar os judeus.¹² Isto é, torná-los participantes da cultura grega, forçando-os a abrir mão dos seus costumes e religião e aderir ao sincretismo religioso e cultural promovido pelos gregos.¹³ A reação dos judeus foi extrema, especialmente diante das tentativas de Antíoco Epifânio IV, rei selêucida, que tentou levar avante um

12 Helenismo é o nome que se dá à civilização grega, incluindo cultura, pensamento e instituições, difundidas pelo mundo Mediterrâneo e no Antigo Oriente Próximo, pelas conquistas de Alexandre o Grande (336-323 a.C.).

13 Cf. S. Safran e M. Stern, eds. *The Jewish People in the First Century: Historical Geography, Political History, Social and Religious Life and Institutions*, CRINT, vol. 1 (Assen: Van Gorcum; Philadelphia: Fortress, 1974-76), pp. 37 em diante. Há um excelente resumo da história, geografia e política dos judeus no período do Segundo Templo a partir da p. 78.

programa rigoroso de helenização dos seus domínios (inclusive a Judeia), que incluía o culto ao Imperador, a difusão da língua grega, e a abolição dos costumes judaicos quando possível.¹⁴ Liderados pelos Macabeus, os judeus levantaram-se repetidas vezes em revolta armada e lutaram até a morte para não se sujeitarem ao processo de helenização. Foi nesta época que surgiram os *hasidim*, os separados, líderes da inconformidade, dos quais mais tarde vieram os fariseus, que se tornaram os líderes religiosos de Israel quando a batalha foi ganha e os judeus adquiriram relativa liberdade para seguir seus costumes debaixo do Império Romano. Os fariseus se tornaram, nas palavras de Paulo, a seita mais severa do judaísmo, da qual ele mesmo havia feito parte (At 26.5).¹⁵

O resultado de tudo o que mencionamos acima foi a atitude consciente de separação dos judeus em relação aos demais povos. Era natural que os judeus se afastassem das outras nacionalidades e evitassem qualquer contato com os gentios, para preservar os caminhos da pureza recomendados na Lei (cf. Jo 18.28; Mc 7.2-3).¹⁶ E os judeus que se converteram a Jesus Cristo mantiveram, a princípio, esta mesma atitude para com os gentios, especialmente em Jerusalém.

Lemos no livro de Atos que muitos dos fariseus e dos sacerdotes se converteram mediante as pregações dos apóstolos em Jerusalém. A presença e influência na igreja cristã nascente destes fariseus convertidos, associada com o ranço natural que todos os judeus tinham contra os gentios, pode muito bem explicar a relutância de Pedro em pregar o Evangelho na casa de Cornélio, um gentio (At 10.9-22), bem como

14 Seleuco foi um dos generais de Alexandre o Grande, que depois de sua morte fundou um império (312 a.C.) que dominou quase todo o mundo conhecido. Sua filosofia continuava a de Alexandre, que era de mesclar a civilização grega às culturas dos países dominados (helenização).

15 Cf. "Pharisees," em Paul Achtemeier, *Harper's Bible Dictionary* (San Francisco: Harper & Row, 1985). Veja também D. R. De Lacey, "Pharisees". Organizado por D. R. W. Wood, I. H. Marshall, A. R. Millard, J. I. Packer, e D. J. Wiseman. *New Bible Dictionary* (Leicester, England; Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996). Para uma visão menos negativa sobre os fariseus, que acaba diminuindo a importância dos relatos dos Evangelhos, veja "Pharisees" em Walter A. Elwell e Philip Wesley Comfort, *Tyndale Bible Dictionary*. Tyndale reference library (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2001).

16 Este desejo de separação levava os judeus zelosos, na época de Jesus, a se separar inclusive de outros judeus que não guardavam a lei de forma estrita, chamados de "pecadores" e geralmente associados aos publicanos, que eram judeus cobradores de impostos, cf. Lc 5.29-32; 15.1-2; Mt 9.10-11; 11.19; etc.

a relutância da igreja em Jerusalém de aceitar este fato (At 11.1-18). O assunto foi longe e chegou a ser motivo de discussão no primeiro concílio cristão de que temos notícia (At 15.1-21). Esta aversão dos judeus aos gentios incluía os samaritanos (Jo 4.9), uma raça surgida depois do cativeiro, como resultado da miscigenação de assírios com os judeus de Samaria (2Re 17.24-41). Essa miscigenação criou um culto sincretista em que se adorava ao Deus de Israel e se seguia os costumes das religiões pagãs (cf. 2Re 17.29-33).

Não deixa de chamar a nossa atenção a ausência, em Atos, de informações referentes ao trabalho dos doze entre os gentios, conforme Jesus havia determinado antes de sua ascensão aos céus. Ao que parece, os apóstolos fixaram, a princípio, sede em Jerusalem, saindo apenas para missões esporádicas, como Pedro que “ia por toda a parte” (At 9.32). Curiosamente, foi um dos sete, Felipe, quem primeiro levou a mensagem aos samaritanos, a raça mista que constava no roteiro missionário dado por Jesus aos doze (At 1.8; 8.5).

Outro fator que nos chama a atenção, é que os judeus cristãos de Jerusalém, inclusive os doze, continuaram a praticar determinados preceitos do judaísmo, mesmo após Pentecostes, como ir ao templo orar três vezes ao dia (At 3.1; cf. Sl 55.17), celebrar as festas de Israel,¹⁷ guardar as leis referentes aos alimentos (At 10.14-15; 11.3; Gl 2.11-14), circuncidar seus filhos e mesmo oferecer votos e aparentemente sacrifícios no templo (At 21.17-21). Nas palavras ditas a Paulo pelo próprio Tiago, o irmão de Jesus que assumira a liderança da igreja, em Jerusalém havia “dezenas de milhares entre os judeus que creram, e todos eram zelosos da lei” (At 21.20). O próprio Paulo continuou algumas práticas judaicas após a sua conversão, mas somente em contextos missionários entre os judeus,¹⁸ como ele mesmo explica: “Procedi, para com os judeus, como

17 É interessante como Lucas usa as festas de Israel como referencial para as datas do livro de Atos, cf. Pentecostes (2.1; 20.16), Páscoa (12.4), dias dos “pães asmos” (12.3; 20.6) e o jejum do Dia da Expição (27.9).

18 Cf. seu costume de visitar as sinagogas (At 9.20; 13.14; 14.1; 17.1; 17.10; 17.17; 18.4-7; 18.19; 19.8), ir ao templo em Jerusalém (At 22.17; Gal 1:18-19; At 9:26-29; At 24.11-12), ir a Jerusalém para as festas (At 20.16), circuncidou Timóteo (At 16.3), tomou voto e rapou o cabelo (At 18.18) e foi ao templo em Jerusalém para purificar-se ritualmente com outros judeus (At 21.26). A melhor explicação para o comportamento de

judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei" (1Co 9.20). O problema com a igreja de Jerusalém é que esta continuou com uma atitude separatista semelhante à dos judeus. Ao insistir na guarda dos emblemas do judaísmo (circuncisão, dieta e calendário), ainda que por motivo de identidade cultural – como acredito que tenha sido – os judeus cristãos agravavam cada vez mais a separação deles em relação aos demais povos, e desta forma a evangelização das nações não acontecia como determinado. O resultado do concílio de Jerusalém, que foi convocado para decidir em que bases os crentes gentios poderiam ser aceitos à comunhão dos crentes judeus, que haviam sido os primeiros, manteve corretamente a abstenção da idolatria e das relações sexuais ilícitas, mas incluiu a abstinência do sangue (Atos 15). A decisão foi correta naquelas circunstâncias, em que muitos judeus convertidos ainda tinham escrúpulos quanto à alimentação, mas tinha o efeito de manter a parede de separação ainda de pé.

A relutância dos doze e da igreja em Jerusalém de abandonar de vez os costumes judaicos referentes à lei cerimonial, a antipatia para com os gentios em geral, o foco apenas na missão aos judeus e a demora em sair ao mundo foram quase que certamente as razões pelas quais Deus, em sua soberana providência, levantou mais um apóstolo, similar aos doze, para que fosse seu principal instrumento na evangelização dos gentios. Era talvez por isso que Paulo se considerava um "nascido fora de tempo" (1Co 15.8), pois sua chamada ao apostolado se deu quando a missão aos gentios já havia sido aberta por Pedro (Atos 10 e 11).

Deus, em sua soberania, poderia ter despertado os doze para o cumprimento da missão gentílica, caso assim o desejasse. Contudo, aprouve a ele, em vez disto, levantar mais um apóstolo. E Paulo era certamente a

Paulo é que ele não considerava as obras da lei como contrárias à justificação pela fé, desde que o judeu cristão as praticasse, não como obras meritórias, mas como expressões raciais de sua fé. Justificado pela fé somente, Paulo se sentia livre para ser um judeu praticante e tomar parte nos cerimoniais judaicos como emblemas e marcadores da identidade da sua raça. E da mesma forma se sentia livre para abrir mão deles, quando se tornavam um obstáculo ao seu ministério entre os gentios. Sobre Paulo e as obras da lei veja Lopes, "A Nova Perspectiva sobre Paulo," 83-94 e toda a bibliografia sobre o assunto citada ali.

pessoa para essa missão. Ele havia nascido fora de Jerusalém, na Dispersão (At 21.39), onde, aparentemente, havia maior flexibilidade dos judeus para com os gentios, visto que estavam nas terras deles. Havia sido criado na cultura grega e hebraica, além de ter pais com nacionalidade romana (At 22.25-28). Falava fluentemente hebraico, aramaico e grego e era familiarizado com a cultura grega, seus hábitos e costumes, seus poetas e escritores e filósofos (At 17.28; Tt 1.12). Seu treinamento como fariseu, sua dedicação intensa ao judaísmo e seu zelo pela glória de Deus (At 22.3; Fp 3.5-6) o tornaram aquele que seria o grande apóstolo aos gentios.

Paulo estava perfeitamente consciente de seu apostolado aos gentios e esta consciência transparece com frequência em suas cartas.¹⁹ Ele declara na carta aos Romanos que seu apostolado foi para “a obediência por fé, entre todos os gentios” (Rm 1.5) e por isso se sente devedor de gregos e bárbaros, sábios e ignorantes, para lhes pregar o Evangelho (Rm 1.14), o que o motivava a ir para Roma e de lá para Espanha, a fim de anunciar Cristo aos pagãos (Rm 1.15; 15.24-28). Ele se denomina “apóstolo dos gentios” (Rm 11.13), “ministro de Cristo Jesus entre os gentios” (Rm 15.16), através de quem Cristo estava conduzindo os gentios à obediência da Palavra (Rm 15.18).

Escrevendo aos gálatas, Paulo declara que o propósito pelo qual Deus revelou seu Filho a ele no caminho de Damasco foi para que ele “o pregasse entre os gentios”, algo que ele passou imediatamente a fazer (Gl 1.16-17). Declara ainda que, mais tarde, ao encontrar-se com Pedro, Tiago e João em Jerusalém, estes reconheceram que Deus lhe havia confiado “o evangelho da incircuncisão” da mesma forma que à Pedro havia sido confiado “o da circuncisão” (Gl 2.7).²⁰ Em seguida acrescenta: “Aquele que operou

19 Cf. Clark, “Apostleship,” 349-350.

20 É importante salientar que não havia diferença de conteúdo entre o “evangelho da incircuncisão” e aquele da “circuncisão”. Eles são assim designados por se dirigirem a audiências distintas, isto é, gentios e judeus. O Evangelho pregado por Pedro e os demais apóstolos era o mesmo pregado por Paulo, como uma leitura das cartas de Paulo, Pedro, João, Tiago, irá revelar. Ferdinand Bauer, representante do liberalismo alemão, postulou uma diferença radical entre o cristianismo petrino e paulino no século I. Para tanto, teve de considerar o livro de Atos como não-histórico e negar a autoria de várias das cartas de Paulo. Para uma análise crítica de suas ideias, que ainda influenciam alguns centros de estudos teológicos, veja Alexander B. Bruce, *Ferdinand Christian Baur and his theory of the origin of Christianity and of the New Testament writings* (Michigan: University of Michigan Library, 1885).

eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios" (Gl 2.8). A reunião terminou com Tiago, Cefas e João, os "colunas" da igreja de Jerusalém, estendendo a destra da comunhão a Paulo e a Barnabé, que estava com ele, e repartindo o campo missionário estrategicamente, "a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão" (Gl 2.9). Desta passagem reveladora aprendemos que Paulo via seu apostolado no mesmo nível daquele dos doze. Ele não era um continuador dos doze apóstolos de Cristo, uma espécie de segunda onda ou segunda leva de apóstolos, como alguns defensores do apostolado moderno têm sugerido, mas um como os doze, que fazia parte do mesmo grupo, ainda que não contado entre eles como o décimo terceiro. Ele havia sido levantado por Deus para a missão entre os incircuncisos, entre os gentios, o mesmo Deus que havia levantado Pedro e os demais apóstolos para a missão entre os circuncidados.

Na sua carta aos efésios, Paulo acrescenta um elemento relacionado à sua comissão para ser apóstolo aos gentios, a saber, uma revelação na qual Deus lhe deu a conhecer um mistério que havia permanecido oculto no Antigo Testamento. Este mistério era que "os gentios são coerdeiros [dos judeus], membros do mesmo corpo e co-participantes [com os judeus] da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho" (Ef 3.6). A revelação deste mistério havia sido feita somente agora "aos santos apóstolos e profetas, no Espírito" (Ef 3.5). "Santos apóstolos" aparenta ser uma referência aos doze, foram os que primeiro que receberam a comissão de Cristo para pregar aos gentios entre todas as nações.²¹ E Paulo se inclui naturalmente entre eles, pois diz em seguida que foi "constituído ministro" da parte de Deus para anunciar aos gentios "as insondáveis riquezas de Cristo" (Ef 3.7-8; cf. Cl 1.24-29).

Esta consciência acompanhou o apóstolo Paulo toda sua vida. Nas suas últimas cartas ele diz a Timóteo que foi "designado pregador e apóstolo... *mestre dos gentios na fé e na verdade*" (1Tm 2.7); e, mais tarde, velho

21 Já os "profetas" é uma provável referência aos profetas do Antigo Testamento, apesar de serem mencionados após os apóstolos, que cronologicamente vieram depois. Paulo nem sempre segue esta ordem e às vezes menciona os apóstolos antes dos profetas do Antigo Testamento: "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas" (Ef 2.20).

e preso em Roma, diz que “... o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem” (2Tm 4.17).

Não fora Deus haver levantado Paulo como apóstolo aos gentios, para pregar-lhes o Evangelho e defender a justificação pela fé, somente, sem as obras da lei, pode ser que hoje a igreja cristã seria apenas uma seita judaica. Paulo certamente não foi o precursor de uma nova onda de apóstolos após os doze, mas está na mesma categoria que eles e faz parte deste grupo restrito que não deixou sucessores com poderes e prerrogativas apostólicos. A categoria de apóstolo aos gentios equivalia ao apostolado dos doze a Israel e depois ao mundo. Isso coloca os doze e Paulo numa categoria de ministros de Deus cuja missão, uma vez completada, encerrou-se definitivamente no século primeiro. O testemunho da ressurreição de Cristo já foi estabelecido entre as nações e entre os judeus e o Evangelho da justificação pela fé em Cristo, confirmado entre as nações. A igreja de Cristo se encontra hoje firmemente estabelecida entre as nações, entre os gentios, não havendo mais necessidade de um apóstolo como Paulo, mas de evangelistas, pastores e presbíteros que continuem o trabalho de evangelização por ele iniciado.

Como os doze viam Paulo

O livro de Atos registra um encontro de Paulo com os doze em Jerusalém. O evento aconteceu no concílio que foi convocado para examinar a questão levantada por missionários da Judeia e outros da seita dos fariseus, de que os gentios que haviam se convertido a Jesus Cristo deveriam ser circuncidados e guardar a lei de Moisés (At 15.1-6).²² Nessa ocasião, Paulo teve oportunidade de expor sua missão entre os gentios, os sinais e prodígios realizados e a conversão de inúmeros deles. Sua fala foi apoiada por Pedro e, em seguida, por Tiago, e a decisão dos apóstolos e presbíteros favoreceu Paulo contra os “da circuncisão” (At 15.7-22).²³ Na carta enviada a todas as igrejas com a decisão, Paulo e Barnabé são menciona-

22 Depois, Paulo esteve outra vez em Jerusalém, mas encontrou apenas Tiago (irmão de Jesus) e os presbíteros da igreja, cf. At 21.17-19.

23 Este é provavelmente o mesmo encontro que Paulo relata na carta aos Gálatas 2.1-10.

dos como “amados” e elogiados como “homens que têm exposto a vida pelo nome do nosso Senhor Jesus Cristo” (At 15.25-26).

Esta alta estima dos apóstolos de Jerusalém por Paulo se reflete numa das cartas de Pedro:

... e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles (2Pe 3.15-16).²⁴

A passagem revela que, à época em que 2Pedro foi escrita, (entre 64 e 68 d.C.), várias cartas de Paulo estavam em circulação e que Pedro não somente estava de acordo com elas, como também as recomendava e considerava como Escritura. Pedro conhecia várias das epístolas de Paulo, sabia que eram acerca da salvação, reconhecia que algumas delas continham pontos de difícil entendimento, estava ciente de que estas epístolas tinham grande circulação já em seus dias, e que muitos interpretavam de maneira deturpada o que Paulo havia escrito. E o mais importante de tudo, Pedro coloca os escritos de Paulo em pé de igualdade com o Antigo Testamento, visto que “as demais Escrituras” é indubitavelmente uma referência aos escritos de Israel.

Esta atitude de Pedro pode refletir o que era o sentimento geral dos demais apóstolos para com Paulo, ou seja, que foram igualmente chamados por Deus e que havia uma harmonia fundamental na mensagem deles, ainda que chamados para diferentes missões. Mas, e o que Paulo pensava em relação aos doze?

Como Paulo via os doze

Paulo via os doze como um grupo definido de apóstolos, ao qual tam-

²⁴ Estamos assumindo aqui a posição histórica de que Pedro foi o autor desta segunda carta que traz o seu nome, conforme está dito no versículo inicial.

bém pertencia por chamado divino.²⁵ Escrevendo à igreja de Corinto, onde havia questionamentos sobre sua autoridade apostólica, ele se alinha com os doze como testemunha do Cristo ressurreto (1Co 15.5-8). Como já vimos antes, para ele a aparição de Cristo na estrada de Damasco havia se constituído numa comissão apostólica da mesma ordem que as demais aparições da ressurreição aos doze.²⁶ Assim, ele é um apóstolo como os doze, e mesmo que ele pense de si mesmo como o menor entre eles (1Co 15.8-10), não faz distinção entre a sua pregação aos coríntios e a deles, pelo menos com referência à ressurreição: “Portanto, seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim crestes” (1Co 15.11); “somos tidos por falsas testemunhas de Deus” (1Co 15.15); “nossa pregação é vã” (1Co 15.14; veja ainda “nós, os apóstolos,” 1Co 4.8). Respondendo aos que questionavam seu direito de receber sustento das igrejas como apóstolo, ele reivindica os mesmos direitos dos doze (1Co 9:5-6). Sua defesa consiste em um apelo às evidências de seu apostolado: ele viu Jesus (1Co 9.1; cf. 15.8) e os próprios coríntios são o resultado de seus trabalhos apostólicos (1Co 9.1; cf. 3.5-7).²⁷

Em sua carta aos gálatas, ele narra um encontro com Tiago, o irmão de Jesus, e os apóstolos Pedro e João, que ele chama de “colunas”, onde após expor-lhes o Evangelho que pregava entre os gentios, recebeu deles a destra de comunhão, uma expressão que significa não somente aprovação como também apoio e solidariedade (Gl 2.9). Este encontro ocorreu num contexto de tensão crescente entre os apóstolos e Paulo, por causa da questão da inclusão dos gentios na igreja. O encontro esclareceu que o Evangelho que Paulo pregava entre eles era o mesmo que Tiago, Pedro e João pregavam entre os judeus. Feita a divisão do campo de trabalho, Paulo foi para os gentios e eles, “para a circuncisão” (Gl 2.10). O comen-

25 Cf. D. A. Carson, *Showing the Spirit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1987), 90.

26 Leon Morris, *The First Epistle of Paul to the Corinthians: An Introduction and Commentary*. The Tyndale New Testament Commentaries, ed. R. V. G. Tasker (London: Tyndale Press, 1958; reprint 1969), 207; F. F. Bruce, *1 and 2 Corinthians* em *New Century Bible Commentary*, eds. Ronald E. Clements and Matthew Black (London: Butler & Tanner Ltd., 1971), 142.

27 Simon Kistemaker, *Exposition of the First Epistle to the Corinthians*. New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1993), 285-86. Clark (“Apostleship,” 347-348) apresenta vários argumentos que mostram a paridade de Paulo e os Doze; veja também Hywel R. Jones, “Are There Apostles Today?” em *Evangelical Review of Theology* 9/2 (1985), 109-114, que argumenta muito bem a favor deste ponto.

tário de Spence-Jones é relevante neste contexto: “Pedro não pode ter sido um bispo universal ou papa se era apenas apóstolo da circuncisão; pois ele praticamente concedeu a Paulo o apostolado da maior parte do mundo – as nações gentílicas”.²⁸

Este acordo não impediu Paulo de enfrentar Pedro quando o mesmo se mostrou “repreensível” no tratamento dos gentios que haviam crido. Paulo lhe resistiu “face a face” em Antioquia, na presença de todos, inclusive de emissários de Jerusalém da parte de Tiago (Gl 2.11-14). O confronto não deixou cicatrizes no relacionamento entre os dois, como se pode ver pela recomendação elogiosa que Pedro faz dos escritos de Paulo, muitos anos depois (2Pe 3.15-16).

O menor dos apóstolos

Apesar de se ver como igual aos doze, Paulo estava consciente que seu passado de perseguidor ferrenho dos crentes em Jesus Cristo poderia colocá-lo numa categoria inferior. Aos coríntios, ele reconhece que é “o menor dos apóstolos” (cf. “o menor de todos os santos”, Ef 3.7-8; “o principal pecador”, 1Tm 1.15) e que não era “digno de ser chamado apóstolo” por causa de sua perseguição feroz contra os cristãos, antes de encontrar Jesus no caminho de Damasco (1Co 15.9). A lembrança de seu passado de perseguição o acompanhou toda sua vida e o manteve constantemente humilde diante de Deus (Gl 1.13; Fp 3.6; 1Tm 1.13). Contudo, devemos atribuir esta autodiminuição de Paulo à sua genuína tristeza pelo que havia feito. Por outro lado, a consciência do passado não o impedia de declarar que, pela graça de Deus, ele havia trabalhado “mais do que todos eles” (1Co 15.10). Paulo provavelmente se refere ao fato de que seu empenho de evangelização aos gentios superava aquele dos primeiros apóstolos em termos de sofrimento, extensão e resultado. Contudo, o apóstolo atribui tudo “à graça de Deus comigo” (1Co 15.10), humildemente reconhecendo que foi somente pela misericórdia de Deus e seu favor que ele não somente foi feito apóstolo, com seu passado de perseguição, como também aquele apóstolo que mais se destacou entre todos.

28 H. D. M. Spence-Jones, ed., *Galatians*, The Pulpit Commentary (London; New York: Funk & Wagnalls Company, 1909), 95.

O que transparece de tudo isto é que não podemos falar de Paulo como o representante de uma segunda geração de apóstolos, inaugurando assim uma série de sucessores que chega até nós através da história, na pessoa dos modernos apóstolos ou do bispo de Roma, o papa, ou nos patriarcas da Igreja Ortodoxa. Paulo e os doze compõem um grupo, restrito que já desempenhou seu papel, à semelhança dos profetas do Antigo Testamento, e Deus não levantou sucessores após eles.

Apóstolos de Jesus Cristo

É instrutivo notar que os apóstolos do Novo Testamento, que são designados como sendo “de Jesus Cristo”, são os doze e Paulo. Paulo se apresenta no início de suas cartas consistentemente como sendo “apóstolo de Jesus Cristo” (1Co 1.1; Tt 1.1) ou “apóstolo de Cristo Jesus” (2Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Tm 1.1; 2Tm 1.1). Da mesma forma, nas duas cartas de sua autoria, Pedro se identifica como “apóstolo de Jesus Cristo” (1Pe 1.1; 2Pe 1.1). Paulo se refere aos doze como “apóstolos de Cristo,” que estavam sendo imitados pelos falsos apóstolos (2Co 11.13). Judas, igualmente, se refere aos doze como “apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo” (Jd 17). Uma expressão equivalente é “os doze apóstolos do Cordeiro” em Apocalipse (21.14).

Esta designação aponta para o fato de que eles foram comissionados diretamente pelo Cristo ressurreto como testemunhas de sua ressurreição. Neste sentido, são um grupo definido e distinto dos demais, os quais são chamados de apóstolos ou “apóstolos das igrejas”.

A única exceção é quando Paulo se refere a si mesmo, a Silvano e a Timóteo, como “apóstolos de Cristo” (1Ts 2.7). Ainda assim, ao fazer isso, ele não está elevando os dois à categoria de apóstolos de Jesus Cristo, mas se incluindo na condição deles, de mensageiros ou enviados de Jesus Cristo para a pregação do Evangelho, com o objetivo de demonstrar que eles teriam direito ao sustento da igreja.²⁹

29 Veja a análise desta passagem mais adiante.

Características exclusivas de Paulo

Trataremos em seguida de mais algumas características do ministério de Paulo que o tornam, juntamente com os doze, os únicos a poderem ser nomeados como apóstolos num sentido exclusivo. Primeiro, o fato de Paulo se considerar como um sucessor dos profetas do Antigo Testamento. Segundo, sua interpretação inspirada e autoritativa das Escrituras, que nos deu seus escritos canônicos.

Paulo e os profetas do Antigo Testamento

Alguns estudiosos têm observado que Paulo concebe sua chamada ao ministério apostólico em termos da chamada e ministério dos profetas do Antigo Testamento, em geral, e de Jeremias, em particular.³⁰ Este último ponto é claro da linguagem que Paulo usa em referência à sua comissão apostólica em Gálatas 1.15 (cf. Rm 1.1-5).³¹ De várias maneiras, a descrição de Paulo lembra a chamada de Jeremias, conforme já mencionamos acima (Jr 1.5,19): ambos foram separados por Deus antes do nascimento para serem enviados como seus mensageiros às nações, o que acarretaria grande sofrimento pessoal por causa das perseguições que haveriam de passar.

Rengstorf tem destacado certos aspectos da consciência apostólica de Paulo, que sugerem que ele via Jeremias como seu grande predecessor, todas elas visíveis na correspondência aos coríntios.³² Entre eles encontramos a avaliação de Paulo que seus sofrimentos fazem parte da vontade de Deus para o seu apostolado (2Co 11.16-33; 1Co 4.9-13),³³ sua concentração exclusiva na pregação da palavra (1Co 1.14-17; 2.1-5) e sua

30 Podemos citar Rengstorf, ἀπόστολος, 438-40; Beker, *Paul*, 10, 112-16; Jacob M. Meyers and Edwin D. Freed, "Is Paul Also Among the Prophets?" *Interpretation* 20 (1966) 40-53; David Aune, *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World* (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), 202; Karl Olav Sandnes, *Paul - One of the Prophets? A Contribution to the Apostle's Self-Understanding*. WUNT, 2/43 (Tübingen: Mohr-Siebeck, 1991), 68-69; Clark, "Apostleship," 346-347.

31 Sobre o caráter profético de Rm 1.1-5, veja Sandnes, *Paul*, 146-53. Sobre Gl 1.15 veja Longenecker (*Galatians*, 30) que destaca o fato de que Paulo concebia seu apostolado não em termos do conceito judaico do *shaliach*, mas em termos do profetismo israelita.

32 Rengstorf, ἀπόστολος, 439-40.

33 Cf. Ulrich Brockhaus, *Charisma und Amt: Die paulinische Charismenlehre auf dem Hintergrund der frühchristlichen Gemeindefunktionen* (Wuppertal: Theologischer Verlag Rolf Brockhaus, 1972), 97.

renúncia a qualquer reivindicação para seu apostolado que fosse baseada em experiências estáticas. Este último aspecto é mais visível na correspondência aos coríntios, argumenta Rengstorf, porque havia o perigo de que, se Paulo apelasse para isso, poderia induzir a igreja de Corinto, que era inclinada aos dons sobrenaturais, a buscar experiências dessa natureza.³⁴ Este último ponto nos parece um exagero de Rengstorf, especialmente porque Paulo apela, sim, para as visões e revelações do Senhor na correspondência aos coríntios, embora com alguma relutância (2Co 12.1). Os dois primeiros pontos de comparação com Jeremias, contudo, fazem todo sentido.

Rengstorf também destaca o caráter revelatório da proclamação de Paulo, o que estabelece a ligação entre a consciência de sua missão e a consciência dos profetas de que haviam sido chamados por Deus. De acordo com ele,

O paralelo entre os apóstolos e profetas que encontramos em Paulo, repousa no fato de que ambos são portadores exclusivos da revelação, os profetas [do Antigo Testamento] como portadores de uma revelação que ainda estava em progresso e os apóstolos de uma revelação já completada.³⁵

Esta relação próxima entre os apóstolos do Novo Testamento e os profetas do Antigo é vista em Efésios 2.20 onde, de acordo com Rengstorf, ambos estão unidos pela perspectiva do seu significado histórico.³⁶ Encontramos apoio para isto em Romanos 1.1-2, onde Paulo associa sua mensagem com a dos profetas veterotestamentários.³⁷ A conclusão de

34 Veja a discussão em Rengstorf, *ἀπόστολος*, 440. Sobre estes aspectos de 1Coríntios, poderíamos ainda adicionar 9.15-18, onde Paulo fala do caráter compulsório de sua comissão em termos que relembram a compulsão profética (cf. Rm 1.14). Este ponto foi notado por Sandnes (*Paul*, 117-30) e também por Harry P. Nasuti ("The Woes of the Prophets and the Rights of the Apostle: The Internal Dynamics of 1 Corinthians 9," *CBQ* 50 [1988] 246-64), que entretanto aponta para aquilo que considera uma diferença entre a perspectiva de Paulo sobre o sofrimento e a de Jeremias (pp. 245-58).

35 Rengstorf, *ἀπόστολος*, 441.

36 Ibid.

37 Cf. Sandnes, *Paul*, 149. Ele aponta o paralelo com 1Pe 1.10-12, onde os profetas do Antigo Testamento são associados aos apóstolos do Novo. Ele também critica Hall (Winfield Scott Hall, III, "Paul as a Christian

Rengstorf, é que os profetas do Novo Testamento (como os mencionados em 1Co 12.28) não são plenamente equivalentes aos profetas do Antigo Testamento, e não desempenham um papel muito proeminente no período do Novo Testamento, apesar de serem muito respeitados na época de Paulo. Esta conclusão de Rengstorf reforça o que já dissemos acima acerca dos apóstolos como os equivalentes plenos dos profetas de Israel.

Outro argumento nesta mesma direção é o fato de que Paulo se coloca acima dos profetas cristãos em atividade nas igrejas locais, especialmente os de Corinto. A plena autoridade que o ἀπόστολος carregava no desempenho de sua função se reflete na declaração de Paulo em 1Co 14.37-38: “Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado”. Como Grudem aponta, Paulo aqui afirma a sua autoridade apostólica sobre toda a comunidade, até mesmo sobre os profetas.³⁸ Ele requer o reconhecimento da comunidade, especialmente dos profetas e espirituais – provavelmente os que falavam em línguas –, de que aquilo que ele estava escrevendo como diretrizes para o culto na comunidade (1Co 11-14) era um mandamento do Senhor.³⁹ Essas diretrizes incluem o apelo de Paulo a Isaías 28.11-12 no contexto imediato para apoiar o seu ensino (1Co 14.21). Sua interpretação da passagem e sua aplicação para a questão de línguas e profecia (14.22-25) é para ser aceita pelos profetas e espirituais de Corinto como correta e autoritativa. A sentença que Paulo passa sobre aqueles que, eventualmente, ignorassem sua palavra é grave (14.38; cf. Gl 1.7-10).

Prophet in his Interpretation of the Old Testament in Romans 9-11”. Th.D. Dissertation; Chicago: Lutheran School of Theology, 1982, 45-46) por interpretar 1Pe 1.10-12 como se referindo aos profetas cristãos e se contradizer logo em seguida na pág. 121.

38 Grudem, *The Gift of Prophecy*, 30; Kistemaker, *1 Corinthians*, 516. Robertson (A. Robertson e A. Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of Saint Paul to the Corinthians*. ICC, eds. S. R. Driver, et al [Edinburgh: T. & T. Clark, 1914], 327) observa: “O versículo reflete a convicção de um apóstolo que foi divinamente constituído”. Fee (Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*. NICNT, ed. F. F. Bruce [Grand Rapids: Eerdmans, 1987], 711) aplica aqui a implicação da ordem da lista de 1Co 12.28 em que Paulo coloca os apóstolos em primeiro lugar, e conclui que apesar de também um profeta, Paulo é, antes de tudo, um apóstolo.

39 “O que vos escrevo” se refere, provavelmente, às instruções de Paulo nos capítulos 11-14, cf. Robertson, *Corinthians*, 327; Grudem, *The Gift of Prophecy*, 30-31; Sandnes, *Paul*, 99 n. 80. Sobre a identidade dos “espirituais” de Corinto veja Augustus Nicodemus Lopes, “Os espirituais de Corinto”, em *Fides Reformata*, 3/1 (1998).

A demanda de Paulo aqui envolve mais do que apenas um apelo de um profeta cristão a outros profetas cristãos para que reconheçam que a fonte de sua mensagem é o Senhor. A autoridade que ele está afirmando é mais do que um profeta do Novo Testamento. Na verdade, é como a autoridade dos profetas do Antigo Testamento, cuja mensagem, uma vez que eles fossem reconhecidos como verdadeiros profetas, demandava completa obediência como a palavra de Deus. Esta passagem é uma prova importante de que os apóstolos, e não os profetas do Novo Testamento, eram os sucessores dos profetas do Antigo Testamento como portadores da palavra inspirada de Deus.

Como equivalente e sucessor dos profetas do Antigo Testamento, o apóstolo Paulo ocupava, com os doze, uma posição única na história da salvação, como instrumentos e canais da revelação de Deus - a qual estava destinada a tornar-se em Escritura. Foi através dos profetas do Antigo Testamento e dos apóstolos do Novo que Deus deu a conhecer a sua vontade de maneira infalível, completa e final. Nesse sentido, não existem mais pessoas que ocupem esta posição, uma vez que as Escrituras estão completas e o *canon*, fechado.

O caráter apostólico da hermenêutica de Paulo

Outra característica que evidencia a natureza exclusiva do apostolado de Paulo é a maneira como ele interpreta as Escrituras. O uso que Paulo faz do Antigo Testamento em suas cartas, mostra a sua consciência de que ele está sendo guiado por Deus ao seu sentido maior e final e que a interpretação que ele faz dos escritos sagrados, se constitui em Escritura também. Sua abordagem das Escrituras decorre de seu apostolado e, neste sentido, não há mais apóstolos como ele.

O uso do Antigo Testamento

Paulo cita o Antigo Testamento formalmente cerca de cento e quatro vezes em seus escritos. A interpretação que ele faz dessas passagens serve de base e fundamento para seus argumentos em favor do Evangelho que ele prega e de suas aplicações práticas. Quando analisamos mais de perto o

uso que ele faz das Escrituras, percebemos que a maioria das vezes ele faz citações formais apresentadas com uma fórmula introdutória, como “está escrito” ou algo similar.⁴⁰ Outras vezes, ele faz alusões intencionais, como citações livres, referências a eventos e personagens, paralelos de linguagem e ecos da linguagem do Antigo Testamento. Exemplos disso são Romanos 5.12-14, 1Coríntios 10.1-15 e Gálatas 4.21-31, para citar alguns dos mais conhecidos. Geralmente, quer nas citações formais ou nas alusões, Paulo interpreta as passagens de maneira direta e natural (p. ex., Gl 4.27; Rm 3.13; 4.17-18; etc.). Todavia, às vezes ele diz que está citando a Escritura, mas não conseguimos identificar exatamente a passagem do Antigo Testamento que ele tem em mente (cf. 1Co 2.9; Rm 10.6,8; Ef 5.14). Provavelmente isso se dá porque ele está citando uma passagem de memória ou simplesmente dando o seu sentido mais amplo em combinação com mais outras passagens, como parece ser o caso em 1Coríntios 2.9.⁴¹ Outras vezes, ele cita os textos de maneira diferente. A grande maioria desses casos é de pequenas alterações que não mudam em nada o sentido original (p. ex., Rm 4.3 citando Gn 15.6). Mas, em outras vezes – poucas, é verdade – a alteração parece ter sido feita para melhor servir ao seu argumento. Um exemplo disso é 1Coríntios 2.16, em que ele traz “mente” em lugar de “Espírito” como está no original de Isaías 40.13 (veja ainda 1Co 3.20/SI 94.11).⁴² Isso se deve provavelmente ao fato de que Paulo não se propõe a fazer citações *verbatim* dos textos sagrados, mas apenas a dar o seu sentido. Mesmo que ele diga “está escrito,” limita-se a reproduzir o texto de forma geral ou fazer uma aplicação do mesmo (veja Rm 2.24). Em outras citações, Paulo parece estar fazendo a sua própria tradução em vez de usar a LXX ou o texto hebraico, ambos bem conhecidos dele. Um exemplo disso é Efésios 4.8 (citando SI 68.19).⁴³

40 Esta seção se baseia em grande parte na minha tese de doutorado: Augustus Nicodemus Lopes, “Paul as a Charismatic Interpreter of Scripture: Revelation and Interpretation in 1 Corinthians 2:6-16”, UMI Dissertations Services, 1998, e no meu livro *A Bíblia e seus intérpretes*.

41 Outros autores do Novo Testamento fazem a mesma coisa, como Mt 2.23.

42 Pedro, ao citar Joel 2.28 no dia de Pentecostes, troca “depois” por “nos últimos dias” (cf. At 2.17), uma evidência que este fenômeno não estava restrito a Paulo.

43 Tem sido aventada a possibilidade de Paulo estar seguindo, nestes casos, algum *targum*. Os *targums* eram traduções em aramaico dos textos hebraicos. Mas, faltam evidências mais concretas para tal afirmação. Os

Alguns estudiosos consideram equivocado o uso que Paulo, por vezes, faz das Escrituras do Antigo Testamento em seus escritos.⁴⁴ Em nossa opinião, esse tipo de abordagem reflete a convicção já preconcebida que a Bíblia é um livro humano cheio de erros. Percebe-se também uma certa indisposição em dar crédito aos escritores neotestamentários por conta do ambiente e contexto em que viveram. Em todos os casos, não é difícil provar que Paulo está fazendo um uso legítimo das passagens em suas cartas, desde que examinemos cada caso cuidadosamente, à luz da teologia do apóstolo e dentro do contexto maior do qual as passagens foram tiradas (cf. Rm 9.25-29; 10.5-8; etc.).⁴⁵ E, se levarmos em conta como Paulo entendia as Escrituras do Antigo Testamento e como ele se via como intérprete delas, poderemos perceber – e concordar – com a maneira como ele interpretava a sua Bíblia.

Fatores controladores da hermenêutica de Paulo

Paulo lê as Escrituras do Antigo Testamento à luz dos eventos histórico-redentivos relacionados com a encarnação, vida, morte e ressurreição de Cristo, e o surgimento da Igreja Cristã. Havia outros grupos, na época de Paulo, que também tinham as Escrituras como a Palavra de Deus e que estavam engajados em sua interpretação, como os rabinos de Israel e os monges de Qumran. Mas, esta consciência de Paulo da chegada dos últimos tempos e sua própria consciência de ser um apóstolo de Jesus Cristo, tornaram os resultados de sua interpretação completamente diferentes daqueles dos rabinos e da comunidade do Mar Morto.

Paulo estava convencido que Cristo é a chave que abre o sentido do Antigo Testamento, conclusão a qual chegou, não através de exegese, mas através de revelação (cf. At 9.1-9; Gl 1.14-16), o que o levou a ler sua Bíblia,

targums provavelmente apareceram mais tarde que Paulo, cf. "Targum" em Cross, *Oxford Dictionary*; mas, há debate sobre este ponto, veja "Targum" em Myers, *Eerdmans Bible Dictionary*.

44 Referindo-se ao uso que Paulo faz, em Rm 2.24, de Is 52.5, Ernest Käsemann diz: "Esta interpretação [que Paulo faz] obviamente muda o sentido do texto original, que já havia sido expandido pela LXX" (Ernest Käsemann, *Commentary on Romans* [Grand Rapids: Eerdmans, 1994], p. 67).

45 Para uma defesa da maneira como os autores do Novo Testamento usam o Antigo, veja Lopes, *A Bíblia e seus Intérpretes*, cap. 6; veja especialmente G. K. Beale e D. A. Carson, eds. *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament* (Grand Rapids: Baker, 2007), com artigos de Moisés Silva, D. A. Carson, G. K. Beale, Craig Blomberg, I. Howard Marshall, etc.

não mais como um rabino, mas como um judeu que encontrou o cumprimento da promessa de Israel. Como ele explica mais tarde aos coríntios, a conversão a Cristo abre a porta para o verdadeiro sentido das Escrituras (2Co 3.13-17). Para Paulo, quando os judeus leem os livros da antiga aliança, a mente deles está coberta com o mesmo véu que havia sobre a face de Moisés, ao descer do monte com a Lei nas mãos, pois não enxergam Cristo neles (2Co 3.14a e 15). Quando um judeu se converte a Jesus como Senhor, o véu é retirado pelo Espírito e ele goza de liberdade para, finalmente, ler as Escrituras sem véu e ver Jesus nelas (2Co 3.17). Ele agora poderá ver que a Lei de Moisés (Rm 10.4-9), os Profetas (Rm 1.2; 16.25-26), e os escritos (Rm 4.7-8), falavam de Cristo e da salvação através dele (cf. 1Co 15.1-4). Para Paulo, o Antigo Testamento, com suas profecias e história, encontra cumprimento pleno e final em Cristo e na nova era inaugurada por ele (cf. Gl 3.13,16; Rm 15.3; 1Co 15.25,27,45; Ef 4.8; etc.).

Assim, para Paulo, os dias em que ele vivia eram dias de cumprimento, de realização das promessas do Antigo Testamento, e que, em Cristo, a época futura predita pelos profetas havia raiado (cf. 1Co 2.9; 10.11; Rm 16.25-27). Eventos como a rejeição do Messias por parte de Israel e a entrada dos gentios no povo de Deus encontram justificação nos escritos inspirados do Antigo Testamento, conforme ele expõe detalhadamente em Romanos 9.

Paulo também entendia a história como uma série de eventos salvadores determinados por Deus, que ocorrem numa determinada sequência histórica, tendo seu clímax na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. É desta forma que ele pode se referir à encarnação como tendo ocorrido na “plenitude do tempo” (Gl 4.4) e à ressurreição como tendo ocorrido na “dispensação da plenitude dos tempos” (Ef 1.10). Ou seja, Deus vinha agindo salvadoramente no tempo e na história, de uma forma planejada, calculada e secreta. Com a vinda de Cristo, é revelada a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus (Ef 3.9). E tudo isso, naturalmente, “por meio das Escrituras proféticas” (Rm 16.25-26). O papel dos doze e de Paulo foi receber, entender e transmitir estas revelações fundamentais para a igreja cristã.

Assim, Paulo funciona como sucessor escatológico dos profetas do Antigo Testamento. Sua hermenêutica é similar à deles. Tal como Isaías, Paulo interpreta os escritos sagrados anteriores à luz dos eventos escatológicos e de sua nova situação histórica. Entretanto, porque ele é um apóstolo, ele anuncia o cumprimento das promessas feitas aos profetas do Antigo Testamento. Como os profetas do Antigo Testamento, ele reconhece estar incumbido dos mistérios de Deus (1Co 4.1). Esta característica transparece mais claramente quando encontramos Paulo revelando “mistérios” em suas cartas.

A revelação dos mistérios

Nessas ocasiões, Paulo expõe estes mistérios como se eles fossem contidos nas Escrituras do Antigo Testamento, e agora se tornaram claros através de sua exposição. Embora a revelação de Jesus Cristo, que ele recebeu na estrada de Damasco, e que está no começo de sua carreira apostólica, tenha sido direta, sem qualquer mediação, é evidente que Paulo não aprendeu todas as profundezas do mistério de Cristo naquele momento e da mesma forma. Outros aspectos do mistério, que ele expõe em suas cartas, quase certamente vieram progressivamente, e isso não à parte ou sem as Escrituras do Antigo Testamento. O ponto é que, ao revelar esses mistérios em suas cartas, como alguém que foi incumbido deles, Paulo o faz em conexão com citações interpretadas das Escrituras do Antigo Testamento. Vejamos alguns exemplos.

O mistério do endurecimento de Israel e a completa inclusão dos gentios na igreja, são revelados em conexão com a citação “está escrito” de Isaías 59.20-21 e 27.9, cf. Salmo 14.7 e Jeremias 31.33-34 (Rm 11.25-27). Na doxologia final da carta aos Romanos, Paulo faz referência ao seu Evangelho como sendo a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas. Aqui transparece claramente a relação entre mistério, revelação e as Escrituras, na hermenêutica do apóstolo (Rm 16.25-27). Sua exposição do mistério do corpo da ressurreição é apresentada como o cumprimento de Isaías 25.8 e Oséias 13.14 (1Co

15.50-57). E o grande mistério de Cristo e a igreja, que é refletido na relação de marido e mulher, deve ser deduzido de Gênesis 2.24 (5.31-33).

O mistério e sua revelação estão, de alguma forma, relacionados com as Escrituras do Antigo Testamento. A revelação do sentido do mistério veio a Paulo enquanto ele examinava as Escrituras, numa espécie de discernimento inspirado, que lhe permitia ver o sentido do mistério no Antigo Testamento à luz dos eventos do Evangelho.

Paulo e o Espírito

Nesta conexão, podemos nos referir à relação especial de Paulo com o Espírito, como um apóstolo de Cristo. Seu apostolado explica satisfatoriamente os mistérios que ele recebeu e revelou nas suas cartas através de exposições inspiradas dos escritos do Antigo Testamento. Ele era, antes de tudo, um ministro do novo pacto, um pacto do Espírito, superior ao da letra, publicado sob Moisés (2Co 3.3-9). Ele fala como o ministro de um pacto cujos membros gozavam da liberdade hermenêutica trazida pelo Espírito, que lhes removeu o véu dos corações quando eles voltaram-se ao Senhor pela primeira vez (2Co 3.14-18). Como apóstolo de Cristo, Paulo reivindica uma relação especial com o Espírito do Senhor. Seu apelo ao Espírito em 1Coríntios 7.40, "... penso que também eu tenho o Espírito de Deus", é feito em sua função de apóstolo e visa silenciar os "espirituais" de Corinto que se gabavam de ter posse exclusiva do Espírito. A sua proclamação da palavra da cruz, que produziu sua própria demonstração do Espírito e de poder (1Co 2.1-4), o seu gloriar-se acerca dos sinais de um verdadeiro apóstolo (2Co 12.12), e seu apelo aos seus leitores como fruto do seu trabalho no Senhor (1Co 9.1), que em 2Coríntios 3.1-3 é representado como uma carta escrita com o Espírito do Deus vivo, refletem este apelo ao Espírito em conexão com seu apostolado.

J. Christiaan Beker, que foi professor de Novo Testamento, em Princeton, em sua importante obra *Paul the Apostle* (1980), enfatiza a importância que o chamado apostólico de Paulo em Damasco teve desde o começo, pois foi este comissionamento "que autorizou [Paulo] a ser um intérprete autêntico do Evangelho, designado por Cristo".⁴⁶

46 Beker, *Paul*, pp. 3-5

Beker chega a afirmar que o chamado de Paulo foi único e diferente dos demais apóstolos antes dele, que antes de serem apóstolos foram discípulos. Paulo era “um mediador direto do Evangelho [pois não o recebeu de Jesus durante seu ministério terreno] e seu intérprete autorizado”.⁴⁷ É este chamado apostólico, segundo Beker, que se encontra no centro do seu pensamento e que traz tanto a sua coerência quanto a sua contingência. Paulo “reivindica ser não somente *um* intérprete mas o intérprete da tradição” recebida da igreja de Antioquia.⁴⁸ Beker diz, citando “a letra mata, mas o espírito vivifica” (2Co 3.6), que Paulo se sentia livre para mudar ou expandir a tradição em sua interpretação, com o alvo de trazer o seu verdadeiro sentido às preocupações particulares de suas igrejas. Ele ilustra este ponto a partir de 1Coríntios 15.1-11, onde Paulo prepara seu debate com os coríntios sobre a ressurreição estabelecendo o consenso apostólico sobre a ressurreição de Cristo (1Co 15.1-7,11) e sua autoridade apostólica única como intérprete da tradição (1Co 15.1,8-10). Como tal, a interpretação que ele oferece em 1Coríntios 15.12-50 é autoritativa e os coríntios deveriam se submeter a ela.⁴⁹

Beker ainda defende que Paulo está consciente, como os profetas do Antigo Testamento, da presença da palavra divina na sua pregação (1Ts 1.8; 2:13; Rm 1.16; 2Co 2.14-16, etc.). Contudo, porque é um apóstolo, Paulo não é somente um sucessor deles, ele é o “profeta-apóstolo” que faz a ligação entre a ressurreição de Cristo e a ressurreição geral dos mortos no fim dos tempos, quando as promessas de Deus a Israel e aos gentios finalmente serão plenamente cumpridas.⁵⁰ Já que Paulo é o sucessor escatológico dos profetas de Israel, sua hermenêutica é similar à deles: ele interpreta a tradição em termos dos eventos escatológicos em seu novo contexto histórico. Por que ele é um apóstolo, ele anuncia o cumprimento das promessas feitas aos profetas do Antigo Testamento.⁵¹

47 *Ibid.*, 6.

48 *Ibid.*, 112.

49 *Ibid.*

50 *Ibid.*, 113.

51 *Ibid.*, 115-18. C. Evans defende uma tese similar, que a hermenêutica de Paulo é similar àquela dos verdadeiros profetas do Antigo Testamento, cf. C. Evans “Paul and the Hermeneutics of ‘True Prophecy,’” *Bib* 65 [1984] 560-70.

Embora discorde de alguns pontos da interpretação de Beker, concordo com sua observação de que o apostolado de Paulo desempenhou um papel determinante na sua interpretação do Antigo Testamento. Ele estava consciente de ter sido encarregado por Deus como despenseiro de seus mistérios.

Fica claro que uma das prerrogativas de Paulo como apóstolo de Jesus Cristo era a capacidade dada pelo Espírito Santo de interpretar de maneira inspirada e infalível as Escrituras do Antigo Testamento. As suas cartas são o resultado desta atividade hermenêutica do apóstolo. E é por isto que são inspiradas e são a Palavra de Deus para nós. Segue-se que não temos mais apóstolos como Paulo em nossos dias, que possam nos dar textos inspirados e infalíveis, como a própria Palavra de Deus, a ponto de serem colocados ao lado dos textos canônicos no Novo Testamento.

Conclusão

Neste capítulo demonstramos que Paulo não representava uma espécie de segunda geração de apóstolos que surgiu como continuadora dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Embora não fosse contado entre os doze, o apostolado de Paulo era da mesma natureza. Paulo tinha os requerimentos necessários: foi testemunha ocular do Cristo ressurreto, foi chamado diretamente por ele para o apostolado, e sofreu intensamente por amor ao Evangelho. Estas coisas o colocam em pé de igualdade com os doze, fechando este grupo restrito de apóstolos.

Demonstramos também que havia plena harmonia entre Paulo e os doze quanto ao Evangelho a ser pregado, embora tivessem campos de ação distintos. Embora Paulo se considerasse o menor de todos os apóstolos, ele tinha consciência de que, pela graça de Deus, seus labores e os resultados dos mesmos o destacavam dos demais, bem como seu chamado como “apóstolo dos gentios”.

Vimos ainda alguns aspectos da obra apostólica de Paulo que tinham caráter exclusivo e fundacional. Paulo era um legítimo sucessor dos profetas do Antigo Testamento, como os doze. Como tal, Paulo

havia sido habilitado por Deus a entender o sentido das Escrituras de Israel e revelar este sentido nas cartas que escreveu. Sua interpretação do Antigo Testamento era inspirada por Deus, autoritativa e ficou registrada infalivelmente nos seus escritos, os quais compõem o *canon* do Novo Testamento.

Todos esses pontos nos levam à inevitável conclusão de que o apostolado de Paulo estava relacionado com aquele momento decisivo da história da redenção, com a mudança da antiga para a nova aliança, com a inclusão dos gentios no povo de Deus e, especialmente, com o surgimento dos escritos do Novo Testamento. Em decorrência, não há qualquer fundamento bíblico para a afirmação de que Paulo foi o primeiro de uma série de apóstolos que se seguiram aos doze, os quais estão sendo levantados, outra vez, em nossos dias.

O que precisamos explicar em seguida é em que sentido Paulo e outros autores do Novo Testamento se referem a algumas outras pessoas, além dos doze e de Paulo, como “apóstolos”.

Capítulo 4

Outros Apóstolos

E ntraremos agora na análise das passagens do Novo Testamento em que o termo ἀπόστολος é usado para outras pessoas, além dos doze e Paulo, ou num sentido geral em que parece sugerir que outros, além deles, também eram chamados de apóstolos no início da igreja cristã. Passagens assim são usadas para justificar a existência de apóstolos hoje, como parte da terceira geração que veio após os doze discípulos de Jesus e de Paulo.

Já de partida, é preciso reconhecer que não há unanimidade entre os estudiosos quanto ao sentido em que a palavra “apóstolo” é usada para estas pessoas, além dos doze e Paulo. A principal dificuldade é que o termo ἀπόστολος parece ter sido usado no início da igreja de maneira informal e ampla para designar diferentes categorias de pessoas e de ministérios, e que nem sempre os autores do Novo Testamento se preocuparam em dar maiores explicações ou a fazer distinções entre estes grupos.

Algumas observações iniciais precisam ser feitas aqui. Alguns estudiosos, geralmente de linha liberal, têm sugerido que foi Lucas quem

popularizou o uso de “apóstolos” somente para os doze, desta forma passando a impressão de que, na igreja apostólica, eles eram os únicos a portar este título. O termo ocorre 81 vezes no texto grego do Novo Testamento. O número maior de ocorrências é na obra de Lucas: 36 vezes, sendo 29 em Atos e 7 no Evangelho que traz o seu nome. Como Lucas emprega o termo quase que exclusivamente para os doze, como um ofício eclesiástico, alguns estudiosos concluíram que teria sido ele o responsável pela ideia de que o número dos apóstolos de Cristo era fixo desde o início. Paulo, em contraste, tinha uma visão diferente, e reconhece em suas cartas outros, além dos doze, não limitando o número de apóstolos aos discípulos de Jesus Cristo.

Contudo, Lucas se refere a Paulo e Barnabé como “apóstolos” duas vezes no livro de Atos (At 14.4,14)), o que mostra que ele podia usar o termo para outros além dos doze. E Paulo se refere aos apóstolos de Cristo como “os doze” (1Co 15.5) e aqueles que “já eram apóstolos antes de mim” (Gl 1.17).

O que precisa ser lembrado é que Paulo, por vezes, usa a mesma palavra em sentidos diversos, os quais podem ser determinados geralmente pelo contexto. Tomemos, por exemplo, a palavra *πρεσβύτερός* (*presbúteros*), que significa ancião. Paulo a emprega no seu sentido comum, de uma pessoa idosa, em 1Timóteo: “Não repreendas ao *homem idoso* (*πρεσβυτέρῳ*)” (1Tm 5.1) e “exorta... às *mulheres idosas* (*πρεσβυτέρας*)” (1Tm 5.2). Nesta mesma carta, inclusive no mesmo capítulo, ele usa a mesma palavra *πρεσβύτερός* para se referir aos anciãos da igreja, aos bispos, eleitos e ordenados para governarem a igreja e ministrarem a Palavra de Deus, “devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os *presbíteros* (*πρεσβύτεροι*) que presidem bem...” (1Tm 5.17). E, ainda, “não aceites denúncia contra *presbítero* (*πρεσβυτέρου*)...” (1Tm 5.19).¹

Outro exemplo é a palavra *διάκονός*, que significa alguém que serve. Paulo a usa em dois sentidos. Primeiro, no seu sentido mais amplo, de al-

1 Pedro faz uso similar da palavra, usando-a para os oficiais da igreja, “rogo aos *presbíteros* que há entre vós” (1Pe 5.1) e logo em seguida, para os idosos, “rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais *velhos*” (1Pe 5.5).

guém que serve. Ele se refere a Jesus como sendo “ministro (διάκονός) da circuncisão” (Rm 15.8) e a si mesmo como sendo “ministro (διάκονός) de Cristo entre os gentios” (Rm 15.16). É claro que ele não está dizendo que tanto Cristo quanto ele, eram “diáconos” de uma igreja, muito embora ele use o termo neste sentido também: “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e *diáconos* (διακόνους) que vivem em Filipos” (Fp 1.1). E ainda: “O *diácono* (διάκονός) seja marido de uma só mulher e governe bem seus filhos e a própria casa” (1Tm 3.12).

Seria, portanto, equivocado inferir que Paulo não reconhece os ofícios de presbítero e diácono por empregar os mesmos termos descritivos destes ofícios para outras pessoas que, reconhecidamente, não eram ordenados nas igrejas. Entendemos que é exatamente a mesma coisa com o uso do termo ἀπόστολος. O fato de que Paulo usa “apóstolos” para outros além dos doze não quer dizer que ele não reconhecia que os doze tinham o ofício de apóstolos de Jesus Cristo. Ele simplesmente usa a palavra em mais de um sentido, o qual deve ser determinado pelo contexto. D. A. Carson diz que, “as tentativas de estabelecer o que o apostolado significava para Paulo simplesmente apelando para o alcance semântico pleno da palavra, como ela aparece em seus escritos, é um procedimento profundamente errado no nível metodológico”.²

Cabe-nos, portanto, interpretar as passagens pertinentes à luz de seus contextos, para chegar ao sentido pretendido por Paulo. Todavia, isso nem sempre é fácil, pois os contextos históricos de algumas passagens não são tão claros. E ainda temos o fato inescapável que os pressupostos denominacionais e teológicos dos intérpretes acabam influenciando suas conclusões. Assim, mesmo não concordando com alguns que consideram a instituição do apostolado como algo completamente confuso e complicado nos inícios da igreja cristã, temos de admitir que podemos não ter todas as respostas às nossas indagações.

Conscientes das dificuldades, tentaremos construir nossas conclusões à luz daquilo que já vimos nos capítulos anteriores, especialmente as quali-

2 Carson, *Showing the Spirit*, 90.

ficações dos doze e de Paulo, como apóstolos de Jesus Cristo, e indagar se a designação de outros como apóstolos é feita neste mesmo sentido. Em outras palavras, podemos concluir que o emprego do termo ἀπόστολος para outras pessoas além dos doze e de Paulo é base suficiente para justificar o surgimento do moderno movimento de restauração apostólica?

Há diversas abordagens possíveis ao material. Iremos aqui proceder à nossa análise concentrando nossos esforços nas cartas de Paulo, visto que é nelas que encontraremos a grande maioria do uso do termo “apóstolo” para outras pessoas, e faremos, quando apropriado, referências às ocorrências em outros livros canônicos, que são Lucas-Atos, 2Pedro e Apocalipse.

Vamos começar com a declaração de Paulo de que ele foi a última pessoa a quem Jesus apareceu depois da ressurreição; “Afim, depois de todos, [ἔσχατον δὲ πάντων] foi visto também por mim, como um nascido fora de tempo” (1Co 15.8). Paulo, aqui, indica que foi o último a quem Jesus apareceu, depois da ressurreição, para constituí-lo como apóstolo, fechando, desta forma, definitivamente, este grupo exclusivo dos doze e ele mesmo. Conforme Barret coloca, “se ver o Cristo ressurreto era uma qualificação indispensável [para o apostolado] (cf. 1Co 9.1), Paulo foi o último a ser nomeado.”³ Paulo se refere a si mesmo como “um nascido fora de tempo,” isto é, um feto nascido prematuramente, indicando o reconhecimento de que não havia passado pelo processo de maturação dos doze, durante os anos em que estiveram com Jesus. A expressão reflete também a sua consciência de que ele foi o último a nascer apóstolo, ainda que de maneira prematura e fora de tempo. A palavra ἔσχατος, “depois,” normalmente carrega este significado de “último”. De acordo com o TDNT, “ἔσχατον sugere o fechamento de uma série, de forma que, a partir da época deste ἔσχατον, não pode mais haver eventos semelhantes ou equivalentes”.⁴ A tradução da NTLH expressa bem o sentido da frase, “Por último, depois de todos, ele apareceu também a mim, como para alguém nascido fora de tempo”. O impacto desta declaração de Paulo é

3 C. K. Barrett, *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians* em *Black's New Testament Commentaries* (London: Adam & Charles Black, 1968), 294; veja também Clark, “Apostleship,” 352; Jones, “Are There Apostles Today?,” 111.

4 TDNT, ἔσχατος.

evidente: a última vez que Jesus apareceu para constituir um apóstolo foi no caminho de Damasco. E, depois disto, nunca mais.

Foi este grupo limitado de apóstolos, de acordo com Paulo, que recebeu a revelação do misterioso plano de Deus da salvação, parte do qual consistia na inclusão dos gentios na igreja. A este grupo foi confiada a pregação do Evangelho aos judeus e gentios (Ef 3.5; cf. Cl 1.25-28). Para Paulo, a mensagem deles e a sua própria era o fundamento da igreja (1Co 3.10,11; Ef 2.20).⁵ É a este círculo restrito de apóstolos que Paulo está consciente de pertencer. Mas, quem são os outros a quem ele se refere como apóstolos? E em que sentido ele os chama assim?

Os estudiosos reconhecem que, além dos doze discípulos de Jesus, Paulo aparenta considerar como apóstolos a *Tiago*, o irmão de Jesus (Gl 1.19; 1Co 15.7), *Barnabé* (1Co 9.6; cf. At 14.4,14), *Silvano* (provavelmente Silas) e *Timóteo* (1Ts 1.1; 2.7), *Apolo* (1Co 4.6,9), seus parentes *Andrônico* e *Júnias* (Rm 16.7) e *Epafras* (Fp 2.25). Além disso, ele usa expressões tais como os "*demaís apóstolos*" (1Co 9.5), "*todos os apóstolos*" (1Co 15.7,9), "*outros apóstolos*" (Gl 1.18) e menciona irmãos que eram "*apóstolos das igrejas*" (2Co 8.23). Usei a expressão "aparenta considerar como apóstolos" porque, embora seja esta a impressão de uma primeira leitura casual das passagens mencionadas acima, diante de um exame mais acurado é possível se chegar à conclusão que, nem sempre, Paulo está, de fato, considerando aquelas pessoas como apóstolos. E, nos casos em que claramente ele está considerando, não é no mesmo sentido dos doze ou de si mesmo. Examinemos cada um destes casos.

Tiago

Paulo menciona Tiago, o irmão do Senhor, algumas vezes em Gálatas e em 1Coríntios. Em pelo menos duas destas ocasiões ele aparenta

5 Esta noção do fundamento apostólico da igreja remonta às palavras de Jesus a Pedro em Mt 16.18 e estão refletidas em Ap 21.14, conforme já vimos. Cf. Lincoln, *Ephesians*. "Fundamento" em Ef 2.20 não se refere às pessoas dos apóstolos e profetas, mas à sua pregação (Sandnes, *Paul*, 227-29). Uma vez lançado o fundamento, cessou a tarefa apostólica dos Doze e de Paulo, cf. F. David Farnell, "When Will the Gift of Prophecy Cease?", em *Bibliotheca Sacra*, 150, (April-June 1993), p.188.

associar Tiago com os apóstolos. Escrevendo aos gálatas, Paulo diz que numa visita que fez a Jerusalém encontrou-se com Pedro (a quem sempre chama de Cefas) e declara: "...e não vi *outro dos apóstolos, senão* Tiago, o irmão do Senhor" (Gl 1.19). Os dois pontos interpretativos mais importantes desta passagem são estes: quem são os "outros apóstolos" a que Paulo se refere e o sentido de "*senão*".

Começemos lembrando quem era Tiago. Ele é chamado por Paulo do "irmão do Senhor" para distingui-lo do apóstolo Tiago, filho de Zebedeu, um dos doze, que foi o primeiro do grupo a morrer martirizado (At 12.1-2). Embora alguns intérpretes desejem espiritualizar a expressão,⁶ pouca dúvida pode existir que se trata do meio-irmão de Jesus, que durante o tempo do ministério terreno dele permaneceu incrédulo, junto dos outros meios-irmãos de Jesus (Mt 13.55; Mc 3.31; Lc 8.19; Jo 7.3-5). Não sabemos ao certo, mas pode ser que a aparição de Jesus a ele, mencionada por Paulo em 1Coríntios 15.7, foi o momento de sua conversão. Ele aparece no livro de Atos, depois da morte do apóstolo Tiago, filho de Zebedeu, como o líder da igreja de Jerusalém (veja At 12.17; 15.13; 21.18) e é quase que certamente o autor da carta que traz o seu nome (cf. Tg 1.1).

Os "outros apóstolos" referidos por Paulo (Gl 1.19), são os doze, o único grupo a quem Paulo pode se referir como "apóstolos" tão cedo na história da igreja cristã sem precisar explicar quem são.⁷ Ademais, Pedro está entre eles e, momentos antes, Paulo havia se referido que em Jerusalém estavam aqueles que "já eram apóstolos" antes dele (Gl 1.17).⁸

A grande questão é a relação de Tiago, o irmão de Jesus, para com os doze. O que Paulo quis dizer com esta frase? "E não vi outro dos apóstolos, *senão* Tiago, o irmão do Senhor"? (Gl 1.19). A sentença é ambígua. Algumas vezes a expressão "a não ser" (εἰ μὴ) pode ser traduzida como "mas,"⁹ deixando a frase assim: "...e não vi outro dos apóstolos. *Mas*, vi a

6 Cf. Jamieson, *Commentary*, in loco.

7 A data em que a carta aos gálatas foi escrita é reconhecidamente difícil de ser estabelecida com precisão. De qualquer forma, qualquer que seja a teoria defendida, ela foi uma de suas primeiras cartas, escrita em torno do ano 50 d.C.

8 Cf. Longenecker, *Galatians*, 34,38. Cf. também Kirk, "Apostleship since Rengstorff", 260, que mesmo um pouco reticente concorda que se trata de uma referência aos doze.

9 Cf. Louw & Nida, *Greek-English lexicon of the New Testament*, 89.131.

Tiago, o irmão do Senhor". Se for isto que Paulo quis dizer, ele não estava incluindo Tiago entre os apóstolos de Cristo. De acordo com Timothy George, Paulo provavelmente quis dizer algo assim: "Durante o meu encontro com Pedro eu não vi nenhum dos outros apóstolos, a não ser que você esteja contando Tiago, o irmão do Senhor".¹⁰ Nesta mesma linha, Lange entende que, gramaticalmente, é decididamente mais fácil tomar "senão" (εἰ μὴ) no sentido de "mas".¹¹

Muito embora Paulo nesta mesma carta o mencione juntamente com Cefas e João como os "colunas" da igreja de Jerusalém, e mesmo que Paulo declare que eles reconheceram o seu apostolado aos gentios e lhe deram a destra da comunhão (Gl 2.9), dificilmente Paulo queria dizer com esta frase, "e não vi outro dos apóstolos, senão Tiago, o irmão do Senhor", que Tiago era um apóstolo como um dos doze. Conforme Spence-Jones observa, Paulo parece se referir a ele de maneira hesitante ao compará-lo com os doze. Segundo Spence-Jones, a razão para isso era que Paulo realmente não considerava Tiago como um dos apóstolos; todavia, por causa da posição que ele ocupava, como líder da igreja de Jerusalém, e pelo prestígio que ele gozava entre os apóstolos e demais irmãos, Paulo sentiu que cabia mencioná-lo aqui, ao afirmar que Cefas foi o único apóstolo que ele encontrou.¹² Alguns têm sugerido que a posição de Tiago, que era mais que um presbítero, mas menos que um apóstolo, era de "homem apostólico", uma designação para aqueles que assistiram Paulo e outros apóstolos, e a quem foram conferidos dons e graça apostólicos.¹³ Creio que a descrição "homem apostólico" é a que melhor define o status de Tiago. Todavia, isso ainda não o fazia um apóstolo de Cristo como Paulo e os doze.

10 Timothy George, *Galatians*, vol. 30, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994), 127–128.

11 John Peter Lange, Philip Schaff, et. al., *A Commentary on the Holy Scriptures: Galatians*, ed. M. B. Riddle, trans. C. C. Starbuck (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008), 26. Para uma posição contrária, veja Kenneth S. Wuest, *Wuest's Word Studies from the Greek New Testament: For the English Reader* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), Gl 1.19.

12 Spence-Jones, *Galatians*, 33.

13 Por exemplo, L. Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans publishing co., 1938), 585. Outros "homens apostólicos" seriam Marcos, Lucas, Judas (que além de pertencerem ao círculo dos apóstolos, foram inspirados para escrever livros do Novo Testamento) e talvez Barnabé. Cf. Vern Poythress, "What Are Spiritual Gifts?" em *Basic of the Faith Series* (New Jersey: P&R Publishing, 2010), 15 e 18.

Paulo parece se referir outra vez a Tiago como um apóstolo em 1Coríntios, numa passagem de difícil interpretação:

E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem. Depois, foi visto por *Tiago*, mais tarde, por *todos os apóstolos* e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo. Porque eu sou o menor dos *apóstolos*, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus (1Co 15.5-9).

Aqui Paulo está enumerando uma série de pessoas a quem Jesus apareceu após a sua ressurreição e que poderiam confirmar, como testemunhas oculares, que ele havia ressurgido dos mortos: Cefas, os doze, mais de quinhentos irmãos, Tiago e, por fim, ele próprio, Paulo. Esta lista não foi criada por Paulo. Fazia parte da tradição que ele havia recebido, “antes de tudo, vos entreguei o que também recebi” (1Co 15.3), juntamente com os fatos acerca da morte e da ressurreição do Senhor, conforme as Escrituras (1Co 15.1-4). A lista menciona uma aparição particular a Cefas, da qual temos notícia em Lucas: “O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão!” (Lc 24.34). Aos doze, ele apareceu várias vezes, após a ressurreição, conforme os Evangelhos (cf. Mt 28.17; Mc 16.14; Lc 24.36-43; Jo 20.19,16; At 1.2-3; 10.41). Dos mais de quinhentos irmãos, alguns ainda vivos na época de Paulo, nada sabemos, a menos que Mateus 28.10 se refira a este evento. E, em seguida, vem esta aparição particular a Tiago, que, conforme já mencionamos acima, pode ter sido a ocasião de sua conversão a Jesus, como o Filho de Deus. O que nos interessa mais diretamente é que Paulo, continuando a lista das aparições, diz que Jesus, depois de ter sido visto por Tiago, foi visto “mais tarde, por *todos os apóstolos*”. A grande questão é, quem seriam “*todos os apóstolos*” a quem Paulo se refere e se Tiago estaria incluído entre eles.

Quanto à identidade de “*todos os apóstolos*,” as possibilidades são estas: (1) os doze; (2) todos os desta lista, incluindo os quinhentos ir-

mãos e Tiago; (3) um grupo de outras pessoas, fora desta lista, a quem Jesus apareceu e que já eram apóstolos antes disso. Esta última possibilidade nos parece a menos provável por vários motivos. Paulo dificilmente os teria chamado de apóstolos antes de terem visto o Senhor. Fica difícil imaginar que durante os 40 dias em que Jesus apareceu aos doze (At 1.2-3) surgiu um outro grupo de apóstolos aos quais, durante uma reunião em que estavam todos juntos, Jesus lhes apareceu, vivo. Quem eram? Quem os constituiu apóstolos antes de terem visto a Jesus? A existência de um grupo assim, além dos doze, e que eram também testemunhas oculares da ressurreição, dificilmente teria passado despercebida nos relatos das aparições nos Evangelhos e no início do livro de Atos. Notemos que os mais de quinhentos a quem Jesus apareceu são mencionados apenas como “irmãos”.

A segunda possibilidade, que “todos os apóstolos” se refere a Cefas, os mais de quinhentos e Tiago, foi defendida inclusive por Crisóstomo, que pensava que era uma referência a todos da lista e mais os setenta que haviam sido enviados por Jesus.¹⁴ Contudo, esta interpretação tem contra ela a inferência de que Paulo estaria considerando estes mais de quinhentos irmãos e Tiago como apóstolos de Jesus Cristo, no mesmo nível de Cefas e dele mesmo.

Parece-nos que a explicação menos complicada é que Paulo está se referindo aos doze.¹⁵ Lembremos que esta lista, mesmo se não for exaustiva (as aparições às mulheres e aos dois no caminho de Emaús não estão incluídas), é uma sequência histórica das aparições de Jesus após a ressurreição. Jesus apareceu a Pedro, isoladamente. Depois, apareceu aos doze, juntos – menos Judas Iscariotes, é claro. Depois a mais de quinhentos irmãos de uma só vez e em seguida a Tiago. E mais tarde, foi visto, outra vez, por todos os apóstolos, isto é, pelos doze, provavelmente no momento da sua ascensão aos céus (Lc 24.50).¹⁶ Esta interpretação deixa Tiago

14 Cf. Jamieson, *Commentary*, 1Co 15.7.

15 Como Clark, “Apostleship,” 351-353, embora de maneira indireta. Para uma argumentação contrária, veja Kirk, “Apostleship since Rengstorf,” 257, que defende que se trata de uma referência a apóstolos “no sentido mais amplo possível”.

16 Robertson, *Word Pictures*, 1Co 15.7.

de fora de “todos os apóstolos”, já que a expressão é uma referência aos doze. Pode ser objetado que Paulo já havia mencionado os doze no início da lista. Contudo, isso não é um problema, visto que a lista é uma relação das aparições em sequência temporal.¹⁷ Pode ser também questionado por que Paulo se refere aos doze como “todos os apóstolos”. Mas, se considerarmos que ele fez menção a uma aparição individual a Cefas e que as primeiras aparições aos doze foram antes da nomeação de Matias como substituto de Judas, quando o grupo estava incompleto, faz sentido a referência aos doze como “todos os apóstolos”. Especialmente se esta aparição ocorreu depois da nomeação de Matias.

Notemos, por fim, mais dois argumentos a favor da interpretação de que “todos os apóstolos” são os doze. Após listar as aparições do Cristo ressurreto, sendo ele o último a quem o Senhor apareceu, Paulo declara que é “o menor dos apóstolos” (1Co 15.9). Todavia, mesmo sendo o menor de todos e mesmo indigno de ser considerado apóstolo, Paulo declara que, pela graça de Deus, trabalhou mais do que todos eles (1Co 12.10). Ora, esta comparação, tanto de ser o menor dos apóstolos, quanto de ter trabalhado mais do que todos eles, só faz sentido se os apóstolos aqui referidos são os doze. Os coríntios, conforme já mencionamos, criticavam Paulo por ser um apóstolo inferior e não fazer parte do grupo dos doze apóstolos de Cristo. Logo, é com eles que Paulo se compara aqui. O outro argumento se baseia nos versículos seguintes a esta comparação, quando Paulo diz que se Cristo não ressuscitou, então “somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo” (1Co 15.15). Só havia um grupo naquela época a quem Paulo poderia se associar como testemunha oficial da ressurreição de Cristo, cuja pregação servia de base para a fé da igreja: os doze. Portanto, deve restar pouca dúvida de que a expressão “todos os apóstolos” (1Co 15.7) se refere aos doze apóstolos de Jesus Cristo.¹⁸

17 “Depois” (4 vezes em 1Co 15.5-7) é a tradução de ἔπειτα ou εἰτα, “um ponto no tempo seguindo outro ponto” (Louw & Nida).

18 Kistemaker (1 Corinthians, 533) concorda que em 1Co 15.7 “todos os apóstolos” significa os doze (v. 5), mas a expressão pode ser mais ampla, mesmo se Tiago, que não fazia parte dos doze, não for incluído (cf. Herman Ridderbos, *Paul: An Outline of His Theology* [Grand Rapids: Eerdmans, 1975], 449, n. 61). Nesta

Assim, não podemos ter certeza de que em Gálatas 1.19 e 1Coríntios 15.5-9 Paulo está considerando Tiago como um apóstolo semelhante aos doze e a si mesmo. Ambas as passagens são reconhecidamente difíceis de entender e, portanto, não podemos usá-las de maneira assertiva para incluir Tiago no rol dos apóstolos de Jesus Cristo. A descrição “homem apostólico” é a que melhor define seu *status*.

Apolo

Um dos assuntos que Paulo trata em 1Coríntios é o questionamento levantado por alguns da igreja de Corinto quanto à legitimidade de seu apostolado. Ele não havia acompanhado Jesus durante o seu ministério terreno e não fazia parte dos doze, tendo sido chamado depois deles para o ministério entre os gentios. Estes fatos faziam com que Paulo tivesse de defender-se constantemente de insinuações de que ele era um apóstolo inferior aos doze, um apóstata do judaísmo ou então que era um mercenário interessado em retorno financeiro das igrejas que fundava. Era com base nestas insinuações que um grupo na igreja de Corinto questionava os direitos de Paulo como apóstolo de Cristo.

Em 1Coríntios Paulo se defende pelo menos duas vezes destas insinuações e acusações (1Co 4.1-21; 9.1-27). Na primeira, sua apologia é também em favor de Apolo: “Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa... porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte” (1Co 4.6,9). Alguns estudiosos defendem que Paulo está incluindo Apolo na expressão “nós, os apóstolos”, uma vez que Apolo é citado no contexto (cf. 1Co 4.6). Não é de admirar, portanto, que estes estudiosos defendam que Apolo era um dos muitos apóstolos que havia na igreja cristã nascente.¹⁹ A melhor maneira de entender esta conexão é examinarmos o contexto em que ela ocorre.

mesma linha vai Clark, “Apostleship,” 361-363, que autores renomados como F. F. Bruce, Murphy-O'Connor and F. Godet como apoio.

19 Um bom exemplo é Andrew Wilson, “Apostle Apollos?” em *Journal of Evangelical Theological Society*, 56/2 (2013), 325-336.

Em 1Coríntios 4.6-13 Paulo procura corrigir a atitude tola dos coríntios de se vangloriarem de serem discípulos de homens (cf. “Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo”, 1Co 3.4) enfatizando o fato que tanto ele, Paulo, quanto Apolo nada mais são do que servos através dos quais eles vieram a crer, e isto de acordo com o propósito do Senhor para cada um (1Co 3.5-9; cf. 4.1). Seus ministérios abençoados entre os coríntios – Apolo havia servido como pastor lá, depois de Paulo – se deviam à operação de Deus, como o crescimento de uma semente que é plantada (1Co 3.6-9). Paulo, como um apóstolo de Cristo, havia lançado o fundamento de acordo com a graça que havia sido dada a ele (1Co 3.10). Os ministérios subsequentes – inclusive o de Apolo – seriam julgados “no dia” (1Co 3.12-15), e aqueles que estivessem promovendo as divisões entre eles seriam severamente repreendidos por Deus (1Co 3.16-17).²⁰

Em seguida Paulo exorta os coríntios a se gloriar somente no Senhor e a abandonar as divisões (1Co 3.18-4.5), e conclui tomando seu exemplo e o de Apolo como base para esta exortação à humildade: “*Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa...*” (1Co 4.6). Em seguida vem uma exortação severa aos coríntios na forma de uma ironia de Paulo, em que ele compara seus sofrimentos com aquilo que os coríntios pensavam a respeito de si mesmos (1Co 4.8-13).²¹ E neste tom irônico, ele diz: “Porque a mim me parece que Deus nos pôs *a nós, os apóstolos*, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens” (1Co 4.9).

Parece evidente que “*nós, os apóstolos*,” é uma referência de Paulo a si mesmo e aos doze. Apolo não está incluído aqui por várias razões. Primeira, não há qualquer registro de que ele tenha passado pelo enorme catálogo de sofrimentos que Paulo apresenta aqui como credenciais dos apóstolos. Segundo, Paulo foi o fundador da igreja de Corinto e Apolo apenas continuou o trabalho já começado. E, por fim, como já notamos, a

20 Bruce, *1 and 2 Corinthians*, 45.

21 Veja uma análise mais profunda desta passagem em Augustus Nicodemus Lopes, *Uma Igreja Complicada* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011), capítulo 12.

expressão “Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa” (1Co 4.6) se aplica ao que Paulo disse antes e não aos sofrimentos que ele descreve depois.²²

É verdade que Paulo menciona Apolo várias vezes na passagem como alguém associado a ele. Mas, esta associação se deve ao fato de que Apolo foi aquele que veio a Corinto continuar a obra que Paulo havia começado – eles eram, portanto, cooperadores de Deus na obra em Corinto (1Co 3.4-9). Essa associação vai somente até o final da seção em que Paulo está lidando com as divisões (1Co 3.21-23). Em seguida, Paulo inicia outra seção, que embora esteja ligada aos temas anteriores, se constitui num novo desenvolvimento deles, que é a defesa contra as insinuações e críticas de alguns grupos da igreja quanto ao seu apostolado. Assim, ao dizer no início da seção que “importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus” (1Co 4.1), ele tem em mente os apóstolos de Cristo, especialmente Pedro que é mencionado no contexto, como servos da igreja e ministros de Cristo.²³ A conclusão é que, quando Paulo diz “nós, os apóstolos” (1Co 4.9), ele já havia deixado Apolo para trás na argumentação, e tem em mente aquele grupo formado por ele e pelos doze.

Portanto, é no mínimo incerto que Paulo tenha se referido a Apolo como um apóstolo. O mais provável é que não, até porque Apolo veio a Corinto como pastor e mestre, para continuar o trabalho iniciado por Paulo.

Barnabé

Na segunda vez em que se defende, nesta carta, das insinuações dos coríntios contra o seu apostolado, Paulo inclui Barnabé em sua justificação: “não temos nós [eu e Barnabé] o direito de comer e beber? E também o de fazer-nos acompanhar de uma mulher irmã, como fazem os demais

22 Veja Clark, “Apostleship,” 357, que também argumenta em favor desta posição.

23 Cf. G. Bornkamm, *μυστήριον*, em TDNT, 4:821. Cf. também as observações de Brown (Raymond Brown, *The Semitic Background of the Term “Mystery” in the New Testament*. FBBS, 21, ed. J. Reumann [Philadelphia: Fortress Press, 1968], 44): “O que é de particular interesse aqui [1Co 4.1] é que Deus designou os apóstolos como *oikonomoi* [despenseiros] dos mistérios de Deus”.

apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas? Ou somente eu e Barnabé não temos direito de deixar de trabalhar?” (1Co 9.4-6).²⁴ O contexto parece indicar que Paulo considera Barnabé como um apóstolo, com direitos iguais aos seus e aos direitos dos doze.²⁵

O que precisa ser explicado com relação a esta passagem é o motivo pelo qual Paulo inclui Barnabé em sua defesa do direito de receber sustento da igreja de Corinto especialmente porque sua argumentação gira em torno de uma comparação deste direito com o direito dos “demais apóstolos”, os irmãos do Senhor e Cefas, o líder dos doze. Esta comparação não faria de Barnabé um apóstolo como eles, reforçando assim a ideia de que havia apóstolos como Paulo e os doze naquela época?

Acredito que não, pelos seguintes motivos. Primeiro, a palavra “apóstolo” é usada por Paulo em mais de um sentido, conforme já vimos acima e ainda veremos na análise de textos similares. Aqui em 1 Coríntios 9.4-6 os “demais apóstolos” referidos por Paulo são apóstolos de igrejas locais e que eram conhecidos dos coríntios, talvez porque já haviam passado por lá. Todos eles, por serem enviados de uma igreja para pregar o Evangelho, tinham o direito de viver do Evangelho, isto é, de obter seu sustento das contribuições das igrejas por eles plantadas.

Segundo, Paulo e Barnabé podem ser categorizados juntos, como apóstolos, neste sentido da palavra. Ambos foram enviados pela igreja de Antioquia para uma obra de evangelização dirigida pelo Espírito Santo (At 13.1-3). É nesta condição que Lucas se refere a Paulo e Barnabé como “apóstolos”, ao relatar a oposição que ambos receberam dos judeus na cidade de Antioquia da Psídia: “Dividiu-se o povo da cidade: uns eram pelos judeus; outros, pelos *apóstolos*” (At 14.4). Mais adiante, ao narrar a obra de evangelização dos dois em Listra e a reação da multidão diante da cura de um coxo de nascença, Lucas outra vez se refere a eles como apóstolos: “Ouvindo isto, os *apóstolos* Barnabé e Paulo, rasgando as suas vestes, sal-

24 James D. G. Dunn defende que não há qualquer indicação nesta passagem e seu contexto de que os coríntios estavam questionando os direitos de sustento de Paulo (1 *Corinthians* [Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995], p. 60) e que Paulo teria introduzido o assunto por si mesmo. Contudo, esta explicação deixa sem sentido a referência de Paulo aos que o “interpelam”, que é a causa dele apresentar esta “defesa” (1Co 9.3).

25 Como defende, por exemplo, Clark, “Apostleship,” 355.

taram para o meio da multidão, clamando: Senhores, por que fazeis isto?" (At 14.14). O fato de Barnabé ser mencionado como apóstolo ao lado de Paulo não o torna um apóstolo como Paulo. Pois, Paulo era apóstolo em dois sentidos: o primeiro, como apóstolo de Jesus Cristo aos gentios, por ele constituído na aparição no caminho de Damasco. O segundo, como enviado pela igreja de Antioquia para a obra de evangelização. Barnabé é apóstolo tanto quanto Paulo neste último sentido.²⁶ Uma comparação que talvez nos ajude a entender é que Pedro se apresenta em sua primeira carta como "apóstolo de Jesus Cristo" (1Pe 1.1) e também como "presbítero" (1Pe 5.1). Neste sentido, uma referência do tipo "os presbíteros Pedro e Nicolau (nome fictício)" não faria de Nicolau um apóstolo como Pedro e, ao mesmo tempo, estaria correta, pois Pedro era também um presbítero. É assim que devemos entender "os apóstolos Paulo e Barnabé" (At 14.14).

Terceiro, o contexto de 1Coríntios 9.4-6 requer que o sentido de "demais apóstolos" seja, de fato, o de enviados de igrejas locais para a obra de evangelização: Paulo se refere à conversão dos coríntios como resultado de seu trabalho de pregação (1Co 9.1), se refere a si mesmo como sendo apóstolo para os coríntios (1Co 9.2), e ao fato de que os demais apóstolos comiam e bebiam e sustentavam sua família em viagens missionárias com as ofertas das igrejas. A menção em separado a Cefas, que era um dos doze, se deve provavelmente ao fato de que ele era um dos líderes prediletos em torno de quem os coríntios haviam criado um dos seus partidos (cf. 1Co 1.12): "até Cefas usa de seus direitos".

Ainda é importante notar que Barnabé e Tito estavam com Paulo quando ele esteve em Jerusalém para um encontro com os apóstolos (Gl 2.1). O assunto do encontro era a missão de Paulo aos gentios. Paulo, mesmo tendo Barnabé e Tito ao seu lado, diz que expôs aos "colunas" o Evangelho que *ele* pregava entre os gentios (Gl 2.2) e fala do *seu* apostolado aos gentios e da graça que *lhe* fora dada (Gl 2.8-9). Nem Barnabé e nem Tito são incluídos no apostolado aos gentios. A destina de comunhão estendida a eles é apenas na qualidade de companheiros de Paulo e parceiros de missão (Gl 2.9). Nas palavras de Spencer-Jones, "Paulo é

26 Veja a defesa deste ponto em Jones, "Are There Apostles Today?", 113.

distinguido de ambos em Gálatas capítulo 2. Reconheceu-se que o evangelho da incircuncisão foi confiado a Paulo *exatamente* como o evangelho da circuncisão foi confiado a Pedro”.²⁷

Nossa conclusão, portanto, é que Barnabé era apóstolo no sentido mais amplo da palavra, como também muitos outros eram assim nomeados naquela época. Eram irmãos enviados por igrejas locais para a obra de evangelização pioneira, para a plantação de novas igrejas em locais ainda não evangelizados. Usada neste sentido, a palavra “apóstolo” descreve a função deles, de enviados em missão. Teoricamente ela poderia ser empregada em nossos dias para designar aqueles que são enviados para o campo missionário, para fazer a obra de evangelização e plantar novas igrejas (como Barnabé, Silas e Timóteo), ou para aqueles que são representantes ou delegados de igrejas em missões de outra natureza (como Epafrodito e os dois irmãos de 2Co 8.23). Duas cautelas, entretanto. Primeira, a palavra “apóstolo” nunca é usada no Novo Testamento como um título, a não ser para os doze e Paulo. Quando usada em referência aos outros, ela simplesmente designa a função que exerciam, sem qualquer conotação de ofício ou exercício de autoridade sobre as igrejas e seus obreiros e líderes. Segundo, os modernos apóstolos não teriam, tecnicamente, o direito de usar a palavra nem como título e nem como descritiva de sua função por uma razão muito simples: eles não são enviados de igrejas locais para abrir novas igrejas na fronteira missionária. Na quase totalidade dos casos, são pessoas que abrem suas próprias comunidades, geralmente advindos de um cisma ou divisão, e que permanecem sempre na mesma cidade onde constroem a sede de sua nova denominação – coisas completamente alheias aos apóstolos-missionários do século I.

Silas e Timóteo

Após haver sido expulso de Tessalônica pelos judeus, Paulo escreve uma carta à igreja recém-fundada, incluindo Silvano e Timóteo no ca-

27 Spencer-Jones, “Are There Apostles Today?”, 113.

